

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
COORDENAÇÃO GERAL DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM TEOLOGIA

WESCLEY PAULO PEREIRA DE MELO

**AS SANTAS MISSÕES POPULARES NA DIOCESE DE MOSSORÓ  
2005 – 2008: À LUZ DO MAGISTÉRIO DA IGREJA**

RECIFE – PE

2019

WESCLEY PAULO PEREIRA DE MELO

**AS SANTAS MISSÕES POPULARES NA DIOCESE DE MOSSORÓ  
2005 – 2008: À LUZ DO MAGISTÉRIO DA IGREJA**

Dissertação de mestrado em teologia apresentada à Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Teologia.

**Área de Concentração:** Teologia Prática – Pastoral.

**Linha de pesquisa:** Práxis Pastoral e Experiência Religiosa.

**Orientador:** Prof. Dr Degislando Nóbrega de Lima.

RECIFE – PE

2019

M528s      Melo, Wesley Paulo Pereira de  
                    As santas missões populares na Diocese de Mossoró :  
2005-2008: à luz do magistério da igreja / Wesley Paulo Pereira de Melo, 2019.  
135 f.

Orientador: Degislando Nóbrega de Lima.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco.

Programa de Pós-graduação em Teologia. Mestrado em Teologia, 2019.

1. Igreja Católica. Diocese de Mossoró. 2. Missionários. 3. Missões. I. Título.

CDU 266(81)

Ficha catalográfica elaborada por Mércia Maria R. do Nascimento – CRB-4/788

Aos meus pais e à toda família que me ensinaram a buscar ser na vida uma pessoa sempre melhor, à minha Diocese de Santa Luzia de Mossoró, e aos (as) amigos (as) tão importantes neste itinerário.

## AGRADECIMENTOS

Ao bom Deus, aos meus pais Antônio Pereira de Melo e Sônia Maria Lima Melo, e Sandra Maria Lima Melo. Aos meus padrinhos Antônio Filemon e Mario José. A todos (as) familiares que rezaram, torceram e de alguma forma participaram deste momento.

À CAPES e a Universidade Católica de Pernambuco que disponibilizaram as condições necessárias para a concretude deste sonho.

O obrigado à minha Diocese de Santa Luzia de Mossoró nas pessoas de Dom Mariano Manzana e Pe Flávio Augusto Forte Melo pelo apoio conotado. *In memoriam* ao Mons. Américo Vespúcio Simonetti.

À Faculdade Católica do Rio Grande do Norte – FCRN – nas pessoas dos Pe Satiro Cavalcanti Dantas e Pe Charles Lamartine.

Aos irmãos (as) da turma 2017.1 e aos amigos (as) que se fizeram um comigo nesta importante jornada da minha vida.

Ao Lar Sacerdotal pela acolhida e convivência fraterna nos anos de 2017 – 2019.

Vemos assim que o compromisso evangelizador se move por entre as limitações da linguagem e circunstâncias. Procura comunicar cada vez melhor a verdade do Evangelho num contexto determinado, sem renunciar à verdade, ao bem e à luz que pode dar quando a perfeição não é possível. Um coração missionário está consciente destas limitações, fazendo-se “fraco com os fracos (...) e tudo para todos” (1 Cor 9, 22). Nunca se fecha, nunca se refugia nas próprias seguranças, nunca opta pela rigidez auto-defensiva. Sabe que ele mesmo deve crescer na compreensão do Evangelho e no discernimento das sendas do Espírito, e assim não renuncia ao bem possível, ainda que corra o risco de sujar-se com a lama da estrada.

Papa Francisco

## RESUMO

A missão na História da Igreja sempre foi uma ação importante para fazer com que Jesus Cristo fosse anunciado e conhecido ao ser humano. Encontramos em diversas passagens bíblicas a instrução missionária de levar aos confins da Terra a Boa Notícia da Salvação. A perspectiva missionária ganhou espaço de destaque na Igreja do século XX inspirada na eclesiologia do Concílio Ecumênico Vaticano II continuada por outros documentos do Magistério. O caráter eclesiológico e missiológico foi tão marcado por meio das suas Constituições e seus decretos. Ao intuir a ação evangelizadora da Igreja no contexto local é que o tema da presente pesquisa trata sobre a missão na Diocese de Mossoró 2005-2008: à luz do Magistério da Igreja. Buscaremos perceber quais foram as suas ações prioritárias realizadas para animar as comunidades de fé segundo o discipulado e a missionariedade de Cristo. E discernir como trilhar novos caminhos para a continuidade da missão confiada por Cristo a sua Igreja. Por se tratar da dimensão evangelizadora, percebe-se que a pesquisa abrange a missão continuada do discípulo missionário. Novas ações são pensadas para que se atualize ação da Igreja no mundo, segundo a dinâmica missionária. Esse foi o caminho adotado na Igreja em toda América Latina, em especial no Brasil, e refletida na região Oeste potiguar. A problemática gira em torno de uma missão autêntica, continuada e efetiva. Como entender, pensar e realizar a missão? Como ser mais presente na vida das pessoas? O nosso objetivo é analisar uma igreja em saída, mas que precisa atualizar o essencial da missão como inerente a vida da Igreja. Evitar-se-á deste modo resume-se a momentos fortes, correndo o risco de serem denominados de eventos, e o essencial da missão tornar-se secundário. A tipologia dissertativa a ser aplicada na presente pesquisa será feita mediante documentos primários, atas de reuniões e pesquisas bibliográficas. Endossados pelo referencial teórico: a *Lumen Gentium*, *Gaudium et Spes* e *Ad Gentes*; a posterior na *Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI; na V CELAM; na *Evangelii Gaudium* de Francisco; e José Comblin. O desenvolver do trabalho apresenta a necessidade de a Igreja local viver a missão continuada, permanente.

**Palavras-chave:** Missão. Discípulo Missionário. Diocese de Mossoró.

## ABSTRACT

The mission in the history of the Church has always been an important action to make Jesus Christ announced and known to the human being. We find in several biblical passages the missionary instruction to bring to the ends of the earth the Good News of Salvation. The missionary perspective gained prominence in the Church of the twentieth century inspired by the ecclesiology of the Second Vatican Ecumenical Council continued by other documents of the Magisterium. The ecclesiological and missiological character was so marked by its Constitutions and decrees. In intuiting the Church's evangelizing action in the local context, the theme of this research is about the mission in the Diocese of Mossoró 2005-2008: in the light of the Magisterium of the Church. We will try to understand what their priority actions were to animate communities of faith according to the discipleship and the missionary nature of Christ. And discern how to tread new paths for the continuity of the mission entrusted by Christ to his Church. Because it deals with the evangelizing dimension, it is perceived that the research encompasses the continued mission of the missionary disciple. New actions are designed so that the Church's action in the world can be updated according to the missionary dynamic. This was the path adopted in the Church throughout Latin America, especially in Brazil, and reflected in the western region of Potiguar. The problem revolves around an authentic, continuous and effective mission. How to understand, think and accomplish the mission? How to be more present in people's lives? Our goal is to look at an outgoing church, but it needs to actualize the essentials of mission as inherent in the life of the Church. It will be avoided in this way resumes itself to strong moments, running the risk of being denominated of events, and the essential of the mission becomes secondary. The dissertation typology to be applied in the present research will be done through primary documents, minutes of meetings and bibliographical researches. Endorsed by the theoretical reference: *Lumen Gentium*, *Gaudium et Spes* and *Ad Gente*; to later in the *Evangelii Nuntiandi* of Paul VI; in V CELAM; in *Evangelii Gaudium* de Francisco; and José Comblin. The development of the work presents the need for the local Church to live the ongoing, permanent mission.

**Keywords:** Mission. Missionary disciple. Diocese of Mossoró.



## ABREVIATURAS

AD – *Ad Gentes*

AA – *Apostolicam Actuositatem*

CEB – Comunidades Eclesiais de Base

V CELAM - V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CPMGJ - Comissão Pastoral e Missionária do Grande Jubileu do ano 2000

CPT – Comissão Pastoral da Terra

DPa – Documento de Aparecida

DSLML – Diocese de Santa Luzia de Mossoró

EG – *Evangelii Gaudium*

EN – *Evangelii Nuntiandi*

FDM – Faculdade Diocesana de Mossoró

FCRN – Faculdade Católica do Rio Grande do Norte

GS – *Gaudium es Epes*

LG – *Lumen Gentium*

MEB – Movimento de Educação de Base

PP – *Princeps Pastorum*

PT – *Pacem In Terris*

TL – Teologia da Libertação

SEAPAC – Serviços de Apoios a Projetos Alternativos

SMP – Santas Missões Populares

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	<b>11</b>
<b>I. Alguns elementos bíblicos da Missão</b> .....	<b>15</b>
1.1. A missão na Bíblia.....	16
1.2. A missão no Antigo Testamento.....	19
1.2.1. A missão no Pentateuco.....	19
1.2.2. A missão na Literatura Profética.....	23
1.3. A missão no Novo Testamento.....	29
1.3.1. Os Evangelhos Sinóticos e os Atos dos Apóstolos.....	30
1.3.2. A Literatura Joanina.....	37
1.3.3. A Literatura Paulina.....	39
<b>II. A missão no Vaticano II e o Pós-Concílio</b> .....	<b>45</b>
2.1. Concílio Ecumênico Vaticano II: pontes e perspectivas.....	45
2.2. O contexto pré-concílio Vaticano II.....	46
2.3. A caracterização do Concílio nas Constituições e Decreto.....	50
2.3.1. A Constituição Dogmática Lumen Gentium - sobre o mistério da Igreja.....	52
2.3.2. A Constituição Pastoral Gaudium et Spes - sobre a Igreja no mundo hoje.....	63
2.3.3. O Decreto Ad Gentes - sobre a atividade missionária da Igreja.....	67
2.4. A missão na perspectiva da Evangelii Nuntiandi.....	72
<b>III. As Santas Missões Populares na Diocese de Mossoró 2005 - 2008: à luz do Magistério da Igreja</b> .....	<b>82</b>
3.1. Um breve histórico do início da Diocese de Mossoró.....	82
3.1.1. Um situar histórico e organizacional da Diocese.....	86
3.2. A essência da missão e um novo jeito de agir.....	89
3.3. As mudanças e os desafios de uma nova época.....	92
3.4. A missão segundo o Documento de Aparecida.....	94
3.5. As Santas Missões Populares como proposta missionária.....	105
3.6. A experiência Missionária na Diocese de Mossoró 2005 - 2008.....	110
3.6.1. As Santas Missões Populares em Mossoró.....	111
3.6.2. Alguns progressos e regressos no processo das Santas Missões Populares.....	120

<b>Conclusão .....</b>	<b>126</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>130</b>
<b>Referências .....</b>	<b>132</b>

## INTRODUÇÃO

A missão na História da Igreja sempre foi uma ação importante para fazer com que Jesus Cristo fosse anunciado e conhecido ao ser humano. Dá a ele condições de se fazer presente em uma comunidade de fé, onde se desenvolvem os valores da convivência – comunhão fraterna, partilha.

A Diocese de Santa Luzia de Mossoró (criada no dia 18 de novembro de 1934) teve desde o seu início uma concisa marca missionária. Tendo em vista a ação evangelizadora desta igreja particular é que o tema da presente pesquisa trata sobre a missão na Diocese de Mossoró 2005 - 2008: à luz do Magistério da Igreja.

A presente investigação tenta compreender a ação missionária na Diocese de Mossoró 2005 – 2008: à luz do Magistério da Igreja. Perceber quais foram as suas ações prioritárias realizadas para animar as comunidades de fé na busca do discipulado e da missão de Cristo. O método adotado das Santas Missões Populares suas aplicações e implicações. Essa caminhada eclesiológica, ao que se vê deve ser conhecida, estimulada e documentada. Entendemos que um povo é o reflexo de sua história. A Igreja nesse sentido é um reflexo da ação de Jesus Cristo presente na história.

Compreender os elementos presentes na atuação da Diocese de Mossoró é discernir como trilhar novos caminhos para a continuidade da missão confiada por Cristo a sua Igreja. A missão da Diocese de Santa Luzia de Mossoró no início do século XXI é um tema que possui uma centralidade eminentemente missionária.

O tema em si possui um caráter eclesiológico, missiológico. Por se tratar da dimensão evangelizadora, percebe-se que a pesquisa abrange a dimensão da missão continuada do discípulo missionário. Tratam-se alguns aspectos que acompanham a mudança de época vivida na Igreja do Brasil, em especial no Oeste potiguar.

É importante destacar que todas as vezes que usarmos as palavras ou expressões Igreja, missão, discípulos missionários, comunidades, ação pastoral, evangelização, eclesiologia e povo de Deus (categoria do Concílio Vaticano II) estaremos fazendo menção a todos e todas que compõem o corpo eclesiológico da Igreja (leigos, hierarquia, organismos, etc.).

Dois motivos justificam o itinerário delimitado para esta pesquisa: em primeiro lugar, porque a missão da Diocese de Mossoró possui uma literatura que pode ser ampliada, devido ao fato de raríssimos autores escreverem sobre sua história. Segundo lugar, porque a análise da evangelizadora da Diocese de Mossoró, no início deste século, é vista como um tema inovador por se entender que não existe um trabalho que tenha abordado tal tema na perspectiva analisada.

Sabe-se que esta ação possui um histórico documentado diminuto. Faz-se necessário reler a história atualizando-a, de modo a proporcionar para a comunidade acadêmica para todos e todas que fazem atualmente a instituição eclesial, aos pesquisadores, pesquisadoras, teólogos, teólogas, historiadores, historiadoras e demais interessados. Destacar os rumos que foram tomados no início desse novo período que marca essa trajetória histórica.

A evangelização na Diocese de Santa Luzia de Mossoró, a partir de 2005, é marcada por uma mudança de época. O governo episcopal passa por um momento de transição, Dom José Freire de Oliveira Neto dispõe a governança ao seu sucessor, Dom Mariano Manzana. Novas ações são pensadas para que se atualize um novo jeito de ser da Igreja, segundo a dinâmica missionária. Esse foi o caminho adotado na Igreja em toda América Latina, em especial no Brasil, e refletida na região Oeste potiguar.

É óbvia a necessidade de estudar as diversas mudanças próprias do mundo contemporâneo. Como entender, pensar e realizar a missão? Como ser mais presente na vida das pessoas?

Construindo um círculo vivo entre fé e ação. Deus que age na história, mergulha no tempo e espaço, se compromete com o ser humano. O homem e a mulher, por sua vez, devem fazer com que essa horizontalidade que existe entre ambos seja externada na resposta ao chamado Divino. Assumir a missão que lhe foi confiada.

Outro ponto que chama atenção é a complexidade que se tem de realizar a missão em uma cidade polo, uma cidade grande e em contraste as cidades e as comunidades menores. Na cidade grande, porém, a vida tem outro ritmo e outras possibilidades.

Na metodologia de pesquisa bibliográfica adotamos o método dedutivo. A tipologia dissertativa a ser aplicada na presente pesquisa será feita mediante livros e

documentos primários, atas de reuniões, pesquisas bibliográficas. Por motivos metodológicos e para compreensão fizemos um corte temporal entre os anos de 2005 – 2008.

O foco em torno da missão dar-se-á, como referencial teórico, nos Documentos da Igreja: o Concílio Vaticano II em especial a *Lumen Gentium*, *Gaudium et Spes* e *Ad Gente*; na *Evangelli Nuntiandi* de Paulo VI; na V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe (13 – 31 de maio de 2007); e José Comblin.

Vale salientar que foi um itinerário pavimentado por outras obras do magistério da Igreja, pelos teólogos ou outros pesquisadores. A missão é tema instigante. O desafio de identificar a ação missionária permanece. A estrutura e o conteúdo desenvolvido ajudarão na compreensão e aprofundamento missiológico segundo o enfoque proposto.

No início do trabalho revisitamos a Sagrada Escritura enquanto fonte. O Capítulo I visa trabalhar alguns aspectos bíblicos da missão. Abordamos as perspectivas da hermenêutica, epistemologia e exegese bíblicas de alguns textos pré-selecionados. Adotamos a estrutura clássica do Antigo Testamento e do Novo Testamento. Divididos nos blocos do Pentateuco, da literatura profética, da literatura sapiencial, dos evangelhos sinóticos e os Atos dos Apóstolos, da literatura paulina e da literatura joanina. Baseamo-nos como referencial teórico: “Os fundamentos Bíblicos da Missão” dos organizadores Donalde Senior; Carrol Stuhlmüller e “Dicionário Bíblico” de John L. Mckenzie discorreremos os principais apontamentos da Bíblia para a temática proposta.

Nas diversas citações destacamos o chamado de Deus às pessoas simples na incumbência de assumir a missão específica de transmitir sua mensagem de salvação. Nesta transmissão de fé o que mais importa é a disponibilidade e adesão pessoal e não as faculdades mentais aguçadas ou o status social.

No segundo capítulo recorreremos ao Magistério para ligar as Escrituras às práticas missionárias nas mais diversas realidades. Os documentos da Igreja lembram-nos a necessidade de todos os cristãos darem testemunho da Boa-Nova. Contextualizamos a situação que o mundo passava nas décadas anteriores a realização do Concílio Ecumênico Vaticano II.

Revisitamos como referencial teórico alguns dos seus documentos que consideramos ser de suma importância para a temática abordada. Demos especial atenção a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* – sobre o mistério da Igreja e a Constituição Pastoral *Gaudium Et Spes* – sobre a Igreja no mundo de hoje; diretamente ligado ao tema o Decreto *Ad Gentes* – sobre a atividade missionária da Igreja. Na esteira do Concílio Vaticano II veio a excelente abordagem da missão na perspectiva da *Evangelii Nuntiandi* do Papa Paulo VI.

No terceiro capítulo seremos norteados pela perspectiva do Documento de Aparecida que lançará lucidez à experiência de missão com o projeto das Santas Missões Populares na Diocese de Santa Luzia de Mossoró

Um breve histórico ajudará a situar melhor na realidade própria da Diocese de Mossoró, que está localizada no Estado do Rio Grande do Norte, região do Oeste potiguar. Seremos auxiliados pelo Documento de Aparecida resultado da V Conferência Episcopal Latino-americano e do Caribe que ocorreu em Aparecida do Norte, São Paulo, pela produção dos escritores José Comblin, João Batista Libânio enquanto influenciados e influenciadores do final do século XX e início do XXI. O livro “As Santas Missões Populares” de Luís Mosconi, entre outros. Adentraremos na ação missionária da Diocese de Mossoró nos anos de 2005 – 2008, apresentaremos relatórios de reuniões, assembleias, avaliações nas suas recepções, nos seus avanços e nos seus retrocessos.

Espera-se poder dar uma contribuição significativa com relação a missão na Diocese de Mossoró nos anos de 2005 - 2008, em que se cogita uma nova visão e conscientização da práxis missionária da referida Igreja particular. O entendimento da evangelização é um dos caminhos pelos quais se podem fomentar novos caminhos e revitalizar a vida de fé da comunidade local.

## I. ALGUNS ELEMENTOS BÍBLICOS DA MISSÃO

Entender o que anuncia e a quem anuncia nos dá uma capacidade preciosa no anúncio, transforma nosso modo de agir e pensar; conseqüentemente nossa prática missionária. A área do conhecimento que volta sua atenção em vista de entender o anúncio evangélico chama-se missiologia.

O estudo da missiologia aborda sistematicamente o agir da Igreja, “[...] é uma disciplina dentro da Teologia, abrangendo uma série de aspectos. [...] se empenha em séria reflexão teológica sobre todos os aspectos da missão da Igreja.”<sup>1</sup>. As áreas bíblica, histórica, moral, sistemática e prática influenciam-se mutuamente, contudo atuam de maneira própria.

No tocante a Bíblia, “investiga a base da missão da Igreja na *missio Dei*”. Na dimensão histórica, “examina [a ação, presença] da Igreja nos seus vários períodos históricos e avalia seu impacto sobre as diferentes sociedades e culturas”<sup>2</sup>. No aspecto teológico (sistemático), “estuda a interação da fé cristã”<sup>3</sup> interna a Igreja e com as outras crenças. A missão pode ser enumerada em cinco extensões:

1. A Igreja deve estar envolvida na administração dos recursos materiais da criação. [...]
2. Deve servir aos seres humanos sem distinção e em qualquer necessidade. [...]
3. A Igreja deve dar testemunho da “verdade que está em Jesus” (Ef 4.21). Isso inclui uma gama de tarefas, algumas vezes separadas em apologética, [...] e evangelização. [...]
4. Deve a Igreja se empenhar por ver a justiça de Deus feita na sociedade. [...]
5. A Igreja tem a responsabilidade de mostrar o que significa na prática ser uma comunidade reconciliada e liberta em meio a um mundo corrupto, angustiado e desesperado<sup>4</sup>.

Respeitamos a diferença de cada área de abordagem por trabalharmos o conceito de missão de maneira processual e na sua correspondência conceitual com o objeto. No momento propomo-nos abordar metodologicamente o tema missão segundo a epistemologia da palavra e a perspectiva bíblica. Tal abordagem remeter-nos-á ao pensar o Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) da volta as fontes para melhor embasar nossa pesquisa.

---

<sup>1</sup> FERGUNSON; PACKER; WRIGHT, 2011, p. 685.

<sup>2</sup> FERGUNSON; PACKER; WRIGHT, 2011, p. 683 – 684.

<sup>3</sup> FERGUNSON; PACKER; WRIGHT, 2011, p. 683.

<sup>4</sup> FERGUNSON; PACKER; WRIGHT, 2011, p. 684.



## 1.1. A MISSÃO NA BÍBLIA

O constante estudo do significado da palavra missão leva-nos a uma aproximação com a exegese bíblica, as descobertas histórico-arqueológicas e aprofundar a hermenêutica em vista de um fundamento mais consistente.

Temos a convicção que “o anúncio e a acolhida da Palavra são [...], fundamentais para a vida e a missão da Igreja”<sup>5</sup>. Vamos destacar o significado da palavra, interpretá-la em seu contexto próprio e interligá-la as outras nomenclaturas. Nosso propósito aqui é precisar a origem do termo e suas possíveis correlações no universo bíblico.

A palavra missão vem do latim *missio*. Na Bíblia em nenhum momento encontramos-a, inexistente explicitamente. Pode-se fazer ligação de significado com outros termos, como: apóstolo, ministério, ministro, enviar, anunciar, porta voz, ensinar, testemunhar, visitação, representar, emissário, incumbência, falar em nome de alguém, etc.

A versão latina ao invés de traduzir a palavra apóstolo resolveu transliterar. É caracterizada como título perdendo sua força de substantivo ou de verbo. Deixa de evidenciar a essência (substância), a motivação (atitude de agir) e passa a qualificar (adjetivo), dando um caráter de título para a expressão. Nos diversos escritos bíblicos encontramos termos que remetem à missão. O substantivo,

[...] *mislahat*, missão, visitação, e *sillûah*, mandar embora, todos eles dentro das mesmas linhas gerais [...].

A LXX normalmente traduzia *slh* com os termos *apostellô* e *pempô* [...], qualquer que fosse o tema. O NT usa esses vbs. [verbos] para falar do ato de enviar alguém para cumprir uma missão (ex., Jo 4, 34, *pempô*)<sup>6</sup>.

A tradução literal do grego seria enviado ou missionário, derivado do verbo *apostélô*; e no hebraico missionário (מִסִּיּוֹן) que nas três variações assemelha-se ao adjetivo misericordioso (רַחוּם) conforme podemos observar no dicionário<sup>7</sup>. As suas variações despertam curiosidade.

[...] *apostellô* (Sóf em diante), um composto de *stellô* "colocar", "aprontar", e a prep., *apo*. "de", "para longe", "para trás" significa "enviar" (tanto pessoas como coisas), [...].

<sup>5</sup> CNBB, 2007, 62.

<sup>6</sup> VANGEMEREN, 2011, p. 123.

<sup>7</sup> MORE-HATZAMRI; HATZAMRI, 2014, p. 118.

Sendo que o emissário tem plenos poderes e é o representante pessoal de quem o enviou, estabelece-se uma conexão estreita entre quem envia e quem recebe a incumbência [...]. Isto é especialmente ressaltado pelo emprego de *apostellō*, enquanto *pempō*, "enviar", que é muito mais comum no Gr. secular, ressalta o mero fato de enviar. Na filosofia estoica popular, a idéia da autoridade do emissário para representar seu mestre adquire um significado religioso. Um mestre peripatético cínico considerava-se um embaixador e exemplo enviado por Zeus (Epict.). Daí, *apostellō* também ocorre como um termo técnico que significa a autorização divina.

Apóstolos é derivado de *apostellō*, em primeiro lugar como adj. verbal, e depois como substantiva. Acha-se, pela primeira vez, na linguagem marítima, [...]. Somente em duas passagens em Hdt. é que *apóstolos* significa um enviado ou emissário como pessoa individual. [...] Josefo emprega a palavra para um grupo enviado numa missão (os judeus enviados para Roma, *Ant.* 17, 11, 1 (300)). Todos os empregos desta palavra têm duas idéias em comum: (a) uma comissão expressa, e (b) ser enviado para além-mar. Assim, o sentido da raiz, no caso do substantivo, é estreitado na sua definição<sup>8</sup>.

Os escolhidos para uma incumbência especial “por uma autoridade [...] eram qualificados com [...] *shalîh*, *shalû* 2Cr 17, 7 – 9 descreve aqueles que haviam sido enviados por Josafá para ensinar o livro da Lei”<sup>9</sup>.

A tradução aproximada de missão encontra-se nos Atos dos Apóstolos 1, 25. Observemos duas versões.

Apresentaram então dois: José chamado Barsabás e cognominado Justo, e Matias. E fizeram esta oração: “Tu, Senhor, que conheces o coração de todos, mostra-nos qual destes dois escolheste a fim de ocupar, no ministério do apostolado, o lugar que Judas abandonou, para dirigir-se ao lugar que era o seu”. Laçaram a sorte sobre eles, e a sorte veio a cair em Matias, que foi então associado aos onze apóstolos.

A urgência crescente de atender as necessidades das pessoas da comunidade impulsiona a decisão de ter-se um novo membro para servir em substituição a Judas. Deu-se a escolha de Matias para integrar o grupo apostólico.

Designaram dois: José, chamado Barnabé, apelidado Justo, e Matias. Depois rezaram assim: - Tu, Senhor, que conhecestes os corações de todos, indica-nos qual dos dois escolhes para ocupar o lugar desse ministério apostólico, que Judas abandonou para ir ao lugar que lhe correspondia. Tiraram sortes, e a sorte caiu em Matias, que foi incorporado aos onze apóstolos.

<sup>8</sup> BROWN; COENEN, 2000, p. 154.

<sup>9</sup> MCKENZIE, 1983, p. 62.

Nas versões da Bíblia de Jerusalém e do Peregrino percebe-se a consequência da transliteração de *apostélô* que desdobra em outras derivações. Passa a existir *aposteles* traduzido no geral como: ministério do apostolado e ministério apostólico. A tradução direta do grego é missionário (*Ιεραποστολικο*), ligado a apóstolo (*Απόστολος*).

A transliteração durante muito tempo deu a conotação de que a missão estava ligada exclusivamente aos que pertenciam ao grupo apostólico. A saber os primeiros “apóstolos” e seus sucessores, os bispos, e por delegação desses os colaboradores diretos, os padres e diáconos.

A precisão em traduzir esta palavra influencia diretamente o modo de pensar e agir do agente que assume a missão. O ânimo do *apostélô* igual a missionário alarga-se a todos os seguidores e todas as seguidoras de Jesus Cristo. A amplitude é bem maior.

O sentido de pertença, participação, resgata um significado mais profundo. Reforça a dimensão da diaconia comum, o serviço universal a qual todos e todas assumem inspirados pelo Espírito do Ressuscitado a construção do Reino de Deus.

A abordagem de um sacerdócio comum universal foi retomada com destaque nas primeiras décadas pós-Vaticano II. Aos poucos, com o passar do tempo, perdeu força. Continua sim nos diversos documentos da Igreja a conotação de que todos são discípulos missionários do Senhor, contudo o aprofundamento supracitado desacelera quando se fala na comunidade apostólica.

Corre-se o risco de restringir-se aos bispos e aos demais ministros ordenados, padres e diáconos. Ao mencionar os leigos prefere-se deter à expressão discípulo enquanto missionário. Iremos retomar esta análise no capítulo posterior.

Após termos feito o resgate da palavra missão iremos agora buscar referências no Antigo Testamento e no Novo Testamento que estejam associados ao seu sentido primeiro ou amplo.

## 1.2. A MISSÃO NO ANTIGO TESTAMENTO

Aludimos a importância do teor bíblico no significado, origem, motivação e sentido da missão. O Antigo Testamento registrou relatos riquíssimos sobre a incumbência divina delegada aos vários homens e as várias mulheres sobre a história da salvação. Diversas linguagens foram utilizadas, por isso:

[...] para descobrir a intenção dos hagiógrafos, devem ser tidos também em conta, entre outras coisas, os “gêneros literários”. Com efeito, a verdade é proposta e expressa de modos diversos, segundo se trata de gêneros históricos, proféticos, poéticos ou outros. Importa, além disso, que o intérprete busque o sentido que o hagiógrafo em determinadas circunstâncias, segundo as condições do seu tempo e da sua cultura, pretendeu exprimir e de fato exprimiu servindo-se dos gêneros literários então usados. Com efeito, para entender retamente o que autor sagrado quis afirmar, deve atender-se convenientemente, [...] aos modos nativos de sentir, dizer ou narrar em uso nos tempos do hagiógrafo, [...] <sup>10</sup>.

Os diversos escritos devem ser respeitados em seu contexto próprio. Iremos destacar a seguir trechos de diversos gêneros literários, e contextos, que consideramos emblemáticos ao tema da missão.

### 1.2.1. A MISSÃO NO PENTATEUCO

Adotamos a divisão clássica da Bíblia em blocos distintos considerando o estilo literário aproximado de cada obra. O primeiro agrupamento de livros é denominado de Pentateuco, os cinco primeiros na estrutura canônica que dispomos.

O primeiro livro da Escritura trata os mais diversos temas a saber: a criação, o paraíso e a queda, o dilúvio e a primeira Aliança, a torre de Babel, os patriarcas, entre outros. No elenco dos personagens bíblicos que assumem uma missão específica, nesta vasta obra importantíssima, destacamos Noé e Abraão.

Ao ver que a maldade da humanidade se espalhava YHWH ficou contrariado por ter criado o homem (cf. Gn 6, 5-6) e decidiu destruir uma parte da criação (cf. Gn 6, 7), contudo agradeceu-se por Noé (Gn 6, 8). O nome Noé significa “repouso”. O texto de Gênesis 7, 1 – 16, relata,

---

<sup>10</sup> DV, 12.

lahweh disse a Noé: "Entra na arca, tu e toda a tua família, porque és o único justo que vejo diante de mim no meio desta geração. De todos os animais puros, tomarás sete pares, o macho e sua fêmea; dos animais que não são puros, tomarás um casal, o macho e sua fêmea (e também das aves do céu, sete pares, o macho e sua fêmea), para perpetuarem a raça sobre toda a terra. Porque, daqui a sete dias, farei chover sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites, e farei desaparecer da superfície do solo todos os seres que eu fiz." Noé fez tudo o que lahweh lhe ordenara. [...] Noé — com seus filhos, sua mulher e as mulheres de seus filhos — entrou na arca para escapar das águas do dilúvio. (Dos animais puros e dos animais que não são puros, das aves e de tudo o que rasteja sobre o solo, um casal entrou na arca de Noé, um macho e uma fêmea, como Deus ordenara a Noé.)" Passados sete dias chegaram as águas do dilúvio sobre a terra. No ano seiscentos da vida de Noé, no segundo mês, no décimo sétimo dia do segundo mês, nesse dia jorraram todas as fontes do grande abismo e abriram-se as comportas do céu. A chuva caiu sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites. Nesse mesmo dia, Noé e seus filhos, Sem, Cam e Jafé, com a mulher de Noé, e as três mulheres de seus filhos, entraram na arca, e com eles as feras de toda espécie, os animais domésticos de toda espécie, os répteis de toda espécie que rastejam sobre a terra, os pássaros de toda espécie, todas as aves, tudo o que tem asas. Com Noé, entrou na arca um casal de tudo o que é carne, que tem sopro de vida, e os que entraram eram um macho e uma fêmea de tudo o que é carne, conforme Deus lhe ordenara. E lahweh fechou a porta por fora.

Vamos salientar as duas narrativas constitutivas encontradas no texto sobre o dilúvio. A tradição javista e sacerdotal estão presentes. O período na Arca pode ser considerado um “repouso” enquanto YHWH restaura a criação por meio do dilúvio. Baseados na crítica moderna alguns pontos merecem destaque para perceber a desconexão e aludir o valor aproximado do texto.

No tocante aos que deveriam ser levados à arca, “primeiro, na arca J [Javista] tem grupos de sete animais e aves limpos, bem como pares de impuros; P [Sacerdotal] não faz essa distinção”. Logo em seguida temos detalhes sobre o dilúvio. Em “segundo, J [Javista] atribui o dilúvio a chuvas pesadas, mas P [Sacerdotal] as águas do grande abismo e às janelas do céu”. A duração difere, no ponto “terceiro, o dilúvio de J [Javista] dura quarenta dias mais as três semanas em que as aves são enviadas, enquanto que o de P [Sacerdotal] dura um ano e dez dias”. O quarto ponto é o estilo da escrita que surge nas “[...] repetições e estratégias estilísticas [que] traem a presença das duas fontes”<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> KINDNER, 2001, p. 92.

Os detalhes acima mencionados ajudam-nos a entender a importância da missão de Noé e os interesses próprios de cada narrativa. O que coincide em ambas é o desígnio divino ao seu escolhido e a fidelidade deste que mesmo no meio da adversidade assume o que lhe foi confiado. A Aliança entre Deus e a humanidade estava selada (cf. Gn 9).

Nos demais livros do Pentateuco encontramos paralelismos, menções indiretas ou retomada da mensagem ligada a Noé ao dilúvio. Em Levítico, capítulo 1 versículo 5, surge uma ligação aos holocaustos de animais. No capítulo 11, a orientação divina aproxima-se a dada sobre os animais que deveriam estar na Arca.

A orientação sobre o sangue do Holocausto, contida no Levítico, segue a mesma lógica do Deuteronômio ao entender que “poderás imolar e comer da carne [...], conforme a bênção de *lahweh* [...]; o sangue, porém, não o comerás: tu o derramarás por terra como água” (Dt 12, 15-16). No livro do Êxodo as águas do dilúvio, em certo sentido, “são as águas de Meriba, onde os filhos de Israel contenderam com *lahweh* e onde manifestou-lhes a sua santidade”. (Ex 20, 13).

O primeiro grande bloco do livro do Gênesis (1-11) privilegia as narrações da criação e a degeneração da humanidade. Da criação ao dilúvio temos narrativa da obra criacional em seis dias, o homem e a mulher, e o repouso sabático (cf. Gn 1-2); a descrição do paraíso e a queda (cf. Gn 3); Caim e Abel, o primeiro fratricídio (cf. Gn 4); Noé, o dilúvio e a aliança (cf. Gn 6-10); e a torre de Babel (cf. Gn 11). Estão entrelaçados em uma constante construção e desconstrução em vista de uma continuidade.

No primeiro momento do livro do Gênesis observamos uma história geral da humanidade, se assim podemos dizer. Já no bloco seguinte percebe-se uma mudança de perspectiva. O que antes era geral agora torna-se específico. Até então se narrava o todo; a partir do capítulo 12 de Gênesis vamos ao germinal. Intencionalmente selecionamos a perícopé que fala sobre Abraão. Iremos nos deter ao início deste capítulo que menciona a vocação do homem considerado o pai da fé.

lahweh disse a Abrão: "Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que te mostrarei. Eu farei de ti um grande povo, eu te abençoarei, engrandecerei teu nome; sê uma bênção! Abençoarei os que te abençoarem, amaldiçoarei os que te amaldiçoarem. Por ti serão benditos todos os clãs da terra". Abrão partiu, como lhe disse lahweh, e Ló partiu com ele. Abrão tinha setenta e cinco anos quando deixou Harã. Abrão tomou sua mulher Sarai, seu sobrinho Ló, todos os bens que tinham reunido e o

peçoal que tinham adquirido em Harã; partiram para a terra de Canaã, e lá chegaram. Abrão atravessou a terra até o lugar santo de Siquém, no Carvalho de Moré. Nesse tempo os cananeus habitavam nesta terra. Iahweh apareceu a Abrão e disse: "É à tua posteridade que eu darei esta terra". Abrão construiu ali um altar a Iahweh, que lhe aparecera. Dali passou à montanha, a oriente de Betel, e armou sua tenda, tendo Betel a oeste e Hai a leste. Construiu ali um altar a Iahweh e invocou seu nome. Depois, de acampamento em acampamento, foi para o Negueb<sup>12</sup>.

O nome do escolhido é Abrão que significa "pai exaltado". A decisão de aceitar a provocativa divinal de sair de sua terra mexe até hoje com os estudiosos. No decurso dessa história Abrão perseverou naquilo que considerava ser a vontade divina. Existe a "ordem misturada com promessa (1 – 3), o ato de obediência de Abrão (4 – 6) e a teofania ou aparição de Deus a Abraão marcada por promessa, e a qual Abrão respondeu adorando (7 – 9)"<sup>13</sup>.

O imperativo para deixar a terra e ir a um lugar desconhecido e a idade avançada do escolhido chamam a atenção. A determinação divina quase que assusta. Em um olhar apressado poderia alardear que Abrão tinha ficado sem opção, meio que excluída a sua liberdade de decisão. Aí percebe-se a dimensão ampla da promessa. No simples fato de colocar condicionantes e frente a isso promessas logo existem opções.

A saída da terra, da égide dos parentes, conota uma autonomia e ao mesmo tempo liga (causa dependência) às promessas de ter um guia que conduzirá a um local especial. O Senhor fará sua descendência ser vasta, um grande povo, e irá servir de escudo contra os inimigos ao amaldiçoá-los; enfim conceder todos os benefícios necessários. A escolha gera responsabilidade, compromisso.

A resposta foi imediata, sem hesitação. Os seus 75 anos poderiam ter sido desculpa plausível para uma possível recusa, no entanto, o que se seguiu foi bem diferente da acomodação. O "pai exaltado" largou tudo que tinha e foi acompanhado pela sua família (a esposa Sarah e o sobrinho Ló) e alguns do clã que tinham aceitado a proposição. Caminharam à terra prometida. Os desafios que sucediam eram tão difíceis que poderiam ter desmotivado e causado um retrocesso da decisão inicial.

O diferencial nos versículos seguintes é a perseverança que Abraão teve na sua incumbência. Pode instigar sempre mais os que são escolhidos a assumir uma

---

<sup>12</sup> Gn 12, 1 – 9.

<sup>13</sup> COX; DEASLEY; DU BOIS; FORD; LIVINGSTON; KINLAW, 2012, p. 98.

missão própria. No hoje da história aceitarem ser protagonistas dentro da realidade específica que estão inseridos, junto aos diversos povos, nas diversas sociedades, comunidades, em todo o mundo.

### 1.2.2. A MISSÃO NA LITERATURA PROFÉTICA

Na literatura profética os escolhidos têm a incumbência de falar em nome do Senhor, ser profeta, porta-voz, no hebraico *nabî*<sup>14</sup> (נביא). Conforma a vida as orientações recebidas ao ponto de:

testemunhar para Deus. Um forte senso de missão é inerente ao uso desse vb. [verbo], [...] é usado para designar a ação dos mediadores da palavra de Deus: Moisés (Ex 18, 20), Samuel (1Sm 10, 8), sacerdotes (Ez 44, 23), levitas (Ne 8, 12). [...] Aos fiéis é determinado: “tornai manifestos os seus feitos entre os povos... em toda terra” (Is 12, 4-5)<sup>15</sup>.

Ao aceitar o encargo, “o profeta era [...] investido de poderes especiais, de uma mensagem e de uma missão”<sup>16</sup>, inserido em seu espaço cultural. A proximidade podia dificultar a profecia ao ponto que os “profetas às vezes relutavam em proferir palavras duras ou condenações contra seu próprio povo”. O interessante que logo em seguida ele “passava por uma experiência de compulsão irresistível que o levava a falar (Jr 20.9)”. O cerne da mensagem sempre foi mais importante que o mensageiro, “visto que sua mensagem provinha de Deus, os profetas não podiam ser acusados de traição, sedição ou maldições”<sup>17</sup>; nisto o profeta era um instrumento a serviço do Divino.

Dentre tantas passagens vamos nos debruçar sobre o profeta Isaías 42, 1 – 9. Um trecho bastante emblemático que será ligado ao povo de Israel, aos fiéis e no Novo Testamento a pessoa de Jesus em uma releitura cristológica.

É importante destacar no que se refere à biografia do (s) escritor (es) do Dêutero-Isaías, nada pode ser afirmado com segurança. Iremos considerar a

<sup>14</sup> A variação de significado do seu uso “[...] são quatro [...] sobre a derivação da palavra: 1) De uma raiz árabe *naba’a*, ‘anunciar’, daí ‘porta-voz’ [...]. 2) De uma raiz hebraica, *nābā*, forma abrandada de *nāba*, ‘borbulhar’, por conseguinte ‘extravasar palavras’ [...]. 3) De uma raiz acadiana *nabū*, ‘chamar’, por esta razão ‘aquele que é chamado (por Deus)’ [...]. 4) De uma raiz semítica desconhecida [...]. [...] A idéia essencial da palavra é a de porta-voz autorizado ou oficial. Os intérpretes têm descoberto a idéia básica não na etimologia, que se perdeu nas brumas da antigüidade, mas no uso geral da palavra e em três textos clássicos do Pentateuco”. (ARCHER; HARRIS; WALTKE, 1998, p. 928).

<sup>15</sup> VANGEMEREN, 2011, p. 961.

<sup>16</sup> VANGEMEREN, 2011, p. 961.

<sup>17</sup> CHAVALLAS; MATTHEWS; WALTON, 2003, p. 195.



possibilidade de o livro ter sido escrito por um grupo redacional, um autor e após a sua morte outros continuaram obra, ou vários autores que não tiveram contato entre si.

O relato bíblico (cf. Is 45,1-8; 41,1-5; 48,12-15) levanta a hipótese que, no período final do exílio, houve um profeta que exerceu seu ministério entre os exilados babilônios. Isto nos leva a crer, pelo conteúdo das referidas passagens, que essa profecia ocorreu entre os anos de 553 a.C., quando Ciro começa a despontar no cenário político como grande conquistador, e 539 a.C.

As comunidades judaicas receberam de bom grado a nova política. Os judeus tinham sido exilados de Israel desde 723 a.C. e de Judá desde 586 a.C. Consideravam o crescente poder da Pérsia como um sinal enviado por Deus de que o cativeiro chegava ao fim. Consolavam-se com mensagens proféticas da queda da Babilônia como as de Jeremias, capítulos 25, 50 e 51. Isaías assegurou-lhes que Ciro era ungido por Deus para uma missão especial, muito embora ele não conhecesse a Deus (Isaías 45, 1,4)<sup>18</sup>.

Em última instância, o Dêutero-Isaías condensa uma profecia da consolação e esperança, pois “[...] com grande ênfase ele anunciou a libertação e o retorno dos exilados [...]”<sup>19</sup>. Buscou interpretar os acontecimentos históricos e consolar o povo. Tentou ampliar o Deus local a uma profundidade universal como o Criador de todas as coisas, e de todos os seres vivos. Assim sua temática encontra-se na ação criadora, salvadora e libertadora de YHWH. É nesse contexto que, em suas páginas, emerge uma figura significativa, o Servo de YHWH.

O termo servo, que vem do hebraico *ebed* (escravo), é crucial para entender a mensagem dos cânticos do Dêutero-Isaías. Várias interpretações sobre quem é o servo foram feitas: o servo como “povo de Israel”; o servo como sendo Israel personificado numa pessoa; o servo como “figura ideal coletiva, que reúne em si todos os [...] líderes, ou uma figura individual ideal, que possuía todos os dons da condução carismática”<sup>20</sup>. Outra perspectiva apresenta o servo como o Israel ideal.

Considerando os limites e ambiguidades de cada uma dessas interpretações, acreditamos que talvez a interpretação que melhor expressa a figura do servo é a imagem da “pessoa comunitária”. Uma vez que, nesta perspectiva,

---

<sup>18</sup> PACKER; TENNEY; WHITE JR, 2002, p. 97.

<sup>19</sup> DONNER, 1997, p. 439.

<sup>20</sup> MACKENZIE, 1983, p. 870.

estão incluídos não apenas os homens, mas também as mulheres israelitas exiladas na Babilônia.

A “pessoa comunitária” engloba todos e todas que cultivam o desejo de libertação apoiados na força de YHWH. Além do mais, na imagem do servo como “pessoa comunitária” não é importante verificar quem é o servo de YHWH, mas, sim, a sua prática em vista de levar o direito (salvação) a todas as nações.

Apesar de toda conotação nacionalista dos israelitas, a universalidade é um tema bastante estimado nas escrituras. Nas várias passagens bíblicas que tal abordagem surge, destacamos Is. 42, 1 – 9. Entendemos que nesta perícopé do Dêutero-Isaías, o tema da universalidade está contido na missão do servo de YHWH que, por sua vez, é eleito, antes mesmo de nascer, para realizar a missão de mestre e legislador ordenada por YHWH. Vejamos (com grifo nosso):

**Eis o meu servo** que eu sustenho, o meu eleito, em quem tenho prazer. Pus sobre ele o meu espírito, **ele trará o julgamento às nações**. Ele não clamará, não levantará a voz, não fará ouvir a sua voz nas ruas; não quebrará a cana rachada, não apagará a mecha bruxuleante, com fidelidade trará o julgamento. Não vacilará nem desacomorçará até que **estabeleça o julgamento** na terra; **na sua lei** as ilhas põem a sua esperança. Assim diz Deus, lahweh, que criou os céus e os estendeu, e fez a imensidão da terra e tudo o que dela brota, que deu o alento aos que a povoam e o sopro da vida aos que se movem sobre ela. **"Eu, lahweh, te chamei para o serviço da justiça**, tomei-te pela mão e **te modelei**, eu **te pus como aliança do povo, como luz das nações**, a fim de abrir os olhos dos cegos, a fim de soltar do cárcere os presos, e da prisão os que habitam nas trevas". Eu sou lahweh; este é o meu nome! Não cederei a outrem a minha glória, nem a minha honra aos ídolos. As primeiras coisas já se realizaram, agora vos anuncio outras, novas; antes que elas surjam, eu vo-las anuncio.

Neste poema YHWH apresenta seu servo e sua missão, denotando igualmente as suas características. O servo aparece como mestre e legislador que expande o direito, a justiça e a amorosidade a todas as nações. O servo é antes de tudo escolhido/eleito/chamado por YHWH para realizar sua missão, sua justiça.

A incumbência é ontológica. No fundo, é o próprio Deus que quer cumprir o seu dever de justiça. O servo é, em certa medida, o agente da justiça de YHWH. Foi investido do seu espírito, devido isso recebe dele a missão de “legislar” e “reunir” as nações. Com efeito, deverá realizar seu mandato com mansidão, consistência e garra para resistir até que a vontade de Senhor se cumpra.

Por esta razão, a missão do servo, conforme entendemos, não é meramente nacionalista, ao contrário, tem uma dimensão universal. Seu encargo é levar às nações o direito, estabelecer entre as nações a justiça, o conhecimento pelo tetragrama de YAWH aos povos. Com efeito, “o cumprimento dessa missão se dá através da firmeza e da constância do servo no seu modo de falar e de agir, ou seja, nas suas conquistas pacíficas, oposta às de Ciro (cf. Is 45, 1)<sup>21</sup>”.

A pacificação como marca ganha uma conotação própria interessante. Tanto é verdade que o meio pelo qual o servo fará sair o direito é a não violência, mas, sim, a solidariedade, a ternura, a brandura. Afinal de contas, o servo é:

[...] alguém que não quebra a planta machucada, nem apaga o pavio que ainda solta fumaça. Isto é, ele não machuca e nem ofende os mais fracos do que ele. É dito ainda que o povo não grita, nem levanta a voz, nem solta berros pelas ruas. Isto é, ele não faz propaganda nem demagogia<sup>22</sup>.

Sendo assim, pouco interessa se o servo é uma pessoa, um grupo ou um povo. O importante sim é que ele realize a missão de tal forma que todas as nações conheçam o direito como projeto libertador de YHWH. De fato quando ampliamos o olhar nos quatro cânticos do servo em Isaías, podemos ver com mais clareza que a missão do servo é algo concreto, é libertador. Devido o direito de YHWH ser libertação e, não apenas para Israel, mas a todos os povos.

No primeiro cântico Isaías 42, 1 – 9, por exemplo, o servo é vocacionado para uma missão a fim de levantar a voz como bom mestre (professor), para propagar (ensinar) o direito às nações todas.

O segundo cântico em Isaías 49, 1 – 6 aparece a vocação propriamente dita do servo e com ela a exaltação ao Deus criador que jamais abandona a obra criada, tampouco o povo de Israel. Entretanto, o servo foi estabelecido para uma missão além do povo de Israel: “Te estabeleci como luz das nações, a fim de que a minha salvação chegue até as extremidades da terra”. (Is. 49, 6b). Alguns estudiosos limitam-se ao versículo 6. Iremos considerar os versículos 7 – 9. Os dois últimos versículos ratificam que YHWH permaneceu fiel e diante o seu representante, o seu escolhido, muitos erguer-se-ão e prostrar-se-ão.

---

<sup>21</sup> ANDRADE, 2008, p. 101.

<sup>22</sup> MESTERS, 1981, p. 38.

O terceiro cântico narrado em Isaías 50, 4 – 9, por sua vez, enfatiza a fidelidade do servo à sua missão. É interessante notar que neste cântico o servo tem voz. Ele identifica-se ao falar sobre si enquanto discípulo e mestre. Afirma:

O Senhor lahweh me deu uma língua de discípulo para que eu soubesse trazer ao cansado uma palavra de conforto. De manhã em manhã ele me desperta, sim, desperta o meu ouvido para que eu ouça como os discípulos. O Senhor lahweh abriu-me os ouvidos e eu não fui rebelde, não recuei<sup>23</sup>.

Na perseguição “ofereci o dorso aos que me feriam e as faces aos que me arrancavam os fios da barba; não oculte o rosto às injúrias e aos escarros”. (Is. 50, 6). Tanto é verdade que no desempenho da sua missão ele aceita o sofrimento com resignação e confiança. O servo é alguém que, com habilidade de mestre, proclama aquilo que ouviu e aprendeu de YHWH. Do contrário, não estaria habilitado para levar a salvação até os confins da terra.

O quarto e maior cântico está em Isaías 52, 13 – 53, 12. Ressalta a universalidade da mensagem transmitida pelo servo introduzida no primeiro cântico, com o uso do “muitos” ou “todos”. Há nesta perícopes duas ocorrências do advérbio “muitos” e três vezes o substantivo masculino “todos”, como observamos a seguir na versão da Bíblia de Jerusalém.

Era desprezado e abandonado pelos homens, um homem sujeito à dor, familiarizado com a enfermidade, como uma pessoa de quem **todos** escondem o rosto; [...] **Todos** nós como ovelhas, andávamos errantes, seguindo cada um o seu próprio caminho, mas lahweh fez cair sobre ele a iniquidade de **todos** nós.

[...] Pelo seu conhecimento, o justo, meu Servo, justificará a **muitos** e levará sobre si as suas transgressões. Eis por que lhe darei um quinhão entre as multidões; com os fortes repartirá os despojos, visto que entregou a sua alma à morte e foi contado com os transgressores, mas na verdade levou sobre si o pecado de **muitos** e pelos transgressores fez intercessão. (com grifo nosso)<sup>24</sup>.

Na variante da Bíblia do Peregrino o advérbio “muitos” é visto apenas uma vez, enquanto o substantivo masculino “todos” em quatro momentos. Transcrevemos a seguir, com nosso grifo, o trecho mencionado.

[...] assim assombrará **muitos** povos; diante dele os reis fecharão a boca, ao ver algo inenarrável e ao contemplar algo inaudito.

<sup>23</sup> Is 50, 4 – 5.

<sup>24</sup> Is 53, 3. 6. 11 – 12.

**Todos** nós andávamos perdidos como ovelhas, cada um para seu lado, e o Senhor fez cair sobre ele **todos** os nossos crimes.  
 [...] meu servo inocente reabilitará a **todos**, porque carregou seus crimes.  
 [...] ele carregou o pecado de **todos** e intercedeu pelos pecadores<sup>25</sup>.

O comparativo feito entre as duas traduções ressalta a dimensão da universalidade da salvação. O advérbio *muitos* indica intensidade. Vale salientar que mesmo tendo tal conotação corre o risco de restringir. Alguns podem defender que ele indique amplitude, mas no geral assemelha-se a veemência.

O pronome *todos* revela melhor a abrangência que o Senhor deseja alcançar através de seu servo. Esta palavra se variasse para o adjetivo chegaria ao sentido de “íntegro, inteiro ou completo”<sup>26</sup>. Caso fosse usado como pronome indefinido seria qualquer, ou a variante da humanidade, de toda gente. Nas várias utilizações o *todos* desempenha melhor o objetivo do texto. Acreditamos que neste aspecto a tradução que usa *todos* exprime mais perfeitamente a essência da mensagem.

Esse uso não necessariamente quer dizer que muita gente será contemplada, mas, em última instância, dizer que *todos* e *todas* serão contemplados com a missão do servo; os israelitas, mas também os povos das nações distantes. A noção do servo de YHWH alcança o seu ápice neste cântico. YHWH e o servo estão unidos num mesmo projeto de libertação. A salvação universal expandida a *todos* e *todas*.

A humanização do anúncio da mensagem salvífica diviniza o agente transformador e *todas* as pessoas pelo simples fato ontológico expresso de modo especial na literatura profética. Em três momentos: “(a) a erupção de novas ideias e novos eventos” que incide direto na mudança do *status quo* cria-se uma nova síntese; “(b) intervalos nos quais novas ideias, estruturas e penetrações são absorvidas pelo povo”; e a grande consequência e risco em Israel de “(c) [purificação da] sua política e das suas estruturas sociais e abrindo novas perspectivas”<sup>27</sup>.

Por isso, não importa quem seja o fiel a quem o servo dirige-se e aonde ele está. Aliás, o fiel pode estar em qualquer lugar. Se for de Israel será chamado de “*binei*” (resto de Israel), se for estrangeiro chamar-se-á “*bem-Adam*” (filho do homem). Importa que, em última instância, as nações conheçam o direito e a justiça, portanto a libertação de YHWH.

<sup>25</sup> Is 52, 15. 53, 6. 11 – 12.

<sup>26</sup> DICIONÁRIO AURÉRIO, 1998.

<sup>27</sup> SENIOR; STHULMUELLER, 2010, p. 473.

A missão do servo é, de fato, universal. Dessa forma, pensamos ter explicitado elementos que tornam possível a leitura do servo de YHWH com uma missão em perspectiva universal.

### 1.3. A MISSÃO NO NOVO TESTAMENTO

A missão é uma ação que tem como centro o anúncio de Jesus Cristo (cf. Mt 28, 20). Especificamente pode-se afirmar a missão enquanto “transmissão consciente e bem planejada das Boas Notícias de Cristo”<sup>28</sup>. Essa atividade ao longo da história mostrou que o conhecimento de sua pessoa ultrapassa a condição histórica dos que conviveram fisicamente com Ele. E foi transmitida pelos que acompanhavam ou receberam seus ensinamentos.

O testemunho dos evangelistas tem uma postura de atualizar a personificação do Verbo. Fazem isso de maneira própria. Escreveram para suas comunidades e apresentaram “[...] Jesus em função da história do povo de Israel. [...] A referência a Israel significa simplesmente que Jesus fica no centro: toda a história anterior conduz a ele, e toda ulterior procede dele. [...]”<sup>29</sup>. O grande esforço dos evangelhos sinóticos foi utilizar “a narrativa da pessoa e da vida de Jesus para proporcionar orientação à missão da Igreja”<sup>30</sup>; fato comum aos três, tão lembrado pelo magistério.

Percebe-se que o conhecimento de Jesus não é um fato, preso ao passado, estagnado. Ao contrário, fez-se presente, atual, “Jesus realiza a sua missão messiânica precisamente pelo Evangelho [...]; que Jesus é Messias na sua condição de evangelizador, [...], de Evangelho vivo”<sup>31</sup>. A missionariedade é um processo que se atualiza na Igreja e tem suas projeções e implicações para o futuro.

A missão brota do coração da Trindade. As três pessoas em perfeita comunhão. A segunda pessoa, Jesus Cristo, imergiu no tempo e no espaço ao assumir a carne humana. E “na plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher” (Gl 4, 4), segundo o Espírito Santo para realizar o seu projeto de amor, a salvação. Elevar a plenitude à soteriologia, a Palavra (*logos*) que salva

---

<sup>28</sup> DE ANDRADE, 1998, p. 215.

<sup>29</sup> CONBLIM, 2010, p 54 – 55

<sup>30</sup> SENIOR; STHULMUELLER, 2010, p. 478.

<sup>31</sup> CONBLIM, 2010, p. 47.

(*solteria*), traz salvamento ou livramento diante de um perigo iminente a morte, ou sinais de tibieza.

Iremos tentar perceber na ação de Jesus a presença trinitária; na vivência dos seus seguidores e das comunidades primeiras que assumiram a incumbência de propagar a Boa Notícia. Vamos analisar alguns trechos dos Evangelhos, dos Atos dos Apóstolos, da literatura Joanina e da literatura Paulina. Dada a amplitude das obras os demais textos serão citados em um paralelismo que enriqueça o entendimento.

### 1.3.1. OS EVANGELHOS SINÓTICOS E OS ATOS DOS APÓSTOLOS

O primeiro evangelho a ser escrito foi o de Marcos entre o ano 65 – 72, período de conflito crescente dentro do Império Romano. Os estudiosos diferem sobre a precisão da data. O que sabemos com certeza é a convivência deste evangelista com Pedro, assim foi atestado o:

[...] poder de Simão se extinguiu e foi reduzido a nada, junto com ele mesmo. Em troca, o resplendor da religião brilhou de tal maneira sobre as mentes dos ouvintes de Pedro, que não ficavam satisfeitos apenas ouvindo-o uma vez, nem com o ensinamento não escrito da pregação divina, mas com todo tipo de pedidos importunavam Marcos - de quem se diz que é o Evangelho e que era companheiro de Pedro - para que lhes deixasse também um memorial escrito da doutrina que de viva voz lhes era transmitida, e não o deixaram em paz até que o homem o tivesse terminado, e desta forma tornaram-se a causa do texto chamado Evangelho de Marcos<sup>32</sup>.

A grande revolta de Jerusalém (66 – 70 d. C.), tendo culminado com a destruição do Templo em 70, reforça a datação aproximada do texto entre os anos de 67 – 72 da era cristã. Sua redação original está em grego. Sobre o local da sua elaboração é bem provável que tenha sido a cidade de Roma.

Logo no início podemos constatar na afirmação: “princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus” (Mc 1, 1). A escolha das palavras neste versículo é sintomática ao seu propósito.

A expressão “Filho de Deus” conota a essência divina de Jesus Cristo. No pensamento hebraico era inadmissível fazer tal menção. Dizer ser “Filho de Deus” ou “Filho do Homem” é afirmar ser de mesma natureza isso quer dizer igual a Deus.

---

<sup>32</sup> EUSÉBIO DE CESARÉIA, 2000, p. 41.

O destaque da afirmativa foi retomado por Pedro ao responder ao dizer: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mc 16, 16), falou em nome da comunidade dos apóstolos. Os demais evangelistas sinóticos descrevem a fala em linhas gerais, mas com estilo próprio.

Os Sumos Sacerdotes, Escribas e Doutores da lei sustentaram o pecado por blasfêmia para acusar Jesus. A reação diante da agressividade foi impressionante, relatou Marcos, no capítulo 14 e versículo 61: “Ele, porém, ficou calado e nada respondeu”.

A insistência perdurou por parte das autoridades religiosas instituídas daquele tempo. Segundo o escrito, “o Sumo Sacerdote o interrogou de novo: És tu o Messias, o Filho de Deus Bendito?”. As consequências drásticas e as perseguições a maioria do mundo já conhece. Outros paralelos são encontrados nos demais sinóticos.

A meta principal de Marcos é apresentar a pessoa de Jesus e quem é o discípulo. Ao relatar o ministério d’Ele na “Galiléia de tal forma que ambas as margens do lago – judaica e gentia – sentem o impacto da proclamação do reino”<sup>33</sup> surge uma série de questões práticas.

O evangelho segundo Marcos apresenta-nos uma curiosidade própria. Narra no capítulo 6 e versículo 30: “os apóstolos reuniram-se a Jesus e contaram-lhe tudo o que tinham feito e ensinado”. O significado da palavra apóstolos que ressaltamos no início e retomaremos no momento oportuno expressa bem o programa de vida ideal dos que foram enviados com uma incumbência própria (cf. Mc 6, 7 – 13).

No livro de Mateus, capítulo 27 e versículo 12, as acusações feitas pelos líderes judaicos foram ocultadas: “E ao ser acusado pelos chefes dos sacerdotes e anciões, nada respondeu”. Na fala de Pilatos apenas refere-se as várias acusações sem descrevê-las, “então lhe disse [...]: não estás ouvindo de quanta coisa te acusam?”. Nas entrelinhas podemos perceber que são em linhas gerais duas raízes acusatórias: religiosa e política.

Explicitemos a afirmação acima. A motivação religiosa dava-se primariamente por blasfêmia. Autodenominar-se ou ser chamado de “Filho de Deus” ou “Filho do Homem” era afrontar a pureza das práticas religiosas. Outras

---

<sup>33</sup> SENIOR; STHULMUELLER, 2010, p. 478.



divergências surgiam fruto da hipocrisia imperiosa como as práticas de purificação antes das refeições (cf Mc 7, 4 – 6; Mt 15, 1 – 3).

As normas da *Lex romana* sempre prezaram pelo cumprimento do direito vigente no Império. A justificativa religiosa era frágil diante de um governador nomeado por Roma que detinha sob *júdice* um acusado que poderia refutar, baseado na lei romana, a qualquer momento. A pressão imposta por uma parcela da sociedade instigada pelos religiosos do Templo poderia tumultuar o processo, mas possivelmente não favorecer a decisão condenatória.

Aliada a questão religiosa, a pressão popular, veio a jogada decisiva que pôs contra a parede o governador romano: a acusação política de subversão. A única acusação confrontada por Pilatos foi exatamente essa: “És tu o rei dos judeus?” (Mt. 27, 11), as demais denúncias ficaram implícitas ou foram ignoradas, por serem de ordem não jurídica.

A indicativa “o rei dos judeus” colocava em perigo o domínio estrangeiro. Os romanos toleravam as várias práticas religiosas desde que fosse mantida a *pax romana*. Os povos dominados tinham que prestar obediência ao Império, pagar os impostos devidamente e evitar tumultos que caracterizassem desobediência ao governo romano. Era inadmissível pelos romanos a rebelião, a maioria das penas seria prisão e morte. A peça condenatória estava armada.

O termo Evangelho ganha força em Marcos e Mateus que o utilizam para falar sobre o Reino. Associa a necessidade de propagar a todos e todas a salvação; “depois que João foi preso, veio Jesus para a Galiléia proclamando o Evangelho de Deus: ‘Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e credes no Evangelho’” (Mc 1, 14 – 15). Fica clara a incompreensão dos discípulos nos dois anúncios da paixão, morte e ressurreição. Após realizar vários milagres (cf Mc 8, 1 – 10; 22 – 26) imediatamente foram para outro local, Cesaréia de Filipe.

No trajeto aconteceu um diálogo interessante. O Senhor perguntou “a seus discípulos: ‘Quem dizem os homens que EU SOU?’ Responderam-lhe: ‘João Batista; outros, Elias; outros ainda, um dos profetas’”. A réplica soa bem mais interessante. “E vós, perguntou Ele, quem dizeis que EU SOU?’ Pedro respondeu: ‘Tu és O Cristo’”<sup>34</sup>. A responsabilidade que escolheram assumir e as consequências deste encargo vão sendo descobertas paulatinamente ao longo do caminho.

---

<sup>34</sup> Mc 8, 27 – 29.

No evangelho de Mateus a pregação evangélica de Jesus já vem associada de maneira imediata aos milagres. Nos sinóticos a realização de milagres destaca-se como um recurso linguístico próprio do divino agindo na pessoa do Mestre que faz o Reino acontecer. Ele é o reinado messiânico presente desenvolvendo-se nas categorias humanas tempo e espaço.

Jesus “percorria toda a Galiléia, ensinando em suas sinagogas, pregando o Evangelho do Reino e curando toda e qualquer doença ou enfermidade do povo” (Mt. 4, 23). O espaço da pregação começa a ser mais específico, nesse momento às sinagogas locais.

Nos diversos trechos externa-se a presença da Trindade e a missão que brota d’Ela. Jesus, ao ser batizado por João Batista no Rio Jordão, “subiu imediatamente da água e logo os céus se abriram e ele viu o Espírito de Deus descendo como uma pomba e vindo sobre ele” (Mt. 3,16), a descrição da segunda pessoa. Logo na sequência “uma voz vinda dos céus dizia: ‘Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo’” (Mt. 3, 17), reafirma a presença divina.

O próprio envio missionário no final deste evangelista orienta: “toda autoridade sobre o céu e sobre a terra me foi entregue” (Mt. 28, 18); curiosa a colocação. Autoridade conota direito ou poder de ordenar, de decidir, de atuar, de se fazer obedecer. Na Escritura quem detinha o direito é o próprio Deus que julga com sabedoria e misericórdia. Os cânticos do servo sofredor comentados anteriormente remetem a designação divina em relação ao seu Servo. Nele a presença divina foi plenificada, nisto pode ordenar a propagação da mensagem salvífica, detém este direito.

O modo operante deixa claro a ação trinitária. Orientou categoricamente a “ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei” (Mt. 28, 19); a incumbência foi clara. A presença continuada em nosso meio garantida nas suas palavras: “eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos!”. (Mt. 28, 20). O estímulo torna-se marca registrada do Espírito de Jesus. O autêntico mandato missionário é conduzido pelo Espírito Santo.

No terceiro evangelista encontramos textos próprios que nos ajudam em torno da ação trinitária e a nossa missão a partir da missão dela. O notório texto da anunciação traz o diálogo do anjo Gabriel e Maria com menções diretas as três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. Vejamos na íntegra.

No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão chamado José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. Entrando onde ela estava, disse-lhe: "Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!". Ela ficou intrigada com essa palavra e pôs-se a pensar qual seria o significado da saudação. O Anjo, porém, acrescentou: "Não temas, Maria! Encontraste graça junto de Deus. Eis que conceberás no teu seio e darás à luz um filho, e tu o chamarás com o nome de Jesus. Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o *trono de Davi*, seu pai; ele *reinará* na casa de Jacó *para sempre*, e o seu reinado não terá fim". Maria, porém, disse ao Anjo: "Como é que vai ser isso, se eu não conheço homem algum?" O anjo lhe respondeu: "O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra; por isso o *Santo* que nascer *será chamado* Filho de Deus. Também Isabel, tua parenta, concebeu um filho na velhice, e este é o sexto mês para aquela que chamavam de estéril. *Para Deus, com efeito, nada é impossível*". Disse, então, Maria: "Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra!". E o Anjo a deixou<sup>35</sup>.

Ele foi enviado por Deus para anunciar a dádiva de ser mãe do Filho de Deus segundo o Espírito Santo. O agir divino nas criaturas vem repleto de uma mensagem específica. No filho Jesus Cristo, o Emanuel, Deus está conosco. A transmissão desta missiva cabe a cada um que na sua liberdade acolhe o projeto da salvação, propagar o Evangelho.

O evangelista Lucas prefere a derivação de Evangelho que é a expressão Boa Notícia ou anunciar a Boa Nova. Fica explícito sobre a pregação de João Batista, que "com muitas outras exortações, continuava a anunciar ao povo a Boa-Nova" (Lc 3, 18). E no início da vida pública de Jesus quando:

Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías; abrindo-o, encontrou o lugar onde está escrito: O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor<sup>36</sup>.

Os verbos "ungiu, enviou, evangelizar, proclamar e restituir" remetem ao Messias (do hebraico) e Cristo (do grego), em sua missão. Retoma um trecho do livro de Isaías 61, 1 – 2, ajusta a pessoa de Jesus e sua obra messiânica como propositor da libertação. Aproxima a orientação posterior dada pelo profeta Sofonias: "procurai a *lahweh* vós todos, os pobres da terra, que realizais o seu julgamento.

---

<sup>35</sup> Lc 1, 26 – 38.

<sup>36</sup> Lc 4, 17 – 19.

Procurai a justiça, procurai a humildade: talvez sejais protegidos no dia da ira de *lahweh*".

O Batismo do Senhor feito por João no Rio Jordão endossa o impulso do Espírito presente em seu ministério para assistir aos pobres segundo Mateus 3, 16: "batizado, Jesus subiu imediatamente da água e logo os céus se abriram e ele viu o Espírito de Deus descendo como uma pomba e vindo sobre ele". O escolhido foi enviado para ser a presença divina em nosso meio, o próprio Reino de Deus, a auto *Basiléia*. A priori pode causar certa dificuldade de compressão. Tendo em vista que:

A identidade de Jesus é uma identidade narrativa, que se colhe através dos momentos vários e do nexos do relato. [...]. É porque Jesus está presente, ou toca, ou fala, ou ordena, ou age, que as peripécias se desencadeiam. O esquema "carência + competência + ação performativa + sanção", que é o de muitos episódios, salienta a função decisiva que ele tem na transformação narrativa, mas também papel revelador que essa intervenção constitui para a sua construção como personagem. Lucas-Atos transforma o que parecia constituir uma inevitável falência na decisiva confirmação do messianismo de quem Jesus é, Messias e Filho de Deus<sup>37</sup>.

No ato de falar opera-se, pois, "quem diz palavra diz ação, movimento. A palavra é comunicação de força. Jesus é ação. O Evangelho apresenta a Jesus como ação, comunicação da força de Deus aos homens"<sup>38</sup>. A Palavra que gera a vida propicia o constante movimento de através da nossa fala comunicarmos a Palavra e prolongar a existência quando defendemos a dignidade das pessoas. E como "[...] anúncio de um reino de Deus que se constrói na terra dentro de uma Igreja organizada, dentro da harmonia dos dons espirituais e sob a vigilância dos apóstolos"<sup>39</sup>. Uma comunhão basilar na comum unidade das três pessoas da Trindade.

O interessante que "é Lucas-Atos quem proporciona as reflexões mais inclusivas sobre a missão universal em todo o conjunto do Novo Testamento"<sup>40</sup>. Enfatiza, ainda, como estilo imperativo "[...] o ministério profético de Jesus. Sua missão, ungida pelo Espírito, de compaixão e justiça é novamente pregada no ministério em expansão da Igreja do pós-pascal"<sup>41</sup>. Uma experiência profundíssima

---

<sup>37</sup> MENDONÇA, 2018, p. 173.

<sup>38</sup> COMBLIN, 2010, p. 88.

<sup>39</sup> COMBLIN, 2010, p. 138.

<sup>40</sup> SENIOR; STHULMUELLER, 2010, p. 478.

<sup>41</sup> SENIOR; STHULMUELLER, 2010, p. 478 – 479.

fundida na realidade e a partir do momento vivido ressignificado à luz da vida, morte e ressurreição do Senhor.

A ligação feita entre o Evangelho de Lucas e o livro dos Atos dos Apóstolos abre uma série de possibilidades dialogais sobre a vivência missionária. Uma delas é que a missão é vista como um encargo. Uma das dimensões mais enfatizada é o serviço.

Chama a atenção que “as suas declarações a respeito dos ‘pobres’ revelam óbvia solidariedade para com os indefesos. [...] capaz de descobrir bondade naquelas pessoas consideradas falidas pela sociedade [...]”<sup>42</sup>. A categoria pobre, advindo do hebraico *‘anawîm*, bem sintetiza todos excluídos e todas excluídas. Foi muito usado no Antigo Testamento e retomado no Novo Testamento para bem caracterizar a ação de Jesus a favor dos mais necessitados e necessitadas.

O serviço impulsiona a uma doação total ao ponto de “Barnabé e Saulo, depois de se terem desempenhado do seu ministério em Jerusalém, regressaram, levando consigo João, cognominado Marcos”. (At. 12, 25). Continuam a propagar a Boa Notícia com inteira disposição nos diversos locais.

Entendimento este que se liga intimamente ao ministério (substantivo > diaconia – servidor da mesa e adjetivo > liturgia)<sup>43</sup>: “desempenho de um serviço (At. 7, 53), [...] religioso [...] dos levitas, sacerdotes, profetas e apóstolos (1Cor. 6, 32; 24, 3; Zc. 7,7; At. 1, 25), atividade desenvolvida por Jesus [...] (Lc. 3, 23)”. Ou ainda o verbo ministrar: “servir; ajudar (At. 19, 22; Rm. 15, 27), exercer um ministério [substantivo]”; e ministro (substantivo e verbo): “servo (Sl. 103, 21; Jo. 18, 36); empregado (Rm. 13, 4); conselheiro; auxiliar (2Sm. 8, 18); pessoa designada para exercer um ministério (1Cor 29, 11; Atos 26, 16)”<sup>44</sup>. Vale salientar a dimensão do servir.

É mais importante ainda observar que Jesus é chamado servo de Deus (Atos 3, 13, 26; 4, 27-30, pais), o que provavelmente o identifica com a figura do servo em Isaías; além disso, os Evangelhos aplicam repetidamente os textos de Isaías sobre o servo ao ministério de Jesus [...]. Apesar de a instituição greco-romana da escravidão certamente ser uma imagem subjacente em várias das referências feitas a servos no NT (especialmente *douloi*), é provável que o contexto hebraico seja mais importante quando o termo G

<sup>42</sup> SENIOR; STUHLMUELLER, 2010, p. 222

<sup>43</sup> Diaconia (*Διακονία*), “o cargo e trabalho de um *diakonos*” [...] *leitourgikos* (*Λειτουργική*), “do ou pertencente ao serviço, ministério” (VINE; UNGER; WHITE JR., 2002, p. 785).

<sup>44</sup> DICIONÁRIO DA BÍBLIA DE ALMEIDA, 1999, p 208 – 209.

[syn-] *doulos* é usado para designar os escritores das epístolas (Rm 1, 1; Fl 1,1; Tt 1,1; Tg 1,1; 2Pd 1,1; Jd 1; Ap 1,1), os [...] cristãos (1Cor 3, 5; Gl 1, 10; Cl 1, 7.12; 2Tm 2, 24) e [...] em geral (1Pd 2, 16; Ap 2, 20; 6. 17; 7,3; 19,2.5.10; 22, 3.9), uma vez que a idéia de eleição, vocação e privilégio é mais importante do que o conceito de dever e submissão [nos termos] servo, escravo: *ámá* (escrava); *n<sup>e</sup>tínim* (escravos do templo); *ébed* (servo); *siphâ* (escrava, serva)<sup>45</sup>.

O movimento conota a ação do servo que sai de sua área de conforto e vai aonde for enviado. O livro dos Atos de Apóstolos detalha a realidade das primeiras comunidades, as ações dos seguidores do caminho que iam anunciando a Boa Notícia.

A figura de Saulo tem destaque nesta obra. No caminho de Damasco, Saulo fez uma experiência profunda e converteu-se (cf At. 9; 22, 6 – 16; 26, 12 – 18). Adotou o nome Paulo. Era habitualmente utilizado pelos patrícios judeus da Diáspora. A sua formação farisaica e helênica muito contribuiu nas suas pregações marcadas pela oratória. No próximo bloco iremos desenvolver a missão paulina entre a experiência pessoal e comunitária. Um jeito próprio de testemunhar o Evangelho a todas as pessoas sem distinção.

### 1.3.2. A LITERATURA JOANINA

O quarto evangelista aproxima-se dos sinóticos – Marcos, Mateus e Lucas – no tocante ao estilo de narrativa sob a vida de Jesus Cristo. Foi escrito no final do primeiro século, provavelmente entre os anos de 89 – 92. Acentua a figura de João Batista e outros eventos que remetem ao Senhor.

No O verbo encarnado que é pré-existente antes de toda a criação; o *Logos* eterno adentra o tempo e espaço, o mundo. No mundo manifesta em plenitude a glória de Deus. Ao prolongar esta visão no evangelho de João podemos afirmar: “os sinais são gestos que falam. [...] Consta, portanto, que os sinais também revelam”<sup>46</sup>. A obra de Jesus descrita no evangelho joanino é o grande sinal da presença divina em nosso meio.

No ato de falar age, pois, “quem diz palavra diz ação, movimento. A palavra é comunicação de força. Jesus é ação. O Evangelho apresenta a Jesus como ação,

<sup>45</sup> VANGEMEREN, 2011, p. 1219.

<sup>46</sup> COMBLIN, 2010, p. 91.

comunicação da força de Deus aos homens”<sup>47</sup>. A Palavra que gera a vida propicia o constante movimento de através da nossa fala comunicarmos a Palavra e prolongar a existência quando defendemos a dignidade das pessoas.

A constituição deste evangelho apresenta estilo próprio. O evangelista primou em escrever um texto bem elaborado de uma profundidade teológica ímpar. A estrutura e o conteúdo bem expressam isso<sup>48</sup>.

Desde o início no prólogo um belo hino expressa o teor a ser desenvolvido em toda obra. O toque cristológico que está presente em todo o escrito joanino realça o seu estilo. O título diferenciado que utiliza para fazer menção a Jesus é o “Filho do Homem”. A cristologia permeia a sua missão.

[...] essa cristologia é universal, cósmica mesmo no seu alcance, [...]. o núcleo da cristologia de João é a afirmação de que Jesus Cristo é o revelador singular do Deus vivo ([Jo] 1, 18).

O vínculo entre o Pai e o Filho e o papel revelador excepcional do Filho tocam quase que cada face da linguagem cristológica de João<sup>49</sup>.

A segunda pessoa da Trindade, o Filho, encarna o que está presente em todas as três pessoas. A perfeita comunicação. Ao adentrar o tempo e o espaço comunica de maneira privilegiada o “[...] anúncio de um reino de Deus que se constrói na terra dentro de uma Igreja organizada, dentro da harmonia dos dons espirituais e sob a vigilância dos apóstolos”<sup>50</sup>. Uma comunhão basilar na comunidade das três pessoas da Trindade estimula todos e todas a anunciar o Reino.

O viés apresentado no evangelho desdobra-se nas três cartas. A centralidade na pessoa do Cristo presente na comunidade que é guiada pelo Espírito assume a missão confiada pelo Pai de testemunhar o seu nome, o seu amor para com a humanidade.

No livro do Apocalipse conjectura-se um estilo próprio, como já fica explícito no próprio título da obra. A revelação (o apocalipse) apresentada por João valoriza mais aspectos que já estavam presentes no evangelho: os números (cf. Ap 1, 12. 16. 20; 2, 1; 4, 4 – 5), os personagens corporativos ou personalizados com um fim específico de acordo com cada momento (cf. Ap. 4, 4; 12, 1 – 9), e ambientes que podem ser associados ao contexto vivido ou atualizado ao nosso através da

<sup>47</sup> COMBLIN, 2010, p. 88.

<sup>48</sup> Ver o quadro no anexo I.

<sup>49</sup> SENIOR; STHULMUELLER, 2010, p. 425 e 427.

<sup>50</sup> COMBLIN, 2010, p. 138.

hermenêutica (cf. Ap 1, 4 – 7. 9 – 12). A estrutura como foi escrito dá uma vista panorâmica do que mencionamos acima.

O desafio imenso de viver a fé em meio à perseguição marcou profundamente as comunidades joaninas. A missão de guardar e testemunhar a fé, às vezes com a própria vida, no século I pela comunidade joanina inspira os cristãos do século XXI em superar as dificuldades.

### 1.3.3. A LITERATURA PAULINA

Os estudiosos mantiveram análises distintas sobre a vida, o conteúdo, o estilo e o método paulinos. Nós consideramos que Donald Senior e Carroll Stuhlmüller foram assertivos em grande medida ao fazer uma bela ponte entre a literatura paulina e a missão. Vamos nos basear neles com as devidas observações.

É interessante o modo que Paulo estrutura a missão em seus escritos. O evento fundante é o próprio Jesus Cristo. No projeto universal, “o plano de Deus de reunir em Cristo, todos os valores e todas as realidades [...], mistério de Deus (Cl 1, 26 – 27; 2, 2; Ef 1, 9; 3, 3)”<sup>51</sup>. Busca integrar a fé, a razão e a emoção.

[...] o ponto de partida apropriado e o motivo predominante da teologia paulina são soteriológicos. Deus oferece a salvação a todos através da morte-ressurreição de Jesus Cristo. A maior parte da reflexão [...] ocupou-se com a dinâmica desse processo redentor e as suas implicações para a existência humana em Cristo<sup>52</sup>.

Ao longo do discurso sistematiza o próprio anúncio, mantém a essência do conteúdo e expande a sua experiência pessoal junto as comunidades. Apresenta como fruto a experiência entre Deus e a humanidade, o Reino que constitui dá sentido e muda a atitude do ser humano. O agir de Paulo é ministerial.

Os escritos paulinos são fruto da sua experiência pessoal e comunitária. A sua vida “pode ser relacionada [...]: a morte de Herodes Agripa (44 d. C.); a administração de Galião em Corinto (50/51 ou 51/52 d. C.); a administração de Félix em Cesaréia (58 – 60 d. C.)”<sup>53</sup>. Optamos pelo viés cronológico da sua conversão, das suas viagens, dos seus escritos, da sua prisão e morte. A escolha foi pauta na ligação fé – vida e a vida – fé. Ao pesquisar percebemos esta íntima relação.

<sup>51</sup> COMBLIN, 2010, p. 140.

<sup>52</sup> SENIOR; STHULMUELLER, 2010, p. 259.

<sup>53</sup> MACKENZIE, 1983, p. 701.



A cronologia das suas viagens influi diretamente nos seus escritos. Após a sua conversão visita Jerusalém nos anos de 37 – 39, permanece na região de Antioquia entre 43 – 44. A partir daqui podemos dividir três viagens missionárias.

A 1ª viagem missionária de 45 a 49. Em 49 vai de novo a Jerusalém. A 2ª viagem missionária 49 – 52; em Corinto 50 – 52 e 1 – 2 Tessalônica entre 51 – 52. A 3ª viagem missionária (53 – 58), sendo a última e mais longa, foi marcada pela maturidade do seu escrito teológico. Destaca-se neste bloco os escritos em Éfeso 54 – 57, aos Gálatas e a 1ª epístola aos Coríntios no ano de 54, a visita a Macedônia e a 2ª epístola aos Coríntios em 57, a passagem em Corinto e Roma nos idos de 58 encerrando esse período.

Os outros escritos foram possivelmente desenvolvidos pelos anos de 60 ou 61 até 63. Algumas datas e locais ficam imprecisos ou desconhecidos. Podem ter existido as viagens à Espanha e ao Oriente entre 62 ou 63 – 67. A prisão e morte aproxima-se dos anos 67 – 68 em Roma.

A síntese dos anais reporta-nos a perspectiva missionária do seu apostolado. Ele acreditava que “o Deus de Israel exerce sua soberania sobre toda a criação e [...] as pessoas ao [...] chamar todas à salvação através de Jesus Cristo. Era esta a pedra angular da sua teologia da missão”<sup>54</sup>. A missão apostólica paulina foi pautada na economia da salvação. Ao iniciar uma de suas cartas deixou claro o seu pensamento:

[...] à Igreja de Deus, que está em Corinto, àqueles que foram santificados em Cristo Jesus, chamados a ser santos, com todos os que em qualquer lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso. Graça e paz a vós da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo!

[...] Com efeito, a linguagem da cruz é loucura para aqueles que se perdem, mas para aqueles que se salvam, para nós, é poder de Deus. [...]

[...] nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus, é escândalo, para os gentios é loucura, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus<sup>55</sup>.

O Deus que criou a tudo, todos e todas relevam-se plenamente no seu Filho. Ao viver como Jesus viveu nos tornamos santos no seu amor. Praticamos bem os seus ensinamentos. Aqueles que invocam seu nome estão unidos n’Ele, por Ele e

<sup>54</sup> SENIOR; STHULMUELLER, 2010, p. 259.

<sup>55</sup> 1 Cor 1, 2 – 3.

para Ele independente do espaço ou do tempo. A essência do conteúdo encontra-se neste trecho e por várias vezes foi aprofundada nas outras cartas. O conhecimento do Senhor deve ser expandido a todos e todas sem distinção.

A propagação da pessoa de Jesus Cristo está intimamente ligada a vida de quem o anuncia. Assim o fez a comunidade da Galácia quando escreveu: “[...] não conhecendo a Deus, servistes a deuses, [...]. Mas agora, conhecendo a Deus, [...] como é possível voltardes [...] estes fracos e miseráveis elementos aos quais vos quereis escravizar novamente?”<sup>56</sup>. Podemos sintetizar a teologia da missão nestas passagens. Outras certamente vão nesta direção por motivos óbvios, a necessidade de compilar, optamos por destacar as duas supramencionadas.

Uma vez embasado o conteúdo vamos destacar a estratégia da missão na literatura paulina. Já afirmamos em outras palavras que Paulo aplicou a soteriologia como fio condutor nos seus escritos. A estratégia missionária se deu em três vertentes: a) expandir – propagar o Evangelho; b) inserir os gentios; c) conversão.

A construção do itinerário foi coerente e adaptável a realidade latente de cada comunidade. Diversos temas surgiram. A cada assunto tentou dar a devida atenção. Manteve sempre o pensamento de que Deus cumpriu sua promessa, salvou toda a criação no seu Filho Jesus Cristo e constantemente renova-nos no Espírito Santo. Detalhemos este caminho missionário traçados estrategicamente.

a) Expandir e propagar o evangelho. Uma pauta necessária. Na orientação do Ressuscitado este é um dos motes centrais dos cristãos. O mandato missionário presente nos evangelistas remete claramente a propagação da Boa Notícia. A maneira operacional deste anúncio ia sendo experimentado na medida que se arriscava.

Na prática tudo era novíssimo. A constante necessidade de adaptar a linguagem, a maneira de comunicar e o grande desafio de manter o essencial da mensagem da salvação. A expansão era acompanhada de acusações desconcertantes. As injúrias não impediam de continuar, afinal a prioridade sempre é a revelação. Os devidos esclarecimentos foram dados na segunda carta à comunidade de Corinto:

Não temos a ousadia de nos igualar ou de nos comparar a alguns que recomendam a si mesmos. Medindo-se a si mesmos segundo a sua medida e comparando-se a si mesmos, tornam-se insensatos.

---

<sup>56</sup> Gl 4, 8 – 9.

Quanto a nós, não nos gloriaremos além da justa medida, mas nos serviremos, como medida, da regra mesma que Deus nos assinalou: a de termos chegado até vós. Não nos estendemos indevidamente, como seria o caso se não tivéssemos chegado até vós, pois, na verdade, fomos ter convosco anunciando-vos o evangelho de Cristo. Não nos gloriamos desmedidamente, apoiados em trabalhos alheios; e temos a esperança de que com o progresso da vossa fé, cresceremos mais e mais segundo a nossa regra, levando mesmo o evangelho para além dos limites de vossa região [...] <sup>57</sup>.

A Grécia insular tinha suas características próprias. Na cidade portuária de Corinto, a complexidade do pensamento grego unido ao grande fluxo de pessoas das mais diversas culturas fizeram surgir uma série de dificuldades. Frente a tais colocações o destaque dado era sempre a pregação do evangelho a todos e a todas sem distinção.

b) Inserir os gentios tornou-se prioridade para uma parte dos apóstolos. As dificuldades de aceitação cresciam. Os judaizantes queriam limitar a convivência dos não circuncidados. Ao ponto de evitar que tomassem refeição a mesma mesa. Corria o risco de criar uma casta privilegiada na comunidade. A normatização iria dificultar ainda mais a pregação e a conversão dos gentios. A polêmica sobre o assunto e o risco de uma cisão no imergente grupo foi motivo de uma reunião ampliada conhecida como Concílio de Jerusalém <sup>58</sup>.

O embate clássico entre Paulo e Pedro deu-se de maneira particular devido os gentios. A inclusão estava em jogo, viver segundo “Deus [que] não faz acepção de pessoas” <sup>59</sup>, e sim as convida para participar da sua alegria. Na cidade de Antioquia, Paulo repreendeu Pedro por querer impor o costume dos cristãos judaizantes a todas e todos os gentios que se convertiam ao cristianismo. O relato diz o seguinte:

Mas quando Cefas veio a Antioquia, eu o enfrentei abertamente, porque ele se tinha tornado digno de censura. Com efeito, antes de chegarem alguns vindos da parte de Tiago, ele comia com os gentios, mas, quando chegaram, ele se subtraía e andava retraído, com medo dos circuncisos. Os outros judeus começaram também a fingir junto com ele, a tal ponto que até Barnabé se deixou levar pela sua hipocrisia. Mas quando vi que não andavam retamente segundo a verdade do evangelho, eu disse a Pedro diante de todos: se tu, sendo judeu, vives à maneira dos gentios e não dos judeus, por que forças os gentios a viverem como judeus?

---

<sup>57</sup> 2 Cor 10, 12 – 16a.

<sup>58</sup> Atos 15, 1 – 35.

<sup>59</sup> Gl 2, 6.

A formação helênica certamente ajudou neste momento. A retórica e dialética gregas deram respaldo a coerência que os pregadores anunciavam aos gentios. Expôs uma contradição gritante dos que defendiam a impertinente prática judaica. Criar a barreira da circuncisão como prática obrigatória violariam o princípio de unidade. Levaria a ruínas todo o trabalho realizado nas diversas comunidades fora da cultura hebreia. Esvaziaria o sentido da plenitude da Lei segundo a vivência evangélica.

O evento Jesus Cristo, como promotor da libertação total do ser humano, ilumina a compreensão das Escrituras. Na elementar e derradeira instância “glória e honra e paz para todo aquele que pratica o bem, para o judeu em primeiro lugar e também para o grego. Porque Deus não faz acepção de pessoas”<sup>60</sup>. O grande lance relacional de Paulo foi exatamente trabalhar a inclusão de todos e todas. Neste caso específico dos gentios.

c) A conversão. Nas primeiras comunidades a conversão estava associada a pessoa que aderiu à fé ou a alguém que se desviava da vivência cristã e precisava retornar às suas práticas. Aqui iremos privilegiar o aspecto a mudança adesão ao cristianismo.

A palavra conversão vem do grego *metanoia* (μετανοια). Significa “como acontece a alguém que se arrepende, mudança de mente (de um propósito que se tinha ou de algo que se fez)”<sup>61</sup>. Se ampliarmos chegaremos a *Metanoeo* (Μετανοεω): “mudar a mente, arrepender-se, mudar a mente para melhor, emendar de coração e com pesar os pecados passados”<sup>62</sup>; ou a *metamellomai* (μεταμελομαι): “estar posteriormente preocupado com alguém ou algo, estar arrependido, arrepender-se”<sup>63</sup>. A correlação das palavras influi sob a mudança de vida.

Os diversos significados e sinônimos de conversão equiparam-se no que diz respeito a mudar o pensar, o agir. Acolher a mensagem cristã provoca uma mudança existencial. Na Escritura, na Tradição e no Magistério a *metanoia* (μετανοια) ganhou. No geral é a palavra grega que melhor expressa a mudança de vida em sua totalidade.

O Apóstolo dos gentios estimula Timóteo a levar a cabo o processo profundo que exige uma nova postura. Acreditar na força divina e, “[...] dar testemunho de

---

<sup>60</sup> Rm 2, 9 – 10.

<sup>61</sup> STRONG, 2002, 3341.

<sup>62</sup> STRONG, 2002, 3340.

<sup>63</sup> STRONG, 2002, 3338.

nosso Senhor, [...]; pelo evangelho, confiando no poder de Deus, que nos salvou e nos chamou com uma vocação santa, [...], em virtude do seu próprio desígnio. [...]"<sup>64</sup>.

O ser que se tornar uma nova pessoa ao propor-se seguir um conjunto de orientações segundo a fé religiosa age em vista de uma transformação contínua. O escrito personalizado expressa o zelo destinado as lideranças. Estas, às vezes, precisam de um estímulo específico para continuar a missão junto aos irmãos e as irmãs. As demais cartas comunitárias expressam as orientações comuns que devem ser observadas em vista de uma vivência autêntica da prática do bem.

O propagar, o inserir e a conversão é comprovadamente uma tática eficiente. Associada a coerência teológica, a transmissão fiel da mensagem de salvação, Paulo emergiu como um belo exemplo de vida, fé e missão. Uma adesão concisa da pessoa faz surgir um discípulo missionário comprometido em anunciar a todos e a todas a salvação.

---

<sup>64</sup> 1Tm 1, 8 – 9.

## II. A MISSÃO NO VATICANO II E O PÓS-CONCÍLIO

Caminhamos até aqui nos fundamentos histórico-bíblicos da missão. Eles ajudar-nos-ão a esclarecer cada vez mais a essência do anúncio e a constante necessidade de atualizar a mensagem de salvação. Agora iremos fazer uma ponte ao Concílio Ecumênico Vaticano II e paulatinamente ligar aos nossos dias.

As últimas décadas do século XIX e as cinco primeiras do século XX foram de profunda reflexão em torno do modo de agir da Igreja, a maneira de relacionar-se com o mundo. Era necessário cada vez mais “encontrar uma expressão adequada para tornar [a] mensagem inteligível para a humanidade de hoje”<sup>65</sup>. O mundo estava a passar por profundas transformações nas mais diversas áreas: do conhecimento racional, da cultura, da religião, da sociedade, da política e da economia.

### 2.1. O CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II: PONTES E PERSPECTIVAS

O Concílio Ecumênico Vaticano II (1962 – 1965) tornou-se o mais importante acontecimento da Igreja Católica no Século XX. O simples fato de abrir diálogo com a complexidade da era moderna possibilitou uma guinada de época sem igual. A sua realização estava inserida, influenciada e desenvolveu-se em confluência com realidade da sua época.

O diálogo com a sociedade, a realidade volátil e a maneira de transmissão da Boa Notícia exigiam novos métodos. Superar o legalismo em prol da dignidade humana era perceber que “[...] a lei consiste na compaixão pelos sofrimentos dos irmãos [e das irmãs], uma compaixão que é ativa solidariedade”<sup>66</sup>. Aprofundar a sensibilidade com o sofrimento de tantas pessoas desprovidas do mínimo para viver.

Jornadas de trabalho massacrante. A título de exemplo mulheres e crianças que chegavam a ultrapassar doze, quatorze e até dezesseis horas de trabalho diário. E ainda por cima recebiam remuneração bem inferior em relação ao homem.

---

<sup>65</sup> GUTIÉRREZ, 1985, p. 20.

<sup>66</sup> COMBLIN, 2010, p. 31.

Caso ficassem doentes ou fossem demitidos (as) eram desprovidos de qualquer benefício trabalhista<sup>67</sup>.

## 2.2. O CONTEXTO PRÉ-CONCÍLIO VATICANO II

As transformações da primeira metade do século XX, em especial 1914 – 1950, marcaram profundamente a humanidade. No começo da segunda década do século XX teve início uma das mais assustadoras guerras do Planeta Terra. A Primeira Guerra Mundial aconteceu de 1914 a 1918. Espalhou atrocidades, em especial na Europa.

[...] o curto Século como uma espécie de díptico. Sua primeira metade – de 1914 até as consequências da Segunda Guerra Mundial – foi claramente uma era de catástrofe, na qual desabara todo aspecto da sociedade capitalista liberal do século XIX. Foi uma era de guerras mundiais, seguida de revoluções sociais e do colapso dos antigos impérios, da economia mundial próxima à falência, do colapso ou derrota das instituições democrático-liberais quase por toda parte<sup>68</sup>.

As novas tecnologias bélicas potencializaram o poder de destruição. A guerra total chegara em todos os espaços possíveis: a terra, o mar e o ar. Os tanques, navios, submarinos e aviões eram equipados com armamentos pesados de alto poder de fogo e destruição. Causavam devastações colossais. O gás venenoso aterrorizou ao matar centenas de pessoas em um raio de alcance imenso.

Paralelo à Grande Guerra, no ano de 1917, acontecia a Revolução Russa. Um fato importantíssimo que mudaria o mundo nas décadas seguintes. Conhecida, também, como Revolução Bolchevique<sup>69</sup> instalou o regime político-econômico socialista; consolidado a posteriores no comunismo com a criação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas no ano de 1922<sup>70</sup>.

---

<sup>67</sup> No Brasil a Justiça do Trabalho foi criada em 1941 e no ano de 1943 houve a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) pelo então presidente Getúlio Vargas. Os direitos trabalhistas demoraram bastante a serem efetivados e respeitados.

<sup>68</sup> HOBSEBAWM, 2001, p. 250.

<sup>69</sup> Nome de um grupo revolucionário que tomou o poder político na Rússia. O grupo liderado por Lênin defendia uma implantação imediata do regime socialista. Fundaram o Partido Comunista Russo e passaram a ser referidos, conhecidos, como tal.

<sup>70</sup> cf. HOBSEBAWM, 2001, p. 264 – 267.

Ao término da 1ª Guerra Mundial em 1918, as tensões só aumentavam. Crescia a corrida colonial agressiva sobre os diversos territórios africanos majoritariamente dominados pelos Impérios ou nações europeias. Aconteceram redefinições importantes na geopolítica-econômica dos territórios asiáticos dominados por europeus, chineses e japoneses.

A criação da Liga das Nações ou Sociedade das Nações no ano de 1920 poderia ter sido um alento de paz no mundo que há pouco tempo tinha sido calhado pela violência e devastação em uma escala alarmante. Contudo, o viés do espólio de guerra aos vencedores determinou a sua função e humilhou cada vez mais os que tinham sido derrotados.

Os países vitoriosos anexaram vários territórios (colônias) e forçaram os perdedores a cumprirem uma série de sanções econômicas, bélicas e outras restrições. Os estados totalitários nasciam em diversas regiões. A quebra da bolsa de Nova Iorque abalou a economia mundial. A crise alastrou-se em todo mundo.

A Península Ibérica deflagrou duas longas ditaduras. A ditadura na Espanha, o Franquismo no ano de 1936 até 1975, foi liderada por Francisco Franco; em Portugal incidiu um duplo regime ditatorial. A Ditadura Nacional (1926 – 1933) e o Estado Novo (1933 – 1974). António de Oliveira Salazar influenciou os dois governos ditatoriais. O segundo período, Estado Novo, ficou conhecido como Ditadura Salazarista ao levar em conta que o mesmo permaneceu como primeiro ministro de 1933 até 1968. Exceto no ano de 1951 que esteve na função de presidente.

O Brasil viveu períodos de grande tensão e instabilidade econômica e política. A política do café com leite, aliança de Minas Gerais, a constante desvalorização da balança comercial brasileira prejudicou em especial os exportadores que dependiam do mercado externo.

No conturbado contexto ocorreu a eleição presidencial. O presidente Washington Luís apoiou o governador de São Paulo Júlio Prestes. A oposição liderada por Minas Gerais e o Rio Grande do Sul lançou Getúlio Vargas como candidato da oposição. O candidato governista Prestes foi eleito. A oposição questionou o resultado da eleição.



Os Estados do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba deflagraram uma revolta armada, derrubaram o então presidente Washington Luís e instauraram um governo provisório liderado por Vargas. No ano de 1930 chegava ao fim a República Velha. Ela foi marcada, principalmente, pela política do café com leite; devido a aliança entre São Paulo, grande produtora de café, e Minas Gerais grande produtora de leite.

Deflagrada a revolução e sufocados vários focos de resistência, deslocando-se as forças sulinas, prepararam-se para o encontro com o grosso das forças legalistas em Itararé, na zona fronteira do Paraná e de São Paulo. [...] no Rio de Janeiro chefes das Forças Armadas, organizados em junta militar e contando com a interferência do Cardeal D. Sebastião Leme, obtêm o afastamento de Washington Luís do poder<sup>71</sup>.

No ano de 1934 houve um esboço para democratizar o país. O líder do governo provisório, Getúlio Vargas, articulou sua permanência no poder. Instalou o Estado Novo, regime ditatorial que perdurou de 1937 a 1945.

Estava em vigor na Itália a ditadura fascista no período de 1922 a 1943. O domínio forte de Benito Mussolini implementou uma série de mudanças estatais. Estatizou os bancos, dominou a imprensa local e fechou os partidos políticos (1925). O único partido autorizado a funcionar era o Partido Nacional Fascista (PNF).

Na Alemanha a desterrada derrota na 1ª Guerra Mundial (1914 – 1918) deixou profundas sequelas. O nacionalismo exacerbado ganhou força ao ponto de um partido crescer em demasia aproveitando-se do momento difícil vivido pela população. O Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, ou partido nazista liderado por Adolf Hitler, deflagrou o Terceiro Reich. Conhecido como Governo Nazista ou Governo Nazi com duração de 1933 a 1945.

O clima tenso e conturbado resultou na eclosão da 2ª Guerra Mundial em 1939, perdurando até o ano 1945. A dignidade do ser humano foi deflorada. Os campos de extermínios nazistas, a segregação racial (étnica) e a expansão armamentista tomaram proporções inimagináveis.

---

<sup>71</sup> ACCIOLI; TAUNAY, 1973, p. 425.

[...] em um aspecto a mudança nas gerações é visivelmente central tanto à escrita quanto à prática da história do século XX. Não há país em que o fim da geração política que teve experiência da Segunda Guerra Mundial não tenha marcado uma mudança importante, ainda que muitas vezes silenciosa, na política, bom como em sua perspectiva histórica sobre a guerra e – como é evidente tanto a França quanto na Itália – a Resistência. Em termos mais gerais, isso se aplica à memória de qualquer das grandes sublevações e traumas na vida nacional<sup>72</sup>.

Os ataques suicidas japoneses, as câmaras de gás nazistas e a explosão da bomba atômica estadunidense nas cidades de Hiroshima e Nagasaki fragilizaram o planeta. A humanidade estava em frangalhos, dilacerada e ferida de morte.

A realidade de destruição, de extermínio, das piores mortes, impensáveis até aquele momento levantou questões fundamentais em torno da religião. A mentalidade antropocêntrica, do racionalista e da modernidade foram abaladas enquanto tal.

O fim da 2ª Grande Guerra Mundial no ano de 1945 gerou uma polarização hostil. Podemos até chamar de dualização entre as principais potências vencedoras. A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e os Estados Unidos da América protagonizaram a Guerra Fria de 1947 a 1991. Simbolizada melancolicamente pelo Muro de Berlim dividia a Alemanha Oriental (comunista) e a Alemanha Ocidental (capitalista). A URSS (1922 – 1991) com o viés comunista e os EUA com o capitalismo.

No campo cultural o início da segunda metade do século XX teve a ação contra cultural do Movimento Hippie. O novo estilo de vida ganha força especialmente na década de 1960.

Perguntas conhecidíssimas vieram à tona: onde estava Deus durante o Holocausto? A fé salva? Como sociedades historicamente cristãs praticam tamanho horror? Será possível viver o amor em um mundo de ódio? No escárnio da Guerra de que maneira pode-se transmitir a fé?

Outras tratativas para impedir o avanço comunista e manter a liberdade da fé foram desenvolvidas. Entre as mais conhecidas deu-se a ação católica nos mais diversos campos. A exemplo da ação católica operária.

---

<sup>72</sup> HOBBSAWM, 2001, p. 248.

### 2.3. A CARACTERIZAÇÃO DO CONCÍLIO NAS CONSTITUIÇÕES E DECRETOS

Vários paradigmas precisaram ser superados. Necessitava usar uma linguagem distinta ao momento delicado que era vivido. Uma nova maneira de comunicar a fé; “o que nos preocupa, objeto da evangelização, é o mundo presente tal como é. [...] para poder agir, é preciso estar presente”<sup>73</sup>. A missão precisava renovar-se para revigorar as pessoas arrasadas pelas mudanças desastrosas e o mundo em contínua modificação.

A Nova Teologia no século XX deu impulso a reflexão dinâmica do processo histórico a partir do evento Jesus Cristo. Lançou luz à realidade, “a Igreja tomará consciência, [...], de que já terminou o tempo de cristandade e de qualquer possibilidade de retorno a ele”<sup>74</sup>. A alteridade ganha um espaço significativo ao analisar o sujeito (agente missionário), o componente (mensagem a ser transmitida), o modo (metodologia própria a cada realidade) e o destinatário (aquele que receberá, interagirá e terá potencial a tornar-se o novo sujeito a agir) da missão.

A relação entre o homem e o transcendente sempre foi discutida ao longo da construção do saber. Na teologia a busca de um ponto de partida para tal análise variou ao longo dos séculos. Um dos períodos que mais houve mudança na raiz estatutária epistemológica foi o século XX. A teologia da História, a nova teologia através das escolas teológicas belga, francesa, alemã e holandesa fomentavam um novo pensar e agir teológico no pré-concílio. A revitalização bíblica, patrística e litúrgica propostas pelo movimento da nova teologia influenciaram diretamente as decisões do Concílio.

Alguns elementos importantes persistem com força até os nossos dias como aporte ao estudo teológico. Ressaltamos a teologia da História que contribuiu com a visão histórico-crítica na Revelação; no ver, sentir, dialogar, relacionar o humano ao Transcendente. Ao sagrado que se autorrevela no tempo e no espaço. Age na (s) cultura (s) do (s) povo (s), na (s) história (s), estabelece um mundo novo, com o intuito de expandir:

[...] o Evangelho [...] que leva à vida. Aceitar o Evangelho, deixar-se levar pelo Evangelho já é pertencer ativamente ao novo mundo. Pois

---

<sup>73</sup> COMBLIN, 2011, p. 15.

<sup>74</sup> LIBÂNIO, 2012, p. 81.

a vida nova começa pela fé no Evangelho e, de certo modo, não tem outra consistência a não ser viver numa fé sempre renovada<sup>75</sup>.

No contexto temporal os fatos da salvação são apresentados. Deus manifesta sua ação no momento oportuno em favor do homem e da mulher. É o momento do *kairós* – o tempo da graça. Adota o tempo no sentido de uma linha curva devido os entornos da história da salvação, tendo Cristo como o centro. Desentoa da perspectiva grega de tempo como espiral. Vive-se a tensão do já e ainda não.

Diante das diversas resistências o pensamento de Revelação ascendente contribuiu de maneira decisiva na construção do pensamento teológico do Século XX. A cristologia, a contextualização bíblica, a soteriologia foram enriquecidas e cresceram bastante através das pesquisas acadêmicas. A interdisciplinaridade ajudou na permuta de conhecimento entre as mais diversas áreas do saber.

O Vaticano II tão bem soube expressar a sua eclesiologia, uma identificação missionária. Apresentou a identidade da Igreja na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, abriu diálogo profuso com o mundo na Constituição Pastoral *Gadium et Spes*, manteve o essencial da fé na Constituição Dogmática *Dei Verbum* e tornou célebre a esperança no Mistério segundo a Constituição *Sacrosanctum Concilium*. Tudo isso flui no anúncio tão exaltado pelo Decreto *Ad Gentes*.

A virada hermenêutica do Concílio Ecumênico Vaticano II expressou a saída de uma Igreja de Extensão para uma igreja de Inclusão. Um viés interessante a ser atualizado com afinco. A Igreja esforça-se em interagir com a vida dos fiéis de modo a proporcionar a estes uma vivência de fé que seja integradora:

A fé é um relacionamento de diálogo entre o ser humano e Deus que lhe fala, daí a pertinência de ressaltar o compromisso social da fé, [...]. Se aquele que crê é por índole, um ser receptível aquele que se revela, é fundamental compreender que essa resposta, efetivamente, impulsiona esse mesmo ser humano em seu mistério de totalidade<sup>76</sup>.

A fé não pode estar dissociada das obras. Ela antes é algo que impulsiona a pessoa a fazer ações que possam demonstrar uma ligação entre o que se crê e o que se faz.

O diálogo com a realidade torna-se primordial à nova fase vivenciada pela Igreja e conseqüentemente a maneira de fazer missão. “Compreender o papel da

---

<sup>75</sup> COMBLIN, 2010, p. 129.

<sup>76</sup> XAVIER, 2007, p. 215.

religião cristã, e com ela, das outras religiões, na promoção da dignidade humana”<sup>77</sup>. Uma nova perspectiva no diálogo com o mundo ajudada pela história, antropologia, sociologia, entre outras ciências.

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* e o Decreto *Ad Gentes* sintetizam bem o espírito do Concílio Vaticano II. O espírito interno de comunhão e participação entre seus membros; e externo no constante diálogo com as outras doutrinas cristãs – ecumenismo, as religiões – diálogo inter-religioso, a ciência e as culturas.

A atenção conotada a dignidade da pessoa, o ser humano e a demonstração de abertura para ir aos novos Areópagos modernos chegam a causar deslumbramento e medo.

Vamos enriquecer um pouco mais a nossa pesquisa ao focalizar nas Constituições Dogmáticas: *Lumen Gencium* e *Dei Verbum*, nas Constituições Pastorais: *Gaudium et Spes* e *Sacrosanctum Concilium*, e o Decreto *Ad Gentes*. Destacaremos a perspectiva missionária e lançaremos apontamentos que ajudar-nos-ão no tema desta pesquisa.

### **2.3.1. A CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *LUMEN GENTIUM* – SOBRE O MISTÉRIO DA IGREJA**

O presente documento conciliar, que significa “Luz dos povos”, busca mostrar para a Igreja e a sociedade mundial Jesus como Luz que ilumina a todos os povos, numa perspectiva de conferir ao ser humano o conhecimento de Jesus Cristo, afirmando que este é a Luz de Deus, que veio para salvar toda a humanidade.

A missão é um dos temas que se faz presente nesse documento, o qual vai ser desenvolvido numa perspectiva de mostrar que todo o cristão deve ser anunciador de Jesus como fonte de salvação para a humanidade. Sua pessoa, sua vida e seu sacrifício servem de luz e caminho para demonstrar o amor de Deus para

---

<sup>77</sup> FIUC, 2017, p. 37 – 39.

toda a humanidade. Neste sentido é que o documento em sua abertura faz a seguinte colocação:

A luz dos povos é Cristo: por isso, este sagrado Concílio, reunido no Espírito Santo, deseja ardentemente iluminar com a Sua luz, que resplandece no rosto da Igreja, todos os homens, anunciando o Evangelho a toda a criatura (cfr. Mc. 16,15). Mas porque a Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano, pretende ela, na sequência dos anteriores Concílios, por de manifesto com maior insistência, aos fiéis e a todo o mundo, a sua natureza e missão universal<sup>78</sup>.

A missão na ótica do documento *Lumen Gentium* coloca que a missão tem sua força e origem em Jesus Cristo, o qual é entendido como, a Luz que ilumina a toda pessoa e também por meio do seu evangelho, o qual é instrumento de relação próxima a Deus, que nos dá a capacidade de encontrar a sua pessoa, manifestado por meio da Palavra de Deus e também dos sacramentos. Essa é a missão que a Igreja possui e que deve ser estendida a toda a pessoa.

A missão tem sua referência sempre em Jesus Cristo, o qual por meio de sua doação, sofrimento e morte na cruz, e principalmente por meio da sua Ressurreição, se torna o sumo e eterno sacerdote de Deus Pai. Ele que derramou o seu espírito nos discípulos enriquecendo-os com sua força e poder para que tanto guardassem e divulgassem seus ensinamentos, no qual

[...] recebe a missão de anunciar e instaurar o Reino de Cristo e de Deus em todos os povos e constitui o germe e o princípio deste mesmo Reino na terra. Enquanto vai crescendo, suspira pela consumação do Reino e espera e deseja juntar-se ao seu Rei na glória<sup>79</sup>.

Em Jesus, a missão ganha uma força e respaldo de sua validade, pois não se está anunciando somente uma alegria mundana, mas se anuncia de modo especial, a plenitude da vida em sua Pessoa, pois com ele a vida ganha mais sentido, e o cristão imbuído de sua graça se dispõe a divulgar essa alegria para todos, não fica isolado ou guardando de forma egoísta, mas sente o desejo de fazer conhecer todas as coisas em prol do Reino de Deus.

---

<sup>78</sup> LG, 1.

<sup>79</sup> LG, 5.

Da mesma forma que Jesus fez a sua missão de anunciar aos pobres a Boa-Nova da salvação em meio às perseguições, a Igreja deve também como instituição continuadora da vida e atividade de Jesus buscar por meio de suas ações mesmo com suas dificuldades e limites que lhe são impostos, a fim de ser luz para as pessoas.

[...] assim também a Igreja, embora necessite dos meios humanos para o prosseguimento da sua missão, não foi constituída para alcançar a glória terrestre, mas para divulgar a humildade e abnegação, também com o seu exemplo. Cristo foi enviado pelo Pai « a evangelizar os pobres... a sarar os contritos de coração» (Lc. 4,18), «a procurar e salvar o que perecera» (Lc. 19,10). De igual modo, a Igreja abraça com amor todos os afligidos pela enfermidade humana; mais ainda, reconhece nos pobres e nos que sofrem a imagem do seu fundador pobre e sofredor, procura aliviar as suas necessidades, e intenta servir neles a Cristo. Enquanto Cristo «santo, inocente, imaculado» (Hb. 7,26), não conheceu o pecado (cf. 2 Cor. 5,21), mas veio apenas expiar os pecados do povo (Hb. 2,17), a Igreja, contendo pecadores no seu próprio seio, simultaneamente santa e sempre necessitada de purificação, exercita continuamente a penitência e a renovação<sup>80</sup>.

A função primordial da Igreja, embora seja composta por pessoas humanas, não é buscar a sua glória do ponto de vista dos olhos e conceitos humanos, mas sim propagar a humildade, devotamento, sem ter interesses secundários por meio do exemplo que dá enquanto instituição e tomando o exemplo do próprio Mestre de Nazaré, o qual passou fazendo o bem a todos que encontrava como modelo de missão em sua vida.

A Igreja nesse sentido deve ser exemplo de Jesus Cristo no mundo, tomando também a sua missão de ser essa ponte que conduz o ser humano para o bem, de conduzir o ser humano para Deus.

O Senhor bem sabia que para trabalhar na messe, na construção do Reino, precisaria de operários para que lhe ajudassem na tarefa evangelizadora de anunciar o Reino de Deus a todo o ser humano. Com isso teve a feliz ideia de buscar operários em meio as pessoas do próprio povo. Dentro dessa ótica comunitária e da participação ele justamente escolhe as pessoas para também

---

<sup>80</sup> LG, 8.

participar do processo de evangelização contribuindo para o anúncio da Boa-Nova do Reino.

O Senhor Jesus, depois de ter orado ao Pai, chamando a Si os que Ele quis, elegeu doze para estarem com Ele e para os enviar a pregar o Reino de Deus (cf. Mc. 3, 13-19; Mt. 10, 1-42); e a estes Apóstolos (cf. Lc. 6,13) constituiu-os em colégio ou grupo estável e deu-lhes como chefe a Pedro, escolhido de entre eles (cf. Jo. 21, 15-17). Enviou-os primeiro aos filhos de Israel e, depois, a todos os povos (cfr. Rom. 1,16), para que, participando do Seu poder, fizessem de todas as gentes discípulos seus e as santificassem e governassem (cf. Mt. 28, 16-20; Mc. 16,15; Luc. 24, 45-8; Jo. 20, 21-23) e deste modo propagassem e apascentarem a Igreja, servindo-a, sob a direção do Senhor, todos os dias até ao fim dos tempos (cf. Mt. 28,20). No dia de Pentecostes foram plenamente confirmados nesta missão (cfr. At. 2, 1-26) segundo a promessa do Senhor: «recebereis a força do Espírito Santo que descera sobre vós e sereis minhas testemunhas em Jerusalém e em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra (At. 1,8). E os Apóstolos, pregando por toda a parte o Evangelho (cf. Mc. 16,20), recebido pelos ouvintes graças à ação do Espírito Santo, reúnem a Igreja universal que o Senhor fundou sobre os Apóstolos e levantou sobre o bem-aventurado Pedro seu chefe, sendo Jesus Cristo a suma pedra angular (cfr. Ap. 21,14; Mt. 16,18; Ef. 2,20)<sup>81</sup>.

O trabalho missionário de Jesus tinha de contar com pessoas que estivessem, além de dispostas, abertas para poder anunciar o Reino de Deus. Ele sabia que a missão não pode ser feita somente com uma pessoa, mas que pode e deve ser realizada tendo a colaboração de pessoas que com sua atitude, oração e vontade podiam fazer a diferença com relação ao anúncio que deveria ser feito para todas as pessoas carentes de uma palavra de consolo, como de conhecer a Boa-Nova do Reino dos céus.

Os apóstolos no período apostólico são os personagens principais do conteúdo evangelizador de Jesus na primeira hora. Depois, com o passar do tempo, as comunidades cristãs têm outras figuras ilustres que também vão contribuir para a ação missionária que são os bispos, entendidos como os guardiães da fé. Por essa razão, eles são os sucessores dos apóstolos nessa perspectiva da missão e da evangelização.

A missão divina confiada por Cristo aos Apóstolos durará até ao fim dos tempos (cfr. Mt. 28,20), uma vez que o Evangelho que eles

---

<sup>81</sup> LG, 19.



devem anunciar é em todo o tempo o princípio de toda a vida na Igreja. Pelo que os Apóstolos trataram de estabelecer sucessores, nesta sociedade hierarquicamente constituída.

Pois, não só tiveram vários auxiliares no ministério, mas, para que a missão que lhes fora entregue se continuasse após a sua morte, confiaram a seus imediatos colaboradores, como em testamento, o encargo de completarem e confirmarem a obra começada por eles, recomendando-lhes que velassem por todo o rebanho, sobre o qual o Espírito Santo os restabelecera para apascentarem a Igreja de Deus (cf. At. 20, 28). Estabeleceram assim homens com esta finalidade e ordenaram também que após a sua morte fosse o seu ministério assumido por outros homens experimentados. Entre os vários ministérios que na Igreja se exercem desde os primeiros tempos, consta da tradição que o principal é o daqueles que, constituídos no episcopado em sucessão ininterrupta são transmissores do múnus apostólico. E assim, como testemunha santo Ireneu, a tradição apostólica é manifestada em todo o mundo e guardada por aqueles que pelos Apóstolos foram constituídos Bispos e seus sucessores<sup>82</sup>.

A missão de Jesus confiada aos apóstolos não está fadada a ser esquecida ou abandonada. Antes, ela tem sua continuidade na pessoa dos Bispos, os quais além de garantir a unidade da fé da Igreja zelam pela dimensão missionária da mesma, para que possa continuar com esse propósito de atingir a todas as pessoas, mostrando os caminhos que conduzem para Deus.

A missão competente dos bispos é zelar pelo correto ensinamento do evangelho para todos os povos, ao mesmo tempo em que zela para que a operação da salvação possa agir por meio do Batismo a todos:

Como sucessores dos Apóstolos, os bispos recebem do Senhor, a quem foi dado todo o poder no céu e na terra, a missão de ensinar todos os povos e de pregar o Evangelho a toda a criatura, para que todos os homens se salvem pela fé, pelo Batismo e pelo cumprimento dos mandamentos (cf. Mt 28,18; Mc 16, 15-16; At. 26, 17 ss.). Para realizar esta missão, Cristo Nosso Senhor prometeu o Espírito Santo aos Apóstolos e enviou-o do céu no dia de Pentecostes, para, com o Seu poder, serem testemunhas perante as nações, os povos e os reis, até aos confins da terra (cf. At. 1,8; 2,1 ss.; 9,15). Este encargo que o Senhor confiou aos pastores do Seu povo é um verdadeiro serviço, significativamente chamado diaconia ou ministério na Sagrada Escritura (cf. At. 1, 17 e 25; 21-19; Rom. 11, 13; 1 Tim. 1,12). A missão canônica dos Bispos pode realizar-se segundo legítimos costumes, não revogados pela suprema e universal autoridade da Igreja, ou por leis concedidas ou reconhecidas por esta mesma autoridade, ou diretamente pelo

---

<sup>82</sup> LG, 20.

próprio sucessor de Pedro. Se este recusar ou negar a comunhão apostólica não poderão os Bispos entrar no exercício do seu cargo<sup>83</sup>.

O próprio Jesus Cristo confiou a autoridade do múnus régio aos apóstolos. Os bispos são os descendentes diretos da tradição apostólica, estando assim com o direito de continuar a obra evangelizadora e missionária outorgada por Jesus aos apóstolos, de forma que compete aos bispos na condição de herdeiros legítimos da tradição apostólica, trabalhar em forma de colegiado para poder zelar a fé e a dimensão missionária da Igreja, como de zelar pela comunhão apostólica, tanto que na ausência desta não pode exercer o cargo que lhe foi confiado.

Mesmo agindo em colegiado, os bispos possuem seus limites, dada muitas vezes a grande área geográfica da Diocese que lhe foi confiada. Desta forma, necessitam da ajuda de auxiliares que possam colaborar com o projeto de evangelização e missão na Diocese e do povo de Deus que lhe foi confiado.

Os presbíteros são esses auxiliares que se encontram à altura para colaboração com os bispos no tocante à dimensão e que vem reconhecer em sua pessoa o exemplo do líder e do pai que conduz o rumo da evangelização em que estão atentos a todos os fiéis.

Sempre atentos ao bem dos filhos de Deus, procurem dar a sua ajuda ao trabalho de toda a Diocese, melhor, de toda a Igreja. Por causa desta participação no sacerdócio e na missão, reconheçam os presbíteros o Bispo verdadeiramente como pai, e obedeçam-lhe com reverência. O Bispo, por seu lado, considere os sacerdotes, seus colaboradores, como filhos e amigos, à imitação de Cristo que já não chama aos seus discípulos servos mas amigos (cf. Jo. 15,15). Deste modo, todos os sacerdotes, tanto diocesanos como religiosos, estão associados ao corpo episcopal em razão da Ordem e do ministério, e, segundo a própria vocação e graça, contribuem para o bem de toda a Igreja<sup>84</sup>.

Diante do ministério que exercem os presbíteros devem estar sempre unidos numa vivência fraterna, em que a cordialidade seja um dos meios pelos quais podem viver de modo claro, sempre tendo o espírito de irmandade e de colaboração

---

<sup>83</sup> LG, 24.

<sup>84</sup> LG, 28.

no tocante a missão pastoral, pessoal, sendo sempre expressão da comunhão eclesial e comunitária.

Os leigos também possuem sua missão, dentro do quadro da hierarquia da Igreja. Eles, que são a base da Igreja, pois se encontram em todos os locais da sociedade e podem conferir uma contribuição mais direta e prática ao múnus eclesial uma vez que, dado a sua condição, podem contribuir de forma mais prática na sociedade.

Declaradas as diversas funções da Hierarquia, o sagrado Concílio volta de bom grado a sua atenção para o estado daqueles fiéis cristãos que se chamam leigos. Com efeito, se é verdade que todas as coisas que se disseram a respeito do Povo de Deus se dirigem igualmente aos leigos, aos religiosos e aos clérigos, algumas, contudo, pertencem de modo particular aos leigos, homens e mulheres, em razão do seu estado e missão; e os seus fundamentos, devido às circunstâncias especiais do nosso tempo, devem ser mais cuidadosamente expostos. Os sagrados pastores conhecem, com efeito, perfeitamente quanto os leigos contribuem para o bem de toda a Igreja. Pois eles próprios sabem que não foram instituídos por Cristo para se encarregarem por si sós de toda a missão salvadora da Igreja para com o mundo, mas que o seu cargo sublime consiste em pastorear de tal modo os fiéis e de tal modo reconhecer os seus serviços e carismas, que todos, cada um segundo o seu modo próprio, cooperem na obra comum<sup>85</sup>.

Os leigos, como se pode perceber, têm uma função importante dentro do plano eclesial e devem ter o reconhecimento dos ministros ordenados de sua função para com o serviço do Reino. Neste sentido, os ministros ordenados têm a consciência de que a colaboração vinda dos leigos é ponto decisivo para que a missão da Igreja possa cada vez mais ser desenvolvida, em que colaboram para o bem comum.

O documento entende por leigo todo o cristão que não foi ordenado, ou que não se encontra em algum estado de vida religiosa da Igreja, mas que pelo Batismo é incorporado ao corpo eclesial, e dentro de sua modalidade vive a dimensão sacerdotal do Batismo, tendo como missão ser a Igreja inserida na sociedade.

---

<sup>85</sup> LG, 30.

Nessa condição, deve viver a missão dentro de seu apostolado, de forma que seja colaborador da dimensão salvífica do Reino de Deus:

O apostolado dos leigos é participação na própria missão salvadora da Igreja, e para ele todos são destinados pelo Senhor, por meio do Batismo e da Confirmação. E os sacramentos, sobretudo a sagrada Eucaristia, comunicam e alimentam aquele amor para com Deus e para com os homens, que é a alma de todo o apostolado.

Mas os leigos são especialmente chamados a tornarem a Igreja presente e ativa naqueles locais e circunstâncias em que só por meio deles ela pode ser o sal da terra (112). Deste modo, todo e qualquer leigo, pelos dons que lhe foram concedidos, é ao mesmo tempo testemunha e instrumento vivo da missão da própria Igreja, «segundo a medida concedida por Cristo» (Ef. 4,7)<sup>86</sup>.

A missão dos leigos consiste em ser sal da terra e luz do mundo (cf. Mt. 5, 13-16). Eles são a Igreja presente na sociedade, razão pela qual se inserem nas diversas camadas da vivência em que na condição de homens e mulheres têm mais oportunidades de proclamar o evangelho de Jesus aos povos, fazendo disso uma missão em sua vida. Agindo assim, podem ser de maneira bastante positiva missionários de Jesus Cristo a toda a sociedade.

Neste sentido, são chamados pelo Senhor a dar prosseguimento ao testemunho de sua vida, sempre inspirada pelo Espírito Santo, que motiva a realizar boas obras. Dessa maneira o Senhor concede aos leigos a participação e missão na sua função sacerdotal, para que a atividade seja mais clara. Os leigos estão, sobretudo, ligados espiritualmente a Pessoa de Jesus Cristo, o qual concede a estes as virtudes para realizarem bem a sua missão:

Cristo, o grande profeta, que pelo testemunho da vida e a força da palavra proclamou o reino do Pai, realiza a sua missão profética, até a total revelação da glória, não só por meio da Hierarquia, que em Seu nome e com a Sua autoridade ensina, mas também por meio dos leigos; para isso os constituiu testemunhas, e lhes concedeu o sentido da fé e o dom da palavra (cf. At. 2, 17-18; Ap. 19,10) a fim de que a força do Evangelho resplandeça na vida quotidiana, familiar e social<sup>87</sup>.

---

<sup>86</sup> LG, 33.

<sup>87</sup> LG, 35.

Jesus é a referência da atividade da missão leiga, razão pela qual se deve ter essa condição de reconhecer a atividade dos leigos e o favorecimento que estes dão a Igreja, por meio do testemunho da Palavra, como das ações que elas realizam. A presença e trabalho dos leigos é um caráter de constância para o serviço e missão eclesial.

É também atribuição dos leigos serem exemplos de santificação para a sociedade. Neste sentido, devem ter consciência das atividades e atribuições que lhes são específicas, a fim de poder contribuir de forma mais clara com a missão do Reino de Deus:

Devido à própria economia da salvação, devem os fiéis aprender a distinguir cuidadosamente entre os direitos e deveres que lhes competem como membros da Igreja e os que lhes dizem respeito enquanto fazem parte da sociedade humana. Procurem harmonizar entre si uns e outros, lembrando-se que se devem guiar em todas as coisas temporais pela consciência cristã, já que nenhuma atividade humana, nem mesmo em assuntos temporais, se pode subtrair ao domínio de Deus. É muito necessário em nossos dias que esta distinção e harmonia se manifestem claramente nas atitudes dos fiéis, que a missão da Igreja possa corresponder mais plenamente às condições particulares do mundo atual<sup>88</sup>.

Os leigos, na condição secular em que se encontram, devem buscar ser mais ativos nas suas funções específicas enquanto pessoas da sociedade, sempre levando em conta a sua pertença eclesial e a missão que a eles foi confiada pelo Batismo. Devem ter a capacidade de poder dirigir bem as funções que lhe são confiadas dentro de uma ótica cristã, a fim de serem estes membros da Igreja que atuam no mundo.

A este estado permanente de missão na Igreja também deve ter a colaboração de outras pessoas pertencentes a Igreja. Os clérigos são nesse caso também uma grande forma pela qual a missão da Igreja pode ser praticada. Os presbíteros são também esses membros da Igreja que podem trabalhar bem a perspectiva da missão, estando ligados diretamente ao Bispo, sendo seus auxiliares diretos.

---

<sup>88</sup> LG, 36.

Na missão de graça do sumo sacerdote, participam também de modo peculiar os ministros de ordem inferior, e sobretudo os diáconos; servindo nos mistérios de Cristo e da Igreja (128), devem conservar-se puros de todo o vício, agradar a Deus, atender a toda a espécie de boas obras diante dos homens (cf. 1 Tim. 3, 8-10. 12-13)<sup>89</sup>.

A missão dos diáconos assim é de colaboração com o bispo, sendo um ponto de serviço no quadro evangelizador, pois eles podem mostrar a sua missão por meio da caridade a qual exercem para com o povo de Deus, sendo sinal da caridade ao ser humano.

Os religiosos são outra parcela importante no quadro estrutural da Igreja, em que por meio de sua vida consagrada manifestam a dedicação e obediência a Jesus. Eles, ao seu modo de vida, também dão sua contribuição no quadro da missão da Igreja à sociedade.

Tendo em conta a constituição divina hierárquica da Igreja, este estado não é intermédio entre o estado dos clérigos e o dos leigos; de ambos estes estados são chamados por Deus alguns cristãos, a usufruírem um dom especial na vida da Igreja e, cada um a seu modo, a ajudarem a sua missão salvadora<sup>90</sup>.

Os religiosos são membros da Igreja que vivem o seu ministério e missão de maneira própria, sendo um elo entre os leigos e os ministros ordenados. A dimensão de sua vida consagrada, a atenção aos pobres e o exemplo de vida casta, pobre e obediente são sinais significativos que demonstram para a sociedade. Por essa razão, a missão destes é colaborar para a dimensão salvífica de Deus, por meio da vivência da vida consagrada e centrada na Pessoa de Jesus Cristo.

A Igreja enquanto instituição apresenta a Pessoa de Jesus Cristo e a dimensão escatológica da vida humana e eclesial. Assim a sua missão se centra em ser instrumento que mostra o caminho da salvação para o ser humano e essa salvação se dá por meio de Jesus Cristo por meio de sua redenção.

---

<sup>89</sup> LG, 41.

<sup>90</sup> LG, 43.

Na verdade, Cristo, elevado sobre a terra, atraiu todos a Si (cf. Jo. 12,32 gr.); ressuscitado de entre os mortos (cf. Rom. 6,9), infundiu nos discípulos o Seu Espírito vivificador e por Ele constituiu a Igreja, Seu corpo, como universal sacramento da salvação; sentado à direita do Pai, atua continuamente na terra, a fim de levar os homens à Igreja e os unir mais estreitamente por meio dela, e, alimentando-os com o Seu próprio corpo e sangue, os tornar participantes da Sua vida gloriosa. A prometida restauração que esperamos, já começou, pois, em Cristo, progride com a missão do Espírito Santo e, por Ele, continua na Igreja; nesta, a fé ensina-nos o sentido da nossa vida temporal, enquanto, na esperança dos bens futuros, levamos a cabo a missão que o Pai nos confiou no mundo e trabalhamos na nossa salvação (cf. Fil. 2,12)<sup>91</sup>.

Jesus é o centro atrativo da salvação que por meio de sua missão, vida e morte abriu para humanidade a condição de poder ser salva por meio de seu sacrifício. Em Jesus ressuscitado, todos têm a condição de serem participantes de sua vida, por meio do Espírito Santo que concede a Igreja, os meios para continuar a missão salvadora de Deus.

Maria não pode deixar de ser referenciada dentro do documento, pois ela tem um papel de grande importância dentro do viés missionário, pois ela, por meio da sua maternidade, soube acolher ao projeto de Deus desde o princípio em sua gestação, até o momento da cruz, onde viu seu filho ser sacrificado pelos nossos pecados.

Esta maternidade de Maria na economia da graça perdura sem interrupção, desde o consentimento, que fielmente deu na anunciação e que manteve inabalável junto à cruz, até à consumação eterna de todos os eleitos. De facto, depois de elevada ao céu, não abandonou esta missão salvadora, mas, com a sua multiforme intercessão, continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna. Cuida, com amor materno, dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, caminham ainda na terra, até chegarem à pátria bem-aventurada<sup>92</sup>.

A missão de Maria se centra na abertura que teve ao projeto divino em acolher Jesus em seio, possibilitando-nos a salvação que vem por meio do Filho que também é seu filho. Neste sentido, ela se faz presente na base da missão em proporcionar a não somente a encarnação de Deus na Pessoa de Jesus Cristo, mas

---

<sup>91</sup> LG, 48.

<sup>92</sup> LG, 62.

também de ser a mãe da Igreja, a qual é gerada por meio de Jesus. Assim ela se torna bem-aventurada, colaboradora do plano divino de salvação para a humanidade.

Toda a Igreja, desse modo, aprofunda o mistério da encarnação em Maria, a qual concede o aprofundamento de perceber e seguir Jesus na qualidade de esposo da Igreja, em que penetra esse mistério dentro de uma ótica de respeito e veneração à Santíssima Virgem. A Igreja no tocante a sua relação com Jesus Cristo segue o exemplo de Maria, principalmente quando reflete a condição da eclesialidade que Maria proporciona a Igreja, sendo instrumento de fidelidade a Jesus Cristo, cooperando com a missão apostólica no processo de regeneração do ser humano<sup>93</sup>.

### **2.3.2. A CONSTITUIÇÃO PASTORAL *GAUDIUM ET SPES* – SOBRE A IGREJA NO MUNDO DE HOJE**

O maior documento a ser produzido constando 93 artigos foi o último a ser aprovado. A Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje, assim intitulada a *Gaudium et Spes*, teve sua aprovação no dia 6 de dezembro de 1965. E ratificada por 2.309 eleitores favoráveis contra 75 contrários e sete que se abstiveram ou votaram nulo no penúltimo dia do Concílio em sua derradeira sessão.

Uma gama de dezesseis, de desigual importância, mas todos voltados para o bem da humanidade, brotou desta assembleia em suas quatro sessões, de 1962 a 1965. O último desses documentos, votado no último dia do Concílio, em sua última sessão geral, foi a *Gaudium et Spes* [...]<sup>94</sup>.

A estrutura, o conteúdo e maneira que este documento foi desenvolvido muito expressa a preocupação com a dignidade humana. Composto pela introdução e duas partes distintas e integralizadas que se subdividem em capítulos.

---

<sup>93</sup> Cf. LG, 2000, 65.

<sup>94</sup> LOPES, 2011, p. 9.



Na introdução ficou clara a intenção de manter a integridade do ser humano. Este depositário de memória. O mundo, tudo e todos que nele existem foram criados pelo amor de Deus. O homem e a mulher no mundo de hoje.

A primeira parte realça “a Igreja e a vocação do homem”. No capítulo I defende a dignidade da pessoa humana criada a imagem de Deus. Apesar do pecado, do mal-uso da liberdade, da expansão do ateísmo, do secularismo, o projeto de amor permanece à disposição de todos e todas. A primeira parte fez “uma releitura de dois outros documentos do mesmo concílio: a *Lumen Gentium* e o *Ad Gentes*”<sup>95</sup>. O capítulo II enfatiza “a comunidade humana”, a vocação inata de viver em comunidade. A busca do bem comum por meio da participação e da responsabilidade. O respeito ao diferente em sua especificidade.

“A atividade humana no mundo” ganha destaque no capítulo III ao valorizar o intelecto, a dignidade do trabalho. No capítulo IV reforça “o papel da Igreja no mundo contemporâneo”, a função da Igreja no mundo de hoje. Auxiliar a humanidade, a sociedade, todas as pessoas na concretização da felicidade, segundo Paulo VI, construir “a civilização do amor”.

A segunda parte vai trabalhar “alguns problemas mais urgentes” no mundo contemporâneo. Logo no seu capítulo I apresenta “a promoção da dignidade, do matrimônio e da família” até como requisito fundamental para sobrevivência humana. O capítulo II adentra “a promoção do progresso cultural”; o capítulo III destaca “a vida econômico-social”; o capítulo IV “a vida da comunidade política” e o capítulo V a “promoção da paz e da comunidade internacional”.

No agir sagrado acredita-se que “o Espírito Santo liberta o povo e faz com que o próprio povo se liberte. [...] é um movimento [...] profundo e mais amplo que tende a envolver a totalidade [...] da pessoa”<sup>96</sup>. A memória essencial do dado religioso.

Esse documento vê a missão a reflexão dos problemas da sociedade humana e assim por meio da análise conferir uma opinião sobre os variados aspectos da vida, mostrando a opinião da Igreja, que ilumina a vida e o agir do ser

---

<sup>95</sup> LOPES, 2011, p. 57.

<sup>96</sup> COMBLIN, 2010, p. 75.

humano na sociedade moderna. Partindo de uma análise geral da sociedade global, confere ensinamentos que vêm de encontro a várias situações vividas.

Nos nossos dias, a humanidade, cheia de admiração ante as próprias descobertas e poder, debate, porém, muitas vezes, com angústia, as questões relativas à evolução atual do mundo, ao lugar e missão do homem no universo, ao significado do seu esforço individual e coletivo, enfim, ao último destino das criaturas e do homem<sup>97</sup>.

As descobertas feitas pela humanidade e o avanço da ciência da tecnologia são fatores positivos da modernidade. Contudo, a sociedade ainda sofre com muitos males que a atingem como os problemas mais comuns na sociedade que vão desde a dimensão pessoal até a esfera global. Essas angústias e sonhos assim permeiam a vida humana e fazem com que as pessoas reflitam sobre a sua condição existencial.

Nesse sentido, o presente documento tem como missão fazer um processo de conhecimento da vida, “[...] analisa e ilumina a condição do ser humano no mundo atual. Em uma tentativa sincera de dialogar com a humanidade, reconhece que ela vive uma nova fase de sua história, de mudanças profundas e rápidas”<sup>98</sup>. Busca resposta no evangelho como uma diretriz que indica caminhos e opções a serem tomadas hoje pelo ser humano de forma que, “para levar a cabo esta missão, é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho [...]”<sup>99</sup>.

Esse caminho de diretriz da vida humana por meio do evangelho é visto como viável uma vez que ele ilumina a vida da pessoa, que na inspiração da vida de Jesus Cristo, suas ações, encontros com as pessoas e ensinamentos confere um novo jeito de ser e viver e cria novas possibilidades de interpretar os sinais dos tempos. Assumir

[...] a função da Igreja no mundo atual, estudando a relação mútua entre a Igreja e o mundo. A missão recebida de Cristo foi a de levar o Evangelho até os confins da terra, fazendo discípulas e discípulos. A

---

<sup>97</sup> GS, 3.

<sup>98</sup> LOPES, 2011, p. 45.

<sup>99</sup> GS, 4.

Igreja tem uma função específica no mundo. A *Guadium et Spes*, de uma forma precisa, não deixou de acentuar esta missão<sup>100</sup>.

Para que isso realmente ocorra se faz necessário que o evangelho proclamado tenha uma adaptação ao sentido da vida do ser humano moderno, de forma que possa adentrar o âmago das pessoas e ser, de fato, um referencial maior no que diz respeito a interação entre a fé e a vida “para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas”<sup>101</sup>.

O ser humano moderno possui vastas oportunidades se comparado com outras épocas, contudo, deve ter em mente que a felicidade não se encontra somente na ciência ou na tecnologia. Deve entender melhor como funcionam os mecanismos sociais, buscando uma vivência na qual tenha condições de buscar meios que venham a preencher melhor a sua vida pessoal e comunitária, uma vez que é justamente no convívio social que o ser humano desenvolve suas capacidades.

A transformação de mentalidade e de estruturas põe muitas vezes em questão os valores admitidos, sobretudo no caso dos jovens. Tornam-se frequentemente impacientes e mesmo com a inquietação, rebeldes; conscientes da própria importância na vida social, aspiram a participar nela o mais depressa possível. Por este motivo, os pais e educadores encontram não raro crescentes dificuldades no desempenho da sua missão<sup>102</sup>.

A missão da Igreja nesse sentido vem de encontro a necessidade humana de busca e de um referencial para poder ir de encontro aos problemas das gerações, principalmente dos mais jovens, os quais não raros sofrem uma ansiedade de participar de modo mais ativo dos rumos da sociedade. Os pais e educadores são também peças fundamentais nesse processo de transição que ajudam a ter uma visão de conjuntura maior dos fatos que acontecem.

Neste caminho de dúvidas e busca de afirmação da pessoa humana a Igreja tem um papel de destaque, pois ela deve na condição de mãe e mestra oferecer uma ajuda para que as pessoas possam de fato estar em situações que sejam favoráveis à sua emancipação dos males sociais, pessoais e psicológicos que

---

<sup>100</sup> LOPES, 2011, p. 103.

<sup>101</sup> GS, 4.

<sup>102</sup> GS, 7.

atingem. A família, nesse sentido, é a célula social que deve ter uma base e sustentação de si mesma, pois a sociedade só pode estar bem se a família estiver bem.

A unidade da família humana recebe um grande reforço e encontra o seu acabamento na unidade da família dos filhos de Deus -. Certamente, a missão própria confiada por Cristo à sua Igreja não é de ordem política, econômica ou social: o fim que lhe propôs é, com efeito, de ordem religiosa. Mas desta mesma missão religiosa deriva um encargo, uma luz e uma energia que podem servir para o estabelecimento e consolidação da comunidade humana segundo a lei divina. E também, quando for necessário, tendo em conta as circunstâncias de tempos e lugares, pode ela própria, e até deve, suscitar obras destinadas ao serviço de todos, sobretudo dos pobres, tais como obras caritativas e outras semelhantes<sup>103</sup>.

A família deve ter uma base em que ela possa desenvolver suas aptidões no que diz respeito ao desenvolvimento da pessoa humana, sendo assim os pais devem trabalhar a perspectiva de formação da personalidade dos filhos para vivência das várias dimensões da vida: a fé, a afetividade, o companheirismo, o senso de piedade, o respeito pelas autoridades, o apreço pela honestidade e outros valores que se fazem urgentes nos dias de hoje, que são importantes para a conservação do bem social e pessoal. Deste modo essa é a missão da família dos tempos modernos, ser uma esfera social que busque formar as pessoas para o bem.

### **2.3.3. O DECRETO *AD GENTES* – SOBRE A ATIVIDADE MISSIONÁRIA DA IGREJA**

O Decreto *Ad Gentes* sobre a ação missionária da Igreja no mundo hoje desenvolve uma lógica clara. A missão foi estabelecida por Jesus Cristo. A natureza da missão provoca a presença comunitário, o agir comum, por nascer da Trindade

A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na missão do Filho e do Espírito Santo (6). Este desígnio brota do amor frontal, isto é, da caridade de Deus Pai, que, sendo o Princípio sem Princípio de quem é gerado o Filho e de quem procede o Espírito Santo pelo Filho, quis derramar e não cessa de derramar ainda a bondade divina, criando-

---

<sup>103</sup> GS, 42.

nos livremente pela sua extraordinária e misericordiosa benignidade, e depois chamando-nos gratuitamente a partilhar da sua própria vida e glória. Quis ser, assim, não só criador de todas as coisas, mas também “tudo em todas as coisas” (1 Cor. 15,28), conseguindo simultaneamente a sua glória e a nossa felicidade. Aproveu, porém, a Deus chamar os homens a esta participação na sua vida, não só de modo individual e sem qualquer solidariedade mútua, mas constituindo-os num Povo em que os seus filhos, que estavam dispersos, se congregassem em unidade<sup>104</sup>.

O agir do Senhor é segundo o Espírito Santo que concretiza o projeto do Pai. Neste sentido o motivador a missão dá-se pela ação do Espírito. A perspectiva é pneumatológica. O Amor age em nós. E nós somos movidos por Ele. A consequência do impulso recebido é a propagação. E por sua vez a Igreja:

[...] obedecendo a um mandato do seu fundador, procura incansavelmente anunciar o Evangelho a todos os homens. [...] surgem novas condições para a humanidade [...] deseja delinear os princípios da atividade missionária e reunir as forças de todos os fiéis [...] difunda por toda a parte o reino de Cristo [...]<sup>105</sup>.

A proposta original é levar a mensagem de salvação a todos os povos. O Senhor “[...] fundou a sua Igreja como sacramento de salvação e enviou os seus Apóstolos a todo o mundo [...]”<sup>106</sup> com o firme propósito de animar os desanimados, resgatar desviados e dá oportunidade aos que desconhecem o Seu aderir ao Espírito de amor no seio da comunidade.

A própria comunidade pode “[...] oferecer a todos o mistério de salvação e a vida trazida por Deus, [...] inserir-se [...como], o próprio Cristo, na encarnação, a sujeitar-se às condições sociais e culturais [...]”<sup>107</sup> A conotação de missão foi sendo reelaborado ao longo do tempo. É importante destacar que no pensamento de Paulo VI:

O nome de “missões” dá-se geralmente àquelas atividades características com que os pregoeiros do Evangelho, indo pelo mundo inteiro enviados pela Igreja, realizam o encargo de pregar o Evangelho e de implantar a mesma Igreja entre os povos ou grupos que ainda não creem em Cristo. [...] depois. Ultrapassadas estas etapas, não acaba, contudo, a ação missionária da Igreja, mas são as igrejas particulares já constituídas que incumbe o dever de a continuar pregando o Evangelho a todos aqueles que ainda tenham ficado de fora. [...]. É bem de ver também que a atividade missionária

---

<sup>104</sup> AG, 2.

<sup>105</sup> AG, 1.

<sup>106</sup> AG, 5.

<sup>107</sup> AG, 10.

entre gentios difere tanto da atividade pastoral que se exerce com os fiéis, como das iniciativas pela reunificação dos cristãos. Contudo, ambas estas atividades andam estreitamente ligadas à atividade missionária da Igreja<sup>108</sup>.

A multiplicidade da realidade, o seu ser fundante autoafirma-se e entra em um profundo diálogo, mistura-se ao ponto da realidade estar no ser e o ser tornar-se realidade. Em outras palavras é intrínseco ao ente, “o povo de Deus existe quando age; ele é a sua ação”<sup>109</sup>. A missão é no missionário, o missionário o é na realidade, a realidade faz o missionário e o missionário realiza-se na missão:

[...] participem na vida cultural e social através dos vários intercâmbios e problemas da vida humana; familiarizem-se com as suas tradições nacionais e religiosas; façam assomar à luz, com alegria e respeito, as sementes do Verbo neles adormecidas [...]<sup>110</sup>.

Anunciar a todos e todas as pessoas. Evitar permanecer em grupos restritos ou restritivos. Uma comunicação abrangente que agregue o maior número possível de missionários. E juntos “trabalhem e colaborem os cristãos com todos os outros na reta ordenação dos problemas económicas e sociais”<sup>111</sup>.

É de se reconhecer a missão e o caráter de generosidade das pessoas que se colocam ao serviço, da Igreja, prestando seus serviços em prol do processo de edificação da mesma junto ao povo de Deus:

Além disso, as igrejas serão reconhecidas ao trabalho generoso dos catequistas auxiliares, cuja ajuda lhes será indispensável. São eles que presidem as orações nas comunidades e ensinam a doutrina. É preciso, pois, tratar da sua conveniente formação doutrinal e espiritual. Por outro lado, é de desejar que, onde parecer oportuno, seja confiada publicamente, durante a celebração duma ação litúrgica, a missão canônica aos catequistas que tiverem recebido a devida formação, a fim de estarem com maior autoridade ao serviço da fé junto do povo<sup>112</sup>.

A missão dos catequistas é bastante importante na formação das pessoas no tocante ao conhecimento da fé católica, sendo um dos pilares da formação e conhecimento da doutrina da Igreja. Deste modo, deve-se investir na formação dos

---

<sup>108</sup> AG, 6.

<sup>109</sup> COMBLIN, 2010, p. 19.

<sup>110</sup> AG, 11.

<sup>111</sup> AG, 12.

<sup>112</sup> AG, 17.

catequistas para que possam ter melhores condições e conhecimento para realizar a sua missão de formadores da fé cristã no âmbito da doutrina católica.

Esse zelo missionário deve ser motivado nas igrejas em âmbito local e nacional, tendo como finalidade o anúncio do evangelho nas comunidades onde se tem uma carência maior da presença dos ministros ordenados:

Para que este zelo missionário comece a florescer entre os naturais do país, convém absolutamente que as igrejas jovens participem efetivamente na missão universal da Igreja, enviando elas também missionários a anunciar o Evangelho por toda a terra, ainda que elas sofram de falta de clero. A comunhão com a Igreja inteira estará, de certo modo, consumada quando, também elas, tomarem parte ativa na ação missionária junto de outros povos<sup>113</sup>.

A missão evangelizadora para ser bem-sucedida tem que começar de sua base. Por meio de uma atividade de formação bem desenvolvida em nível local, as igrejas menores podem contribuir com a Igreja no sentido macro, enviando missionários que trabalhem fortemente na vinha do senhor, frutificando os serviços nas comunidades nos países e comunidades carentes da missão.

Os leigos são peça fundamental nesse processo de evangelização, de modo que a sua missão se centra no anúncio de Jesus a todos os que com eles convivem no trabalho, sendo esse um dever que lhes compete dada a sua condição de pessoas presentes na sociedade. Muitas pessoas podem ouvir o evangelho, em que se destaca os seus vizinhos, em que além de colaborar com a missão evangélica, deve também ajudar os ministros ordenados nessa tarefa.

Assim os que se propõem realizar essa tarefa missionária devem ser pessoas que possam estar imbuídos do Espírito Santo, para que possa ser instrumentos de missão de Jesus:

Porém, ao chamamento de Deus, o homem deve responder de forma tal que, sem se deixar guiar pela carne e sangue, todo ele se entregue à obra do Evangelho. Mas esta resposta não pode ser dada senão por impulso e virtude do Espírito Santo. O enviado entra, portanto, na vida e missão d'Aquele que "a si mesmo se aniquilou tomando a forma de servo" (Fl. 2,7). Por conseguinte, deve estar pronto a perseverar toda a vida na vocação, a renunciar a si e a todas as suas coisas, e a fazer-se tudo para todos<sup>114</sup>.

---

<sup>113</sup> AG, 20.

<sup>114</sup> AG, 24.

Deus faz uma convocação ao ser humano e este responde de maneira espiritual e concreto, faz uma adesão completa ao evangelho, para que esse seja anunciado, por meio da ação do Espírito Santo, estando atento a responder a dimensão missionária de sua vida. “A existência e a missão cristãs são necessárias [...], por franquearem a plena consciência de uma fé inicial que pede uma qualidade nova, [...isto], dependerá o aprofundamento do amor real [...]”<sup>115</sup>. No aludir antropológico da fé concordamos com o pensamento supracitado.

Essa é a razão pela qual o ser humano responde ao convite de Deus e se põe para anunciar a Boa-Nova de Jesus Cristo a todo ser humano. Os leigos que abraçam essa missão devem possuir uma boa formação para que possam encarar os obstáculos da tarefa missionária, sempre com senso de abertura para viver as circunstâncias da missão:

Para tão sublime empresa, há de o futuro missionário preparar-se com esmerada formação espiritual e moral. Deve, com efeito, ser capaz de tomar iniciativas, constante para levar a cabo as obras, perseverante nas dificuldades, suportando com paciência e fortaleza a solidão, a fadiga, o trabalho infrutuoso. Com espírito aberto e coração dilatado, irá ao encontro dos homens<sup>116</sup>.

Essa missão pode ser feita por pessoas que estejam dentro de uma óptica de doação ao serviço, tendo consciência de que a missão é um trabalho que lhe requer muitos dons especiais, principalmente os que estão centrados na dimensão psicológica, pois terá que enfrentar situações que podem tentar desviá-lo do caminho missionário. Integrar, poder participar das “suas alegrias e dores, conhece as suas aspirações e os problemas da sua vida e sofre com eles nas ansiedades da morte, trazendo-lhes a paz e a luz do Evangelho”<sup>117</sup>.

O Decreto *Ad Gentes* confere para o (a) fiel leigo (a) as diretrizes para execução de uma ação missionária bem planejada, articulada, de modo a ser um instrumento capaz de ajudar o desenvolvimento da missão. No esquema reflexivo do ver, pensar e agir diante das situações que lhe exigem uma condição de aplicação no processo de anúncio do Reino de Deus<sup>118</sup>. O critério da missão afina-se na

---

<sup>115</sup> DE LIMA, 2005, p. 122.

<sup>116</sup> AG, 25.

<sup>117</sup> AG, 12.

<sup>118</sup> cf. EN, 26 – 27, 33, 65.



afirmativa o anúncio do Evangelho. Nisto podemos afirmar que os termos missão e evangelização são equivalentes<sup>119</sup>.

#### **2.4. A MISSÃO NA PERSPECTIVA EVANGELIZADORA DA EVANGELI NUNTIANDI**

Pode-se realmente afirmar que a evangelização deve ser enxergada como uma prática que se encontra atualizada no constante ato de encontro com Mestre nos irmãos e nas irmãs. Partilhar a experiência pessoal com os demais. Ajudando-os a fazer o mesmo. Perpassa a “[...] renovação paroquial [...]; estar atenta a todas as dimensões da experiência cristã; estar aberta aos problemas e desafios [...]; e cultivar a dimensão ministerial e missionária”<sup>120</sup>. Deve ser uma atividade que não pode deixar de ser pensada para o futuro. A constante busca de renovar a missão encarna o

[...] mandato do seu fundador, procura incansavelmente anunciar o Evangelho a todos os homens. [...] surgem novas condições para a humanidade [...] deseja delinear os princípios da atividade missionária e reunir as forças de todos os fiéis [...] difunda por toda a parte o reino de Cristo [...]<sup>121</sup>.

O cristão deve pôr em prática aquilo que assimilou de sua fé, numa atitude prática. Construindo um círculo vivo entre fé e ação! O reconhecimento de Deus que age na história, mergulha no tempo e espaço, se compromete com o ser humano. O homem e a mulher, por sua vez, carecem fazer com que essa horizontalidade que existe entre ambos seja externada na resposta ao chamado Divino. Assumir a missão que lhe foi confiada.

Os objetos sociais tornam-se um dos fatores preponderantes na formação do ser religioso. “O clima reinante [...] é extremamente propício a uma Igreja espiritualista, carismática. Esta se mostra bem adequada à pós-modernidade. Contrapõe-se criticamente ao império da razão instrumental”<sup>122</sup>. Apesar de o cosmos divino surgir sempre por meio da função social e nela o indivíduo mantém o contato com o divino.

<sup>119</sup> cf. DG, 2 – 4; EN, 22, 29, 53 – 54, 57.

<sup>120</sup> CNBB, 2014, 57.

<sup>121</sup> AG, 1.

<sup>122</sup> LIBÂNIO, 2012, p. 76.

Manter a tradição ganha força frente à mudança. Isto talvez não seja o mais importante. E por outro lado nem sempre bloqueia o novo. Às vezes adapta-se o jeito do ser religioso a realidade do seu tempo e tenta manter o contrato social firmado pela tradição. Ocorre uma mescla do atual com o antigo.

Vemos como possível “a conversão que se trata é a mudança total da situação, [...]. A misericórdia de Deus é capaz de mudar a pessoa de tal modo que seja capaz de pôr a lei em prática”<sup>123</sup>. Surge a necessidade de articular a crença.

É pela pregação da Palavra que todos podem ter acesso à fé e à salvação, chegando a conhecer o Deus único e verdadeiro, e a Jesus Cristo, aquele que o Pai enviou. [...] O ministério da Palavra, pelo chamado do Espírito, revela-se no carisma da Profecia<sup>124</sup>.

Merece destaque a homilia que “singularmente inserida na celebração eucarística, da qual recebe força e vigor particulares, tem certamente um papel especial na evangelização [...] por ocasião de certas assembleias de fiéis”<sup>125</sup>. Contribuem grandemente com a transmissão da fé. A catequese ganha ênfase especial neste documento do magistério. Considerada

Uma via que não há de ser descurada na evangelização é a do ensino catequético. Os métodos, obviamente, hão de ser adaptados à idade, à cultura e à capacidade das pessoas, procurando sempre fazer com que elas retenham na memória, na inteligência e no coração, aquelas verdades essenciais que deverão depois impregnar toda a sua vida”<sup>126</sup>.

A sensibilidade de enxergar a realidade e um olhar progressista, lógica a respeitar cada tempo e evitar o anacronismo histórico. Remete-nos a seguinte afirmação.

No nosso século tão marcado pelos "meios de comunicação social", o primeiro anúncio, a catequese ou o aprofundamento ulterior da fé não podem deixar de se servir destes meios conforme já tivemos ocasião de acentuar. Postos ao serviço do Evangelho, tais meios são susceptíveis de ampliar, quase até ao infinito, o campo para poder ser ouvida a Palavra de Deus e fazem com que a Boa Nova chegue a milhões de pessoas<sup>127</sup>.

---

<sup>123</sup> COMBLIN, 2010, p. 59 e 121.

<sup>124</sup> CNBB, 2007, Nº 66.

<sup>125</sup> AG, 43.

<sup>126</sup> AG, 44.

<sup>127</sup> AG, 45.

A catolicidade da “[...] Igreja é uma comunhão universal que existe concretamente em comunidades locais, [...]. [...] elas] só se renovam na medida em que realizam decididamente a dimensão missionária [...]”<sup>128</sup>. A missão dá sentido à comunidade, pois, “[...] a Igreja é uma comunhão universal que existe concretamente em comunidades locais, [...]. As comunidades só se renovam na medida em que realizam decididamente a dimensão missionária da Igreja”<sup>129</sup>.

As Comunidades Eclesiais de Base (CEB), nos dizeres do Papa Paulo VI, “[...] corresponderão à sua vocação [...]; de ouvintes do Evangelho [...] e de destinatárias privilegiadas da evangelização, [...] se tornarão [...] anunciadoras do Evangelho”<sup>130</sup>. Instigar e manter a conexão da “[...] relação entre fé e vida não é uma troca [...]. [...] há um laço muito mais profundo”<sup>131</sup>. Sabe-se que a transformação dar-se-á paulatinamente. Neste processo as paróquias

[...] se configuram como referência indispensável para a renovação da vida eclesial promovida pelo Concílio Vaticano II. Percebe-se [...], a emergência de novas acentuações temáticas, ligadas à mutação do contexto cultural e dos desafios que isso representa para a ação evangelizadora. [...] o apelo à revisão e renovação das paróquias ainda não deu suficientemente fruto, tornando-as ainda mais próximas das pessoas, sendo âmbitos de viva comunhão e participação e orientando-as completamente para a missão<sup>132</sup>.

No processo de contínuas discontinuidades vai-se continuando a aprender com as falhas. A caminhada reforça o essencial da evangelização que é a missão de anunciar o Reino de Deus. No constante movimento do Espírito brota para as pessoas uma nova vida e a renovação existencial do ser humano entrelaça-se na totalidade do ser Divino. Ele nos ensina um novo jeito de testemunhar a essência do Amor.

A Igreja dentro dessa realidade de ser anunciadora da Palavra de Salvação para o gênero humano deve sempre nutrir essa condição básica essencial de seu processo evangelizador que é o anúncio de Jesus Cristo, que sempre tem uma palavra de libertação para ser dada a toda a pessoa:

---

<sup>128</sup> AG, 29.

<sup>129</sup> CNBB, 2014, 29.

<sup>130</sup> AG 58.

<sup>131</sup> COMBLIN, 2010, p. 102.

<sup>132</sup> CNBB, 2014, 9, 69, 72.

O testemunho que o Senhor dá de si mesmo e que São Lucas recolheu no seu Evangelho, "Eu devo anunciar a Boa Nova do Reino de Deus", tem, sem dúvida nenhuma, uma grande importância, porque define, numa frase apenas, toda a missão de Jesus: "Para isso é que fui enviado". Estas palavras assumem o seu significado pleno se se confrontam com os versículos anteriores, nos quais Cristo tinha aplicado a si próprio as palavras do profeta Isaías: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para evangelizar os pobres"<sup>133</sup>.

Jesus, na condição de mestre, dá o exemplo de como deve ser feita a missão evangelizadora, em que a pessoa humana deve estar disposta a anunciar de forma irrestrita o evangelho de Jesus, tendo consciência de sua tarefa e da urgência com que deve ser realizada. Todo o cristão nesse sentido deve desertar em si essa consciência da necessidade de se colocar a serviço da missão do Reino de Deus na sociedade dos dias de hoje. Com bastante entusiasmo e confiança na efetivação do anúncio do evangelho de Jesus Cristo.

Compete aos fiéis leigos serem essas testemunhas do mestre que é o centro da evangelização de todo o mundo, pois é em Jesus que toda ação evangelizadora se faz na ótica da ação e da contemplação da centralidade de sua pessoa:

Todo o cristão deve estar convicto do seu fundamental e primordial dever de ser testemunha da verdade em que crê na graça que o transformou. "Cristo – dizia um grande Padre da Igreja – deixou-nos na terra a fim de que nos tornássemos faróis que iluminam, doutores que ensinam; a fim de que cumpríssemos o nosso dever de fermento; a fim de que nos comportássemos como anjos, como anunciadores entre os homens, a fim de que fôssemos adultos entre os menores, homens espirituais entre os carnisais a fim de os ganharmos, a fim de que sementes e dêssemos frutos numerosos"<sup>134</sup>.

Com essa disposição o missionário deve ter a plena disposição de "Andar de cidade em cidade a proclamar, sobretudo aos mais pobres"<sup>135</sup>, essa característica do missionário está em sintonia com a evangelização iniciada pelo divino Mestre, o qual se pôs a anunciar a Boa-Nova da salvação para as pessoas que se encontravam afastadas, ou eram negligenciadas ao anúncio do Reino de Deus, de modo mais próximo e pessoal, superando os métodos religiosos de seu tempo.

---

<sup>133</sup> EN, 6.

<sup>134</sup> PP, 31.

<sup>135</sup> PP, 31.

Conhecedor da realidade que o cercava, Jesus buscou as ovelhas que se encontravam afastadas da vivência social e eclesial, entendendo que estas se encontram “[...] muitas vezes os mais bem dispostos para o acolher, o alegre anúncio da realização das promessas e da aliança feitas por Deus, tal é a missão para a qual Jesus declara ter sido enviado pelo Pai”<sup>136</sup>.

Nesse sentido, a evangelização é um processo pelo qual está intimamente ligado à dimensão antropológica da Igreja, pois ela é responsável por realizar a missão de empreender o serviço em prol da proclamação da libertação dos povos por meio do evangelho:

A Igreja nasce da ação evangelizadora de Jesus e dos doze. Ela é o fruto normal, querido, o mais imediato e o mais visível dessa evangelização: "Ide, pois, ensinai todas as gentes [...] Nascida da missão, pois, a Igreja é por sua vez enviada por Jesus, a Igreja fica no mundo quando o Senhor da glória volta para o Pai. Ela fica aí como um sinal, a um tempo opaco e luminoso, de uma nova presença de Jesus, sacramento da sua partida e da sua permanência, Ela prolonga-o e continua-o. Ora, é exatamente toda a sua missão e a sua condição de evangelizado, antes de mais nada, que ela é chamada a continuar”<sup>137</sup>.

A evangelização é a raiz essencial da missão da Igreja, que durante toda a sua história se incumbiu de anunciar Jesus como o centro da revelação do amor divino para com o ser humano, razão pela qual é dada uma nova possibilidade de viver a causa da restauração da ligação entre o ser humano e Deus no aspecto místico religioso, como da possibilidade de uma nova forma de convívio da humanidade pautada por valores que conferem elevação do caráter e dos bons costumes que como a fraternidade, a concórdia, o trabalho evangelizador e a busca da paz entre os povos são valores que devem nortear a vida e missão do cristão.

A caridade é uma das mais sublimes formas de expressão do ser humano. Ela é uma maneira de demonstrar que a comunidade cristã tem um diferencial no ponto de vista da relação comunitária, sendo assim exemplo de sociedade que visa o bem comum e a relação fraterna como meio estrutural de sua relação.

O testemunho dos indivíduos precisa ser confirmado e ampliado pelo da comunidade cristã inteira, à semelhança do que acontecia na

---

<sup>136</sup> PP, 31.

<sup>137</sup> EN, 15.

estação primaveril da Igreja, quando a união compacta e perseverante de todos os fiéis “no ensino dos Apóstolos e na comum fração do pão e nas orações” (At. 2,42) e no exercício da mais generosa caridade, era motivo de satisfação profunda e de mútua edificação; com efeito eles “louvavam a Deus e eram bem vistos por todo o povo. E o Senhor aumentava a cada dia aqueles que vinham à salvação (At 2,47)”<sup>138</sup>.

A comunidade cristã parte de uma gênese em que havia muita colaboração entre todos os seus membros. Tinham claro suas diferenças, contudo, sabiam manter a unidade no que era essencial: a escuta da palavra, a vivência e a fração do pão. Essas são as características que demonstram a dimensão da pertença eclesial e comunitária das pessoas. A Igreja tem a missão de promover essas características no cerne da convivência entre as pessoas, a fim de que possam viver bem essa dimensão da eclesialidade.

Para que isso ocorra de forma plena é necessário que haja um trabalho bem definido, não abrindo possibilidades para equívocos que possam porventura acontecer no transcurso do processo, mas que porém se busque uma ação correta: “Não devemos esconder, entretanto, que numerosos cristãos, generosos e sensíveis [...] têm a tentação de reduzir a sua missão às dimensões de um projeto simplesmente temporal; [...]”<sup>139</sup>. Os leigos mais uma vez se encontram dentro de um destaque nessa ação de contribuição para evangelização.

A missão evangelizadora deve ter um cuidado especial com relação a seu caráter próprio e essencial, de modo que não venha receber certas distorções no caminhar de aplicação. Para isso os evangelizadores devem ter a missão de resistir a algumas formas de ação que podem desviar do foco principal que é a dimensão soteriológica da Pessoa de Jesus, que deu sua vida pela salvação do gênero humano.

Nesse sentido, o Papa Paulo VI mostra o essencial da Igreja com relação a sua missão evangelizadora, não perdendo o núcleo essencial de suas características: “os seus objetivos a uma visão antropocêntrica; a salvação, de que ela é mensageira e sacramento, a um bem-estar material; a sua atividade, a

---

<sup>138</sup> PP, 33.

<sup>139</sup> EN, 32.

iniciativas de ordem política ou social esquecendo todas as preocupações espirituais e religiosas”<sup>140</sup>.

A missão não deve ser um caminho que conduza a uma interpretação errônea da evangelização. Antes, ela deve ser um caminho pelo qual se possa fazer chegar o evangelho as pessoas de forma dinâmica e eficaz com relação ao acerto do público-alvo, sendo um instrumento de alcance para os que estão fora do convívio eclesial. Esse caminho deve ser aprofundado dentro de uma ótica em que a missão esteja em sintonia com o anúncio essencial da Igreja com relação ao evangelho de Jesus Cristo.

Nesse processo de missão sabe-se que nem tudo são flores na caminhada do processo. As dificuldades vão existir, as quais devem ser superadas com a fé, o empenho e o desejo de superação que deve ser um fator motivador no empreendimento missionário. A missão exige aplicação, dedicação e dinâmica para que o processo seja bem-sucedido. A esse respeito, o Papa Paulo VI fez a seguinte abordagem:

Ao longo de vinte séculos de história, as gerações cristãs tiveram de enfrentar periodicamente diversos obstáculos que se opuseram a esta missão universalista. Por um lado, a tentação da parte dos mesmos evangelizadores, para restringir, sob variados pretextos, o seu campo de atividade missionária. E por outro lado, a resistência muitas vezes humanamente invencível da parte daqueles a quem se dirige o evangelizador. E temos de verificar com mágoa que a obra evangelizadora da Igreja tem sido contrastada, se não mesmo impedida, pelos poderes públicos. Sucede, ainda nos nossos dias, que os anunciadores da Palavra de Deus são privados dos seus direitos, perseguidos, ameaçados e eliminados mesmo, só pelo fato de pregarem Jesus Cristo e o seu Evangelho. No entanto, nós temos confiança de que, apesar destas dolorosas provações, a obra desses apóstolos finalmente não virá a faltar em qualquer região do mundo<sup>141</sup>.

As dificuldades sempre estiveram acompanhadas do processo missionário da Igreja, seja por fatores intrínsecos, ou fatores extrínsecos, contudo, ela mesmo diante das dificuldades surgidas durante a caminhada histórica, jamais deixou de anunciar o evangelho de Jesus Cristo como base de sua pregação e como modo de conversão da sociedade humana. Neste sentido, a Igreja sempre buscou ousar, no

---

<sup>140</sup> EN, 36.

<sup>141</sup> EN, 50.

sentido de superar todas as adversidades que aconteciam, as quais, olhando por um lado existencial, se tornaram ensinamentos que proporcionaram a condição da Igreja adaptar a missão evangélica, para ter êxito em sua pregação da palavra de salvação.

Todos são convidados a fazer de sua vida um itinerário da proclamação do evangelho. Dentro dessa ótica, não somente a instituição eclesial deve fazer esse processo, mas é missão da sociedade como um todo, de modo particular das famílias cristãs, as quais também devem ter essa participação na corresponsabilidade de ser anunciadora do evangelho de Jesus Cristo. Diante desse raciocínio, o Papa Paulo VI coloca que:

No seio de uma família que tem consciência desta missão, todos os membros da mesma família evangelizam e são evangelizados. Os pais, não somente comunicam aos filhos o Evangelho, mas podem receber deles o mesmo Evangelho profundamente vivido<sup>142</sup>.

A família na condição de “Igreja doméstica”<sup>143</sup> tem a missão de zelar pela vida religiosa de seus filhos. Mas não somente numa relação de catequese em que os pais doutrinam os filhos sobre a questão da vivência cristã. A evangelização familiar pode ter uma condição bivalente no sentido proporcional, em que os filhos que tiverem melhor acesso e formação da doutrina católica podem também evangelizar os seus pais.

Diante da sua vocação específica, a família ainda é convidada a missão de ser instrumento evangelizador de outras famílias, dada a sua condição própria e conhecimento da vivência:

E uma família assim torna-se evangelizadora de muitas outras famílias e do meio ambiente em que ela se insere. Mesmo as famílias surgidas de um matrimônio misto têm o dever de anunciar Cristo à prole, na plenitude das implicações do comum batismo; além disso, incumbe-lhes a tarefa que não é fácil, de se tornarem artífices da unidade<sup>144</sup>.

A família deve ser entendida como um potencial evangelizador dela mesma, pois é conhecedora das dificuldades comuns que afetam a outras famílias. Por meio

---

<sup>142</sup> EN, 71.

<sup>143</sup> EN, 70.

<sup>144</sup> EN, 71.



desse conhecimento, tem toda a condição de desenvolver um diálogo mais profundo do sentido evangelizador contextualizado para que a família que recebe o anúncio de Jesus Cristo e de seu evangelho possa não somente entender esse evangelho, mas possa também ter condições de aplicá-lo no seu dia a dia.

O processo de evangelização ainda deve contar com todo o apoio necessário e cabível de pessoas que por sua formação podem ajudar de forma qualitativa a missão de anunciar Jesus Cristo aos povos. É nesse contexto que entram os contribuintes oriundos das academias:

Quer sejais doutores, teólogos, exegetas ou historiadores, a obra da evangelização precisa de todos vós, do vosso labor infatigável de pesquisa e também da vossa atenção e delicadeza na transmissão da verdade, da qual os vossos estudos vos aproximam, mas que permanece sempre maior do que o coração do homem, porque é a mesma verdade de Deus<sup>145</sup>.

A evangelização é um processo ao qual todos devem colocar sua forma de contribuir para que a mesma tenha êxito em sua ação. Os estudiosos e acadêmicos são uma peça importante no processo de evangelização, uma vez que tendo o conhecimento mais profundo e minucioso, da Exegese História e Teologia, ajudam não só no processo de evangelização, mas sobretudo no conhecimento mais apurado em que podem conferir por meio dos estudos as raízes da fé e uma compreensão mais apurada do contexto em que viveu Jesus, sua sociedade, seu tempo, cultura e dificuldades. Essa é, pois, a missão dos que se dedicam ao estudo acadêmico: proporcionar um melhor conhecimento de Jesus, a sociedade de seu tempo.

Nesse sentido, para o auxílio da evangelização é necessário que o nível de convivência com a dimensão científica e social esteja sempre em sintonia com as características evangélicas na ótica da ação do bem comum e assim se pôr em serviço da qualidade de vida do ser humano, buscando sempre o progresso e o bem-estar.

“[...] o avanço da ciência e os inventos da técnica demonstram, antes de tudo, a infinita grandeza de Deus, criador do universo e do homem. Foi ele quem tirou do nada o universo, infundindo-lhe tesouros de sua sabedoria e bondade. Por isso, o salmista enaltece a

---

<sup>145</sup> EN, 78.

Deus com estas palavras: “Senhor, Senhor, quão admirável é o teu nome em toda a terra” (Sl 8,1)”. Quão numerosas são as obras, Senhor! Fizestes com sabedoria todas as coisas” (Sl 103,24)<sup>146</sup>.

A ciência e a tecnologia são forma de mostrar a grandeza de Deus que age pela sabedoria humana. O ser humano é um ser dotado de racionalidade, o qual pode e deve fazer valer sua inteligência para o crescimento social e para ajudar as pessoas mais necessitadas. Essa é de fato uma vocação inerente da ciência, que é justamente ser uma ponte para acessibilidade e melhoria da vida dessas pessoas.

---

<sup>146</sup> PT, 3.

### **III. AS SANTAS MISSÕES POPULARES NA DIOCESE DE MOSSORÓ 2005 - 2008: À LUZ DO MAGISTÉRIO DA IGREJA**

A Capela de Santa Luzia começou a ser construída em 1772, autorizada pelo vigário da freguesia de Jaboatão dos Guararapes, Paróquia de Santo Amaro –, Pe. Inácio de Araújo Gondim. E construída na fazenda pertencente ao Sargento-Mor Antônio de Sousa Machado. A sua elevação à Diocese ocorreu no ano de 1934 pelo então Papa Pio XI.

No Rio Grande do Norte instala-se em Natal, no ano de 1909, a primeira Diocese (onde futuramente tornou-se sede da Província Eclesiástica), e na década de 30 duas outras foram fundadas em um curto período. No Oeste potiguar instalou-se a Diocese de Mossoró, na data de 1934, e na região central do Seridó com sede em Caicó a última datada de 1939.

#### **3.1. Um breve histórico do início da Diocese de Mossoró**

Um imenso território estava vinculado à Arquidiocese de Olinda e Recife em meados do século XX. Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte compunham uma única Província geopolítica com sede em Olinda e Recife. A expansão populacional nas áreas do interior e no próprio litoral estimulou de criar novas sedes episcopais para melhorar as diversas necessidades pastorais, burocráticas e administrativas em geral.

O Bispo de Natal, Dom Marcolino, fez questão de presenciar um dos maiores eventos religiosos da região, a Festa de Santa Luzia em Mossoró. O Pe. Luiz Ferreira Cunha da Mota o acolheu com as devidas cerimônias e aproveitou a ocasião para aprofundar o assunto sobre a criação da Diocese em terra oestana potiguar.

Em 1929, a 10 de dezembro, o Exmo. Sr. Bispo Dom Marcolino Dantas visita Mossoró, em plena Festa de Santa Luzia. Embora não

tenha vindo em caráter oficial de Visita Pastoral, veio, todavia, tratar dos interesses da criação da Diocese de Mossoró<sup>147</sup>.

A visita extraoficial teve momentos importantes. Rapidamente organizou-se uma reunião com representantes da sociedade civil. Na ocasião, como consta em ata, o então bispo estimulou “a formação das diversas comissões encarregadas de angariar para a construção do resto do Patrimônio e outra para a reforma e ornamentação do paço Episcopal [...]”<sup>148</sup> em vista das futuras instalações diocesanas.

Aconteceu a formação da Comissão da Hora, Comissão Central, Comissão Executiva, Comissão de Propaganda e Comissão do Operariado de Mossoró. O esforço resultou positivamente para a criação diocesana quase cinco anos após aquela reunião assembleia-geral pró-Diocese de Mossoró.

O telegrama do dia 14 de setembro de 1934, nas breves palavras, trouxe grande júbilo aos mossoroenses. O bispo de Natal, Dom Marcolino Dantas, recebeu da nunciatura brasileira as seguintes palavras: “Grato comunicar que o Santo Padre houve por bem criar a Diocese de Mossoró. Atenciosas saudações”<sup>149</sup>. A notoriedade do fato realça a importância da notícia.

Diocese de Mossoró. No dia 14 foi a cidade de Mossoró surpreendida pela alvissareira notícia da criação da Diocese que terá sede nesta cidade.

É-nos defeso dizer da importância desse fato auspicioso que traduz, para católicos e indiferentes, um passo gigantesco para o nosso desenvolvimento religioso, intelectual e moral.

Onde assenta ela sua tenda, florescem as letras e as indústrias, adensam-se os núcleos de educação, a instrução se difunde [...]

Os que acompanham o desenvolvimento econômico de Mossoró que pela sua situação geográfica e surto de progresso, vem sendo o empório de uma larga faixa do Nordeste, compreenderão facilmente o nosso entusiasmo ao saudarmos, bem próximo, o raiar dessa alvorada que há de espargir, sobre tudo e sobre todos, os clarões benfazejos de uma vida nova da fé e de progresso.

A sua instalação canônica deu-se em 18 de novembro de 1934. A cidade de Mossoró crescia economicamente e populacionalmente. Sua posição estratégica entre duas cidades de grande porte – Natal e Fortaleza – como também contato direto com diversas cidades do Oeste potiguar, outros municípios do Ceará como

<sup>147</sup> CAVALCANTI, 1992, p. 33.

<sup>148</sup> CAVALCANTI, 1992, p. 136.

<sup>149</sup> JORNAL O MOSSOROENSE – 16/09/1934.

Limoeiro do Norte, Aracati e Icapuí, da Paraíba ligada pela linha férrea que transportava pessoas e escoava produtos até Sousa estimulavam o desenvolvimento local.

O novo território diocesano era composto por Mossoró – sede episcopal, as paróquias de Assú, Apodi, Pau dos Ferros, Portalegre, Martins, Augusto Severo (atual Campo Grande), Caraúbas, São Miguel e Luiz Gomes. Abrangia todo o Oeste potiguar. No seu livro, o Mons. Francisco de Sales apresenta na íntegra a Bula de criação da Diocese de Mossoró escrita pelo Papa Pio XI que apresenta a tomada de várias medidas imediatas.

Mandamos, além disso, que o mais cedo possível, seja erigido ao menos o Seminário Menor Diocesano, de conformidade com as prescrições do Código de Direito Canônico e as normas da Sagrada Congregação dos Estudos dos Seminários e Universidades; mandamos também que a nova diocese de Mossoró envie às próprias custas dois diletos jovens, ou ao menos um, e não intermitentemente, para o Pontifício Seminário Pio Latino Americano, em Roma, para que eles, como que sob os olhos do Pontífice Romano, se constituam na esperança da Igreja<sup>150</sup>.

A Diocese de Mossoró (criada no dia 18 de novembro de 1934) teve desde o seu início uma concisa marca missionária. Cuidava de nutrir a fé dos fiéis, mas também sempre esteve presente com sua ação social voltada para as camadas mais necessitadas. A influência religiosa nas práticas sociais, relações familiares, nos próprios idos da economia, política e moral era latente.

O seu primeiro bispo foi Dom Jaime de Barros Câmara, o futuro Cardeal Câmara no Rio de Janeiro, natural do município São José, no Estado de Santa Catarina. Nascido em 3 de julho de 1894 foi nomeado pelo Papa Pio XI e sagrado episcopo com apenas 41 anos de idade, no dia 2 de fevereiro de 1936 em celebração presidida por Dom Joaquim Domingues de Oliveira.

Ele chegou a Mossoró cheio de ardor missionário. Encontrou uma realidade totalmente adversa da vivida no sul do país. Deparou-se com as desigualdades sociais provocadas pela diferenciação de classes. As suas ações acorriam nas mais diversas direções de acordo com a necessidade.

---

<sup>150</sup> CAVALCANTE, 1992, p. 143.

Foi criado o Orfanato de Martins e convidou as Irmãs Hospitaleiras para assumirem os devidos cuidados de caridade daquele espaço. Na Carta Circular nº 14, Dom Jaime estimulou a realização do “parochial Congresso Eucarístico [...] realizar-se, [...] em Areia Branca, sob a direção do zeloso aposto do SS. Sacramento, o Revmo. Mons. Leão Medeiros Leite”<sup>151</sup>. O Congresso Eucarístico Paroquial foi fruto do Congresso Eucarístico Nacional na cidade de Recife – Estado de Pernambuco. O que para a época impulsionou a organização das associações religiosas. A cidade de

[...] Areia Branca já havia assistido, em 1938, ao seu congresso eucarístico paroquial, como uma preparação ao congresso diocesano que celebraria Mossoró mais adiante. Assim, “da serra ao mar / um grito de fé / gigante reboa no céu e no altar”. [...], esses versos pertencem ao hino que louvava os festejos de sua Salinésia. [...] autoria de Dom Jaime de Barros Câmara, bispo de Mossoró, em parceria com o padre Huberto Bruening, reitor do seminário Santa Teresinha, dessa mesma cidade<sup>152</sup>.

A exaltação da fé nos diversos atos públicos acentua o pensamento de propagar em todas as vertentes as práticas católicas. Os mais diversos setores da sociedade estavam a ser influenciados pelas lideranças religiosas. No mesmo ano era publica a Carta Circular nº 17 que, em linhas gerais:

[...] Trata-se da saúde vossa e de vosso bem estar. É preciso que todos, absolutamente todos, sem uma exceção, ajudemos as Auctoridades a combater a falta de asseio onde quer que ella se encontre. Não é possível, que só o Governo com seus delegados de hygiene, ou os Shrs. Prefeitos Municipaes com seus guardas e fiscais, ou os zelosos médicos e mais um numero limitado de pessoas, tomem a peito combater os focos, de doenças, a falta de limpeza e descuido de hygiene. É preciso sobretudo não haja quem se oponha a medidas tomadas pelas Auctoridades, ou interponha systematicamente obstáculos desnecessários.

O destaque na área da educação remete-nos a participação pró-ativa no Segundo Congresso Católico de Educação, realizado em Belo Horizonte de 20 – 27 de junho de 1937. O envolvimento era tamanho que foi promovida a Primeira Semana de Estudos Pedagógicos de Mossoró em 1941. Acompanhava de maneira próxima os espaços educacionais religiosos: Educandário Nossa Senhora das

---

<sup>151</sup> CÂMARA, 1938.

<sup>152</sup> COSTA, 2008, p. 61 – 62.

Vitórias, em Assú; o Ginásio Sagrado Coração de Maria e o Ginásio Diocesano Santa Luzia, em Mossoró.

### **3.1.1. Um situar histórico e organizacional da Diocese**

A organização Eclesiásticas no Brasil está dividida em Dioceses, Arquidioceses e Províncias. Os bispos compõem a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil a nível de País. A nível de regiões existe uma subdivisão levando-se em conta a particularidade de cada região.

O Nordeste brasileiro está subdividido em cinco regionais compostas pelas suas respectivas dioceses. Temos o NE 1 no CE; o NE 2 com sede em Pernambuco e agregado pelo Rio Grande do Norte, Paraíba e Alagoas; o NE 3 com Bahia e Sergipe; o NE 4 no Piauí; e o NE 5 no Maranhão.

A Diocese de Mossoró está situada na mesorregião do Oeste Potiguar, integra a Província Eclesiástica de Natal e ao Conselho Episcopal do Regional Nordeste II da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. A sua Igreja Catedral localizada no centro, coração da cidade, foi dedicada à Virgem e Mártir Santa Luzia, firmando-se enquanto Sé Episcopal.

Os seus limites geográficos abrangem no total de 56 municípios, todos no Oeste do Estado do Rio Grande do Norte, e uma população de aproximadamente 924 mil habitantes<sup>153</sup> nos quais mais de 89% dizem-se católicos. Faz divisão com a Arquidiocese de Natal, a Diocese de Caicó, ambas no mesmo Estado, a Diocese de Limoeiro do Norte-CE e a Diocese de Cajazeiras-PB.

No total existem 35 Paróquias, 1 Mosteiro (monjas Clarissas em Mossoró), 1 Santuário (Lima, Patu-RN) e 3 Áreas Pastoral. A Diocese foi pastoralmente dividida em zonais nominados de Zonal Mossoró I (paróquias do Município de Mossoró), Zonal Mossoró II (os municípios do entorno a Mossoró), Zonal do Vale (os municípios do Vale do Açu), Zonal Médio-Oeste (os municípios da região central da Diocese) e Zonal Alto-Oeste.

A Diocese dispõe de 53 padres, entre eles diocesanos e de religiosos, 29 religiosas (os), 5 diáconos transitórios que serão ordenados padres, 3 diáconos

---

<sup>153</sup> cf. Anuário da Diocese de Mossoró, 2019.

permanentes casados, e 35 seminaristas nas diversas etapas de formação (propedêutico, filosofia, teologia ou experiência pastoral – missionária na região amazônica)<sup>154</sup>.

Até os dias atuais foi conduzida por seis bispos. O já citado Dom Jaime de Barros Câmara assumiu a Diocese no dia 26 de abril de 1936. Escolheu o lema episcopal: Eu vim trazer o fogo. Sua governança foi marcada pela criação do Seminário Santa Terezinha, do Abrigo Amantino Câmara, pelo apoio aos operários situados nos parques salineiros da região com a criação do Círculo Operário Católico, entre outras ações supracitadas<sup>155</sup>.

O segundo bispo local, D. João Batista Portocarrero Costa, governou a partir de 8 de dezembro de 1943. Teve como lema: É preciso que Ele cresça. Destacou-se na fundação das escolas populares. Articulou apoio aos movimentos sociais nos círculos de estudos e manhãs de recolhimentos – espiritualidades. O ápice de seu pastoreio foi o I Congresso Eucarístico em 1946 na cidade de Mossoró.

No dia 20 de fevereiro de 1954, o terceiro bispo diocesano, Dom Eliseu Simões Mendes, assumiu a regência episcopal e escolheu o lema: Salvação do rebanho. Fez história ao manifestar incondicional adesão à zona rural. Motivou as semanas ruralistas que eram momentos de orientações às pessoas do campo para melhorar a organização rural e a dignidade do trabalho. Fundou maternidades e casas de populares para dar suporte aos pobres edificadas em vários municípios da região como exemplo em Martins.

No início da década de 60 incidiu uma nova mudança na Diocese de Mossoró. Foi estabelecido o quarto bispo diocesano, no dia:

[...] 12 de outubro de 1960, com o lema: Enviei o vosso Espírito, D. Gentil Diniz Barreto, [...], se destacando pela criação da Emissora de Educação Rural [Rádio Rural de Mossoró] e instalações do Movimento de Educação de Base [MEB], centro de Treinamento [Libânia Lopes Pessoa], Lar Sacerdotal, Gráfica Miguel Faustino e da Livraria Dom Costa<sup>156</sup>.

O quinto bispo foi Dom José Freire de Oliveira Neto, natural da zona rural de Apodi – paróquia pertencente a Diocese. Estudou o Seminário Menor em Mossoró, os estudos superiores foram em São Leopoldo-SC e a pós-graduação em catequese

---

<sup>154</sup> cf. Anuário da Diocese de Mossoró, 2019.

<sup>155</sup> cf. DSLM, 2019, p. 3.

<sup>156</sup> DSLM, 2019, p. 5.



na cidade de Roma – ITA. No ano de 1973, pelo então Papa Paulo VI, enquanto estava estudando catequética foi nomeado bispo auxiliar e a posterior, no ano de 1979, bispo coadjutor de Dom Gentil. Escolheu o seguinte lema: Semelhante a Ele na morte. A titulação coadjutor garante sucessão episcopal automática, com isso no ano de 1984 ele assumiu a titularidade da Diocese.

Alinhado à Teologia da Libertação (TL) foi referência na defesa dos pobres, por acreditar que “Jesus liberta as pessoas de todas as formas de escravidão visíveis entre nós, como ensina Puebla”<sup>157</sup>. Estimulou a integração participativa dos leigos e destaque na Catequese nacional e bispo referência a nível de NE2.

Elaborou o Documento da CNBB, “[...] junto a D. Albano Cavallim, [...] o documento Catequese Renovada. São frutos de sua missão a Comissão Pastoral da Terra [CPT], o SEAPAC (Serviços de Apoios a Projetos Alternativos) e a Comissão de Justiça e Paz”<sup>158</sup>. Na conformidade da lei canônica da Igreja em 1983, ao completar a idade limite de 75 anos, renunciou ao governo pastoral. Permaneceu como administrador apostólico até a chegada de seu sucessor em 2004.

No ano de 2004 era nomeado o sexto e atual bispo da Diocese, Dom Mariano Manzanna, alçando o lema: Cristo para os Povos. O anuário diocesano apresenta um breve histórico sobre a sua pessoa.

[...] nasceu em Mori – Trento, na Itália, em 13 de outubro de 1947, filho de Luigi e Agnese Tronquillini. Estudou Filosofia e Teologia no Seminário Arquidiocesano de Trento. A ordenação presbiteral ocorreu no dia 26 de junho de 1973. Foi vigário da Paróquia São Pio X, em Trento, de 1973 até 1976.

Em 1977 chega ao Brasil como missionário e se instala na Diocese de Mossoró, assumindo como pároco da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, em Umarizal. Neste período, torna-se também responsável pela formação dos seminaristas da Diocese de Mossoró no Seminário de João Pessoa, na Paraíba, até 1993, quando retornou à Itália para continuar seus trabalhos religiosos.

Na Itália, assume responsabilidade pela Casa do Clero da Arquidiocese de Trento e foi Delegado Episcopal para as Missões da Arquidiocese de Trento, de 1993 a 2004. Em 15 de junho de 2004 foi nomeado bispo para assumir a Diocese de Mossoró pelo Papa João Paulo II. Sua Ordenação Episcopal ocorreu em 5 de setembro de 2004 em [Catedral de São Vito] Trento, na Itália, sendo o principal ordenante Dom Luigi Bressan, na época Arcebispo da Arquidiocese de Trento.

Toma posse como sexto bispo da Diocese de Mossoró em 17 de outubro de 2004, Dom Mariano dá início a sua missão e tem

<sup>157</sup> COMBLIN, 2010, p. 49.

<sup>158</sup> DSLM, 2019, p. 5.

intensificado a pastoral missionária com as Santas Missões Populares e a realização do II Congresso Eucarístico Diocesano [ novembro de 2006], a pastoral vocacional com a implantação do Seminário Maior e o curso de Teologia na Faculdade Diocesana de Mossoró, a reorganização do serviço pastoral com a criação de novas paróquias [e Áreas Pastorais] e a Visita Pastoral a todas as paróquias<sup>159</sup>.

No ano de 2016 alavancou novamente a experiência missionária com o projeto > Santas Missões Populares 10 anos depois. Neste ano de 2019 acontecerá mensalmente as semanas missionárias. A cada mês em uma paróquia diferente. O programa missionário estender-se-á até 2022 conforme planejado nas Assembleias Diocesanas, nos Encontros do Clero e nas Reuniões Trimestrais. Um dos principais destaques é a expansão da Faculdade Diocesana de Mossoró (FDM) que em fevereiro de 2019 passou a ser nominada de Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (FCRN).

Outras ações marcaram a caminhada da Diocese. Destacamos algumas aqui para apresentar um aporte histórico da Igreja diocesana no Oeste Potiguar. A atuação da Igreja reflete uma época própria e tenta responder aos anseios na perspectiva de manter a natureza da missão. Nos tópicos seguintes iremos analisar uma proposta do agir missionário à luz dos documentos da Igreja.

### **3.2. A ESSÊNCIA DA MISSÃO E UM NOVO JEITO DE AGIR**

A Igreja é um reflexo da ação de Jesus Cristo presente na história, que em sua passagem aqui na terra soube promover a vida em plenitude. A reflexão nos instiga: Quem é o centro da missão? Como eu recebi da geração anterior a mensagem? Como eu anuncio? A experiência pessoal ajuda e integra a experiência comunitária? Qual interesse da geração futura e de que maneira posso alcançá-la?

A essência missionária é a mesma. O agente que a conduz e deixa-se conduzir, torna-se “testemunho de vida. [...] Testemunhar que o Reino de Deus já está aqui presente: na alegria”<sup>160</sup>.

Ser um agente transformador. A carta de Tiago atesta este pensamento ao afirmar: “[...] a fé, se não tiver obras, está morta [...]. Alguém poderá objetar-lhe: Tu

---

<sup>159</sup> DSLM, 2019.

<sup>160</sup> COMBLIN, 2011, p. 17.

tens fé e eu tenho obras. Mostra-me a tua fé sem obras e eu te mostrarei a fé pelas minhas obras”<sup>161</sup>. A extrema necessidade do (a) outro (a), torna-se o elo da oração à ação;

[...] se um irmão ou uma irmã não tiverem o que vestir e lhes faltar o necessário para a subsistência [...], e [...] vos lhes disser: ‘Ide em paz, aquecei-vos e saciai-vos’, e não lhes der o necessário [...], que proveito haverá isso?<sup>162</sup>.

O Senhor Jesus assumiu a concretude da nossa natureza. Uniu fé e obra. A harmonização da fé e da obra possibilita integrar a pessoa a um propósito maior. Viver no interior e no exterior o Reino de Deus que já está no meio de nós. Aos precipitados:

[...] a fé pode parecer passividade diante da atividade das obras. Mas a fé não é nem passividade, nem [somente] experiência religiosa. Pelo contrário, apesar das suas pretensões, o sistema da lei é um sistema incapaz de agir realmente. O agir verdadeiro da pessoa renovada procede da fé. Pois a fé é a atitude pela qual a pessoa se abre à atividade do Espírito e à fonte da vida<sup>163</sup>.

Irá prevalecer uma nova “atitude de evangelização num mundo pluralista, complexo”<sup>164</sup>. Integrar as diversas dimensões, paradigmas, mudanças, relações, enfim a experiência com Deus e o divino na humanidade. “O que nos preocupa, objeto da evangelização, é o mundo presente tal como é. [...] para poder agir, é preciso estar presente”<sup>165</sup>.

No mistério da encarnação somos convidados a olhar o todo do processo histórico da missão do Verbo inserido na realidade humana e o ser humano inserido pela natureza divina. Ao ponto de a “evangelização, o anúncio missionário [ocupar] papel central. [...] Para os que abandonaram a Igreja, pensar-se-á numa nova maneira de evangelizá-los”<sup>166</sup>. O discípulo que integra uma comunidade, torna-se missionário de Jesus Cristo em uma realidade própria.

Os teólogos refletem sobre a necessidade de aproximar-se do tempo e do espaço específicos das pessoas, pois, “segundo o Concílio, a própria estrutura da revelação coloca no centro da fé cristã o encontro e o diálogo: a herança do

<sup>161</sup> Tg 2, 17 – 18.

<sup>162</sup> Tg 2, 15 – 16.

<sup>163</sup> COMBLIN, 2010, p. 123.

<sup>164</sup> LIBÂNIO, p. 82.

<sup>165</sup> COMBLIN, 2011, p. 15.

<sup>166</sup> LIBÂNIO, 2012, p. 81.

Vaticano II consiste, por isso, numa herança dialogal do mundo atual. [...]”<sup>167</sup>. Existe a dificuldade de transmitir a fé. Em vista de garantir um diálogo frutuoso faz-se necessário assimilar comportamentos sociais e símbolos do novo estilo de iniciação dos mais diversos grupos sociais.

A teologia pressupõe a reflexão do anúncio. No geral retemo-nos no como fazer o anúncio. Existe a necessidade de manter o equilíbrio entre o fundamental e o pragmático. A oração e a ação, o pensar e o agir, a reflexão e a atuação estão em consonância em Jesus Cristo. E podemos afirmar que são inseparáveis. Ao agente continuador da proposta de vida do Senhor, no seu Espírito, deve almejar e concretizar o Reino de Deus. Na certeza de que o

[...] Espírito suscita muitos carismas. Mas os carismas, antes de favores ou experiências individuais, são chamados a ser serviços pelo bem do corpo inteiro, da comunidade eclesial. Portanto, os cristãos devem subordinar seus dons espirituais ao bem de todos e da comunidade. Por isso o carisma superior é o da caridade<sup>168</sup>.

O missionário é testemunho do definitivo na transitoriedade da história. Nesse provisório fazemos a experiência com o eterno revelado. Tal “movimento missionário não consiste tanto em ir longe geograficamente, mas sim humana e moralmente”<sup>169</sup>, na constante coerência em respeitar toda a criação. A maneira de transmitir a experiência da humanidade com o sagrado tem um diferencial.

Na visão hebraica a história da salvação (soteriologia) é vista como uma sucessão de gerações na qual Deus age. Aproxima-se da humanidade, ajuda o gênero humano a permanecer n’Ele, conduz ao princípio e a sua meta última (*escaton*). Uma geração recebe da anterior e repassa à futura o conteúdo da fé com linguagens e métodos específicos ao seu tempo e seu espaço.

Agostinho afirmou: “inquieto está meu coração, Senhor, [...] na miséria de minha vida é atingido pelas palavras de tua Escritura [...]. Porque todo o que pede recebe, todo o que procura encontra [...]”<sup>170</sup>. No agir da história buscamos sentido para a vida e somente no Senhor encontrá-lo-emos. O teólogo João Batista Libânio, de maneira bastante sóbria, fez a seguinte colocação:

---

<sup>167</sup> FIUC, 2017, p. 36

<sup>168</sup> COMBLIN, 2010, p. 136.

<sup>169</sup> COMBLIN, 2010, p. 132

<sup>170</sup> SANTO AGOSTINHO, 2008, p. 227.

Um cenário não se escolhe. Impõe-se. Tem-se de viver dentro dele.[...]

A Igreja, [...], comporta-se dentro de determinado cenário, num duplo movimento. *Ad intra*, ela organiza sua própria vida. *Ad extra*, tece relações com o mundo político-econômico, cultural e religioso circundante<sup>171</sup>.

Inserir-se, conhecer, fazer parte e interagir com a realidade quase nos impõe a mudar o nosso jeito de transmitir a fé. “Jesus quis que os discípulos aplicassem o seu evangelho às diversas situações em que se encontrassem. Importante lição para nós!”<sup>172</sup>. Um estilo adaptado ao espaço no qual comunicamos o que recebemos dos nossos antepassados.

[...] aspecto da evangelização de Jesus é apelo para a fé e anúncio da vida na fé e pela fé, fé na vida, fé nele, fé no Pai que o enviou para dar a vida, fé no Espírito que é a força de Jesus comunicada como fonte de vida imanente nas criaturas humanas<sup>173</sup>.

A comunidade, a pastoral, o grupo, a equipe, o movimento, o serviço, a paróquia, “cada Diocese será ‘uma comunidade missionária’, na medida em que [...] fortalecer [...] sua consciência missionária, [...], mas também [...] em responder aos grandes problemas [...locais]”<sup>174</sup>. Fomentará um novo impulso nas diversas atividades. Eles, de um jeito específico, também, viveram segundo o que acreditavam. Neste processo de atualização é importante manter o essencial.

Nisto consiste a *anamnese* (do grego) ou *zikkaron* (do hebraico) – o memorial –, o contínuo clamor do *Maranathá* usados na liturgia romana: toda vez que comemos deste pão, toda vez que bebemos de vinho, recordamos a paixão de Jesus Cristo e ficamos esperando a sua volta. Vem, Senhor!

### 3.3. AS MUDANÇAS E OS DESAFIOS DE UMA NOVA ÉPOCA

O movimento de migração do campo para a cidade, do ponto de vista numérico, teve uma ampliação considerável nas décadas de 60 e 70 do século XX no Brasil. As constantes transformações ocorridas naquele período desdobram-se de maneira mais rápida hoje. A expansão das zonas urbanas, a industrialização, a

<sup>171</sup> LIBÂNIO, 2012, p. 14.

<sup>172</sup> COMBLIN, 2010, p. 7.

<sup>173</sup> COMBLIN, 2010, p. 103.

<sup>174</sup> CNBB, 2007, 9.

nanotecnologia, e a tecnologia da informação interligam com mais facilidade as pessoas. A urbanização foi atropelada pela globalização,

[...] o aspecto da modernidade, [...], será negado pela pós-modernidade, e os valores que ela afirma do subjetivismo, do individualismo, do hedonismo, da concentração no presente baterão duramente contra o programa institucional da Igreja<sup>175</sup>.

Aí a delicadeza de dialogar com as mudanças culturais. Aí a dificuldade de definir o conceito de cidade. Aí a mudança comportamental nas áreas rurais. Observa-se a postura das “pessoas que frequentam a igreja para buscar remédios e satisfações na vida não se sentem comprometidas com a Igreja”<sup>176</sup>.

Os (as) leigos (as) estão na base do agir da Igreja. Eles (as) são a parte que conferem sustentação a estrutura prática da vivência eclesial, estando presentes bem no centro das comunidades em especial as mais distantes. Assim, podem aguçar a consciência da função a que desempenham para o bom andamento da vida missionária da mesma. Ao assumir convictamente possibilitará um dinamismo nos diversos campos da sociedade.

Um novo olhar, uma nova linguagem, uma nova comunicação simbólica, sob a realidade da cidade e sob a realidade do campo tornam-se urgentes. O desejo pelo sagrado permanece em um número considerável de pessoas mesmo com tantas transformações, “há nas cidades uma imensa aspiração religiosa, uma necessidade de dar um sentido à vida”<sup>177</sup>. A mudança de época exige uma época de mudança na ação missionária.

No início do século XXI, de maneira pertinente, José Comblin escreveu que “o desafio é assumir a realidade humana com toda a sua complexidade”, e elencou três pontos. O primeiro: “o modo de sentir e de pensar dos cidadãos de hoje”; o segundo: os lugares e os tempos de vida comunitária têm de ser adaptados à condição do membro de cada cidade”; e o terceiro: a Igreja deve estar presente em todos os dramas humanos”<sup>178</sup>. A concepção religiosa perpassa a fé individual.

O senso de autonomia, a liberdade de consumo permite o indivíduo construir sua identidade pessoal na relação com o cosmos sagrado. Agora nem tanto preso

---

<sup>175</sup> LIBÂNIO, 2012, p. 49.

<sup>176</sup> COMBLIN, 2002, p. 25.

<sup>177</sup> COMBLIN, 2002, p. 8.

<sup>178</sup> COMBLIN, 2002, p. 9.

às orientações restritivas da instituição. As representações religiosas tradicionais continuam presentes com bastante força, apesar de não ser tão determinantes como outrora. Despontam ídolos, *pops stars* do sagrado que para satisfazer um determinado público calcam um espaço vacante.

A Igreja “pode desempenhar um papel importante: ela pode estimular a consciência da dignidade pessoal”<sup>179</sup>. No geral “a mensagem procura humanizar as relações [...]” interpessoais, “e que não se perca o sentido de dignidade humana”<sup>180</sup>. Evitar impor e sim seduzir, convencer a viver o Evangelho na comunidade de fé.

### **3.4. A MISSÃO SEGUNDO O DOCUMENTO DE APARECIDA**

O presente documento é fruto da reunião dos Bispos da América Latina e do Caribe, realizado no ano de 2007, na cidade Aparecida - SP, no Brasil. Essa reunião dos Bispos do continente foi a de número cinco e teve como metas traçar um plano pastoral para as Igrejas da América Latina, no tocante à evangelização e a nova forma de atuação da Igreja, em que se entendia que todo batizado é discípulo missionário de Jesus Cristo.

Diante do desafio evangelizador, as Igrejas viram-se na condição de serem mais uma vez a referência de seu povo de reverem os seus métodos de ação em que “A Igreja é chamada a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas”<sup>181</sup>.

A ação evangelizadora é uma condição em que devido as variadas circunstâncias das comunidades deve ter um plano de atuação que seja realmente inovador no sentido de meio para atingir a fé e a vida das pessoas. Contudo, deve ter também o seu radical, ou seja, deve manter a fidelidade ao seu núcleo essencial que a fidelidade ao anúncio de Jesus Cristo, como aquele que oferece a salvação a todo o ser humano.

A Igreja deve manter essa relação de ser a entidade que deve manter a fidelidade a vocação a qual foi chamada de ser a ponte que conduz todos aos

---

<sup>179</sup> COMBLIN, 2011, p. 39.

<sup>180</sup> COMBLIN, 2011, p. 46-47.

<sup>181</sup> DAp, 11.

caminhos de Jesus. “A Igreja deve cumprir sua missão seguindo os passos de Jesus e adotando suas atitudes”<sup>182</sup>.

Sendo a esposa de Cristo, a Igreja deve zelar pelo nome de seu Senhor. Deve buscar ser efetiva em sua missão pela qual foi confiada até o fim dos tempos, mostrando Jesus a todos os que se encontram em situação de risco, que estão à margem da sociedade. Assim, ela se torna a seta indicativa que pode conduzir os que estão desacreditados a encontrarem Jesus e estes podem experimentar uma nova vida nos caminhos do divino Mestre, ele que “é o caminho, a verdade e a vida”<sup>183</sup>.

A vida das pessoas necessita de um amparo devido as várias dificuldades e desilusões que sofrem na sociedade. Por essa razão, anunciar Jesus como caminho não somente da salvação, mas também da nova vida social, requer uma atitude de ir ao encontro do necessitado fazendo anúncio d’Ele, em que o fiel está cumprindo com seu papel de discípulo e missionário.

Ao chamar aos seus para que o sigam, Jesus lhes dá uma missão muito precisa: anunciar o evangelho do Reino a todas as nações (cf. Mt. 28,19; Lc. 24,46-48). Por isto, todo discípulo é missionário, [...] Cumprir esta missão não é uma tarefa opcional, mas parte integrante da identidade cristã, porque é a difusão testemunhal da própria vocação<sup>184</sup>.

Mesmo sabendo que assumir a missão é algo inerente da escolha de cada um, Jesus, por meio da Igreja, oferece a oportunidade para que se possa trabalhar em prol do Reino de Deus. Essa tarefa quando assumida de forma consciente rende muitos frutos de gratificação tanto na vida do que abraçou a missão em anunciar Jesus, como da pessoa que recebe o anúncio que, por sua vez, se sente maravilhado e feliz por descobrir o filho de Deus e o caminho da redenção.

A missão não deve ser entendida como algo que deve ser realizada de forma burocrática, porém não pode também ser uma ação sem um norte indicativo de ações. Ela deve ser essencialmente uma experiência que venha proporcionar ao missionário sentir algo inovador no que concerne a sua pessoa em relação com a comunidade de forma geral. É importante salientar que ela deve proporcionar esse encontro com Jesus:

---

<sup>182</sup> DAp, 31.

<sup>183</sup> cf. Jo 14, 6.

<sup>184</sup> DAp, 144.



A missão não se limita a um programa ou projeto, mas em compartilhar a experiência do acontecimento do encontro com Cristo, testemunhá-lo e anunciá-lo de pessoa a pessoa, de comunidade a comunidade e da Igreja a todos os confins do mundo (At. 8,1)<sup>185</sup>.

A missão deve ter como característica principal o encontro. Os missionários devem, antes de tudo, ter em mente que mais do que apresentar dogmas de fé ou pensamentos teológicos, devem fazer uma ponte entre as pessoas com Jesus Cristo, tendo a capacidade de anunciá-lo de forma que adentre os corações e mentes das pessoas, e assim elas possam fazer uma adesão à ação missionária.

Essa dinâmica da ação missionária deve ser sentida dentro do *lócus* comunitário, pois o discipulado deve começar no cerne de sua própria área geográfica onde está incluído, ou seja, a comunidade onde vive. Neste sentido, pode-se afirmar que “O discipulado e a missão sempre supõem o pertencimento a uma comunidade”<sup>186</sup>.

É estranho quando alguém deseja ser missionário, mas não desenvolve uma relação próxima com as pessoas as quais mantêm um relacionamento cotidiano. Por isso, entende-se que a casa, a família, a vizinhança e a localidade são os locais do início da vida missionária, pois está dentro do elo de vivência do missionário, constituindo-se, assim, na gênese de sua vida missionária.

Partindo desse princípio, a missão ganha raízes em sua base, pois em sua origem houve uma proposta de adesão missionária que corresponde a dimensão necessária para o início de sua contribuição com o anúncio da Pessoa de Jesus Cristo. Neste contexto, a Diocese, enquanto área eclesial macro, deve motivar as comunidades a desenvolverem estruturas necessárias para a realização do êxito da missão.

Ratificando esse raciocínio tem-se a palavra do Documento de Aparecida, o qual coloca que: “A Diocese, em todas suas comunidades e estruturas, é chamada a ser uma “comunidade missionária”<sup>187</sup>. A missão para ser uma ação que possa render bons frutos deve ter uma organização que possa proporcionar uma integração da missão na comunidade, contribuindo para a geração de um pensamento articulado, que busque caminhos viáveis para sua execução ser bem-sucedida.

---

<sup>185</sup> DAp, 151.

<sup>186</sup> DAp, 164.

<sup>187</sup> DAp, 168.

Dentro dessa proposta de missão em nível diocesano, a missão deve começar por aquele que dirige a Diocese, ou seja, o bispo diocesano, ou seu administrador, pois ele, além de ser o símbolo da unidade diocesana, é também o responsável pelo desenvolvimento de ações pastorais que visem dar motivação e empenho missionário. Segundo essa linha de raciocínio, é correto afirmar que:

A Diocese, presidida pelo Bispo, é o primeiro espaço da comunhão e da missão. Ele deve estimular e conduzir uma ação pastoral orgânica e vigorosa, de maneira que a variedade de carismas, ministérios, serviços e organizações se orientem em um mesmo projeto missionário para comunicar vida no próprio território<sup>188</sup>.

A dimensão missionária precisa ter um início. Esse começo deve ser feito por aquele que deseja que a Boa-Nova de Jesus Cristo chegue ao maior número de pessoas e locais onde existem a necessidade de uma ação pastoral que vise proporcionar uma aproximação da Igreja com seus fiéis. A missão é uma forma de realizar esse projeto, pois envolve várias pessoas no cerne da ação missionária, fazendo que tomem consciência de sua responsabilidade e importância de participação para com a construção do Reino de Deus.

Jesus, em sua caminhada missionária, necessitou de pessoas para que viessem trabalhar em sua colheita, mesmo sendo poucos os operários<sup>189</sup>. Assim, todos são convidados a tornarem-se missionários, em prol da causa do Reino de Deus. Esse trabalho ao qual o Senhor chama deve ser feito com bastante doação, pois os frutos são entendidos como uma gratificação pelo trabalho realizado. Os operários por excelência da colheita são os fiéis leigos.

A Igreja necessita de sua mão de obra para que o trabalho missionário venha ser desenvolvido de forma satisfatória, uma vez que é contingente importante para a missão, além de estar em todos os setores da sociedade, o que proporciona possibilidades mais concretas de ação missionária. Sendo protagonistas da missão:

[...] os leigos se sintam co-responsáveis na formação dos discípulos e na missão. Isto supõe que os párocos sejam promotores e animadores da diversidade missionária e que dediquem tempo generosamente ao sacramento da reconciliação<sup>190</sup>.

---

<sup>188</sup> DAp, 169.

<sup>189</sup> cf. Lc 10, 2.

<sup>190</sup> DAp, 202.

A responsabilidade que cada leigo tem com relação à missão é algo inerente a sua condição cristã. Pelo Batismo são convidados a serem também anunciadores de Jesus Cristo e do Reino dos Céus para todos os que desejam ardentemente conhecer o Senhor.

Essa possibilidade interação entre o bispo diocesano e os leigos na efetivação de um plano diocesano de missão deve ser algo a ser bastante motivado, pois essa integração serve como meio pelo qual as ações missionárias sejam pensadas de forma estratégica, procurando conhecer a realidade de cada comunidade e assim desenvolver um plano que contemple a demanda da realidade local.

Seguindo esse pensamento de ação articulado, é importante que haja uma conexão de todos os envolvidos, pois “A integração de todos eles na unidade de um único projeto evangelizador são essenciais para assegurar uma comunhão missionária”<sup>191</sup>. Todos os batizados e os que confessam crer devem, portanto, aderir a essa proposta de buscar atuar em prol da missão e de seu êxito. Os leigos, assim, devem por sua vocação a qual foram chamados pelo Batismo serem contribuintes ativos dessa proposta missionária.

Não é à toa que a Igreja reconhece a potencialidade e o valor do leigo, pela sua dedicação e o seu serviço. Eles, que sendo pessoas que atuam nos diversos setores da sociedade, devem se dispor a serem esse canal de alcance e aplicação da dimensão missionária. Assim pode-se afirmar que “Sua missão própria [...] com seu testemunho e sua atividade, eles contribuam para a transformação das realidades [...]”<sup>192</sup>.

O serviço prestado pelos leigos à Igreja é algo que não se pode negar, pois eles são ferramentas fundamentais dentro da dimensão missionária. Com os dons que o Senhor confere a cada um, podem de forma aplicada fazer a diferença, ajudando com muita valia a missão. O ardor missionário é algo que não pode deixar de ser mencionado, pois para se fazer missão deve-se ter uma disposição que combinada com uma espiritualidade encarnada, centrada no contexto de vida da comunidade, pode ser bastante útil ao processo.

A missão também deve agir dentro de uma ótica que contemple dimensão de Jesus como o centro da vida missionária, aquele que dá a vida e a vida em

---

<sup>191</sup> DAp, 202.

<sup>192</sup> DAp, 210.

abundância<sup>193</sup>. Por esse motivo, deve-se ter em mente que a ação missionária é uma obra que se estende a todos, não somente aos que confessam a fé católica, mas para todos que conhecendo Jesus Cristo queiram agir de boa vontade.

Por essa razão, é preciso também olhar com bons olhos a possibilidade de trabalho conjunto com irmãos de outras igrejas, pois a ação missionária não está condicionada a uma só denominação, mas a todas as que de coração procuram a Deus de coração sincero<sup>194</sup>. Dentro dessa ótica, a Igreja não pode fechar-se em si, mas deve unir forças para que a missão evangelizadora seja o marco referencial e norteador de todo o processo.

Nesta nova etapa evangelizadora, queremos que o diálogo e a cooperação ecumênica se encaminhem para despertar novas formas de discipulado e missão em comunhão. Cabe observar que onde se estabelece o diálogo, diminui o proselitismo, cresce o conhecimento recíproco e o respeito e se abrem possibilidades de testemunho comum<sup>195</sup>.

Jesus é o centro e a base de todo o Ecumenismo cristão. Ele mesmo dá o exemplo de que a missão não se restringia somente aos que o seguiam<sup>196</sup>. Em sua pessoa, a ação evangelizadora não deve ser obstruída por pensamentos sectários, ou seja, de achar que a proclamação do Evangelho é propriedade de uma só instituição religiosa. Jesus vê à frente de seu tempo e reconhece que o anúncio do Reino de Deus tem sua importância, estando acima de interesses de grupos religiosos.

Os discípulos que se põem à missão de evangelizar devem ter esse espírito de aprender e ensinar, na medida em que estão em relação dentro da própria vivência missionária. Para isso é preciso que se tenha uma boa formação para poder entender que a missão pode ser vivida numa situação de complementaridade, de intercâmbio entre os agentes.

Todos são convidados a viver essa situação de intercâmbio, tendo sempre o desejo de aprender, ensinar, conviver e evangelizar, sempre dentro da inter-relação: “A Missão: O discípulo [...] ser enviado, de ir ao mundo para anunciar [...] A missão é

---

<sup>193</sup> cf. Jo 10, 10.

<sup>194</sup> cf. Jo 12, 21.

<sup>195</sup> DAp, 233.

<sup>196</sup> Lc 9, 49 - 50.

inseparável do discipulado, o qual não deve ser entendido como uma etapa posterior à formação”<sup>197</sup>.

Dentro dessa proposta de missão em que se aprende com a relação do outro, é preciso ter em mente que o foco principal é ter sempre Jesus como exemplo e modelo de missionário. Observando suas ações, palavras e gestos que realiza quando estava em contato com as pessoas, tem-se a forma mais plena de evangelizar, fazer missão e servir a comunidade.

Essas características devem fazer parte de um plano missionário que tenha como objetivo conferir um “projeto orgânico de formação[...]”<sup>198</sup>, em que as pessoas que abraçam a missão em sua vida possam realmente ter meios e métodos de como agir dentro de um plano de ação missionário.

Essa característica não pode ficar somente na dimensão das formações oferecidas pelas paróquias, ou ainda nos encontros diocesanos de formação. Deve-se ter em mente que a formação não se limita só a isso. A missão é algo que deve ser estudado e alimentado no dia a dia em que o missionário se coloca em um estado de “missão cotidiana”<sup>199</sup>, sempre buscando compreender mais sobre a atividade missionária e as formas variadas de fazer missão.

Essas ações devem ter como meta atingir um público variado, principalmente os públicos das grandes cidades, que vivem grandes diversidades culturais, sociais e religiosas (as formas como vivem e entendem a religião). Diante disso, meditar a Palavra contida na Sagrada Escritura, ter conhecimento de aspectos sociais, geográficos e culturais são mecanismos que ajudam no processo de atuação que visa atingir a condição de vida das pessoas por meio da Palavra e da ação missionária.

Estas táticas de missão são bastante necessárias e úteis no dia de hoje, principalmente quando se vive numa sociedade plural, onde existem grandes variedades e “transformações sociais e culturais representam naturalmente novos desafios para a Igreja em sua missão de construir o Reino de Deus”.<sup>200</sup> Por esse motivo é que os missionários devem ter uma boa formação básica que possa ser bastante útil no momento em que se encontram em ação nas comunidades.

---

<sup>197</sup> DAp, 278c.

<sup>198</sup> DAp, 281.

<sup>199</sup> DAp, 284.

<sup>200</sup> DAp, 367.

A Igreja reconhece essa peculiaridade da questão do agir missionário, em que demonstra a sua atenção e recomenda que os missionários têm feito muitos esforços para poder expandir as possibilidades de ação missionária entre os povos. Sempre tendo o ardor de poder buscar o melhor para ser aplicado no tocante ao desenvolvimento da missão, não somente em sua comunidade, mas em toda e qualquer região que necessite da presença missionária e anúncio de Jesus Cristo.

Sua Santidade Bento XVI confirmou que a missão ad gentes se abre a novas dimensões: “O campo da Missão ad gentes tem se ampliado notavelmente e não se pode defini-lo baseando-se só em considerações geográficas ou jurídicas. Na verdade, os verdadeiros destinatários da atividade missionária do povo de Deus não são só os povos não cristãos e das terras distantes, mas também nos campos socioculturais e, sobretudo, os corações”<sup>201</sup>.

A missão só pode ter uma aplicação a vida se ela souber se inserir no contexto de vida das pessoas. O missionário não pode sair fazendo uma missão com discurso desencarnado da vida do fiel ou da comunidade. Antes, ela deve adentrar a mente e os corações das pessoas para que partindo dessa condição se tenha uma melhor compreensão e por seguinte adesão das pessoas que estão recebendo a missão em suas vidas. Não é necessário que a missão seja feita fora de sua localidade, paróquia, diocese ou país. Ela deve começar e ser realizada no chão onde se está inserido.

O pressuposto principal da missão não é fazer julgamento das pessoas e da vida em que estão inseridas. A mensagem principal da missão é anunciar o amor de Deus para com a humanidade, mostrando que Deus é amor<sup>202</sup> e que esse amor é revelado no seu filho Jesus Cristo<sup>203</sup>, o qual deu sua vida para redenção humana. Deste modo, deve-se atingir a toda existência humana, dando vida e significado: “A missão [...] tem uma destinação universal [...] caridade alcança todas as dimensões da existência”<sup>204</sup>.

A missão deve também ser o anúncio da caridade divina para com o ser humano. Esse é um aspecto primordial nação missionária, pois o povo sofrido e pouco instruído deve ouvir sermões que lhe chamem atenção fazendo refletir sobre seu estado ou condição de vida. Contudo, a evangelização que mostra um Deus que

---

<sup>201</sup> DAp, 375.

<sup>202</sup> cf. 1 Jo 4, 8.

<sup>203</sup> cf. 1 Jo 4, 9.

<sup>204</sup> DAp, 380.

é misericórdia e chama para a conversão, tem mais eficiência do que um sermão moralista e legalista.

A Igreja deve fazer com que Jesus seja o centro de toda a sua ação missionária. Deve comunicar a verdade sobre a vinda de Jesus para salvar a todas as pessoas, de forma que seja a missão principal de sua existência, que é fazer com que as pessoas conheçam Jesus, conhecendo-possam segui-lo em sua vida, “A Igreja tem como missão própria e específica comunicar a vida de Jesus Cristo a todas as pessoas [...]”<sup>205</sup>.

Com isso, deve-se salientar que a construção da missão é uma busca que faz tendo como base a fidelidade a Jesus e ao seu projeto de vida. Com isso, os missionários ao proclamarem Jesus como a verdade que o ser humano deve acolher em sua vida:

Nossa fidelidade ao Evangelho, exige que proclamemos a verdade sobre o ser humano e sobre a dignidade de toda pessoa humana em todos os espaços públicos e privados do mundo de hoje e a partir de todas as instâncias da vida e da missão da Igreja<sup>206</sup>.

A missão deve ser fiel a sua causa. Não pode ser feita de forma a proclamar aquilo que não é o seu caráter. Por isso, tem que ser feita sempre nessa perspectiva de busca e de encontro, conduzindo as pessoas a Jesus. Nele está a centralidade da ação missionária, devendo ser anunciado em todos os lugares sociais em que as pessoas possam acolher essa Boa-Nova.

Mais uma vez na condição de ser a célula da sociedade, a família é um dos locais sociais mais privilegiados para realizar essa missão, pois é nela onde se aprende os primeiros passos e também a descoberta e a vivência da fé devendo nesse caso ser a matriz social da fé: “A família assuma seu ser e sua missão no âmbito da sociedade e da Igreja”<sup>207</sup>.

A missão deve ainda ser uma forma de inserir métodos que viabilizem o processo de educação da fé em que se possa conferir uma boa base da formação:

“f) Estudar e considerar as pedagogias adequadas para a educação na fé das crianças, especialmente em tudo aquilo relacionado à iniciação cristã, privilegiando o momento da primeira comunhão”<sup>208</sup>.

---

<sup>205</sup> DAp, 386.

<sup>206</sup> DAp, 390.

<sup>207</sup> DAp, 432.

<sup>208</sup> DAp, 441.

A missão ainda tem essa característica de ser uma forma de demonstrar, além da pessoa de Jesus, uma oportunidade de aprofundar um pouco alguns aspectos da fé cristã, tendo como intuito fazer com que as pessoas que ainda não são iniciadas nos sacramentos tenham a possibilidade de conhecer as formas pelas quais podem receber esses sacramentos para a vida, com destaque para a Primeira Eucaristia.

Essa formação e amadurecimento na fé da vida cristã deve permear toda a família. Deste modo, os pais são responsáveis pela educação da fé dos seus filhos. Em casos não raros, esse papel é assumido pelas mães, em que os pais muitas vezes se eximem de exercer ou ajudar nesse processo. O documento de Aparecida, coloca que:

Enquanto batizado, o homem deve se sentir enviado pela Igreja a todos os campos de atividade que constituem sua vocação e missão dando testemunho como discípulo e missionário de Jesus Cristo na família. No entanto, em não poucos casos, desafortunadamente, termina renunciando a esta responsabilidade e delegando-a às mulheres ou esposas<sup>209</sup>.

A educação se constitui numa das bases da sociedade, pois sem ela a sociedade não pode funcionar corretamente. A educação da fé tem a mesma valia para a vida eclesial. Por essa razão, é preciso que a Igreja exerça também a sua condição de mestra que ensina a viver nos caminhos do Senhor. Dentro desse aspecto, deve investir em modalidades e meios de inserção nos locais onde é trabalhada a formação intelectual e superior.

As universidades são um exemplo bastante claro de como a Igreja pode assumir essa missão, colaborando para com o desenvolvimento do pensamento, da cultura e da educação. Por isso deve se inserir nesses ambientes para ter ciência e participação dos debates que movem a dimensão da comunidade acadêmica.

d) Desenvolver nas universidades católicas, à luz da antropologia e da moral cristã, a pesquisa e a reflexão necessárias que permitam conhecer a situação atual do mundo dos homens, das consequências do impacto dos atuais modelos culturais em sua identidade e missão, e pistas que possam colaborar no projeto de orientações pastorais a respeito<sup>210</sup>.

---

<sup>209</sup> DAp, 460.

<sup>210</sup> DAp, 463d.



A Igreja historicamente sempre foi um centro de formação intelectual das pessoas desde os tempos dos primeiros padres. Assim, ela não pode deixar de lado essa característica que sempre lhe foi peculiar. Os missionários devem inserir-se bem nesse caminho do mundo acadêmico, pois podem contribuir de forma participativa dentro dos moldes da discussão da cultura e do saber. Deste modo, ajudam no processo de inserção da Igreja nos debates das universidades.

Outra coisa que pode ser feita é justamente uma abertura maior para a atividade leiga no cerne da Igreja, local em que se pode abrir as possibilidades de uma ação mais voltada para a vida e contextos sociais. Assim as pastorais devem abrir mão de sua centralidade e dar-se a dimensão missionária que exerce em sua paróquia: “n) Uma descentralização dos serviços eclesiais de modo que sejam muito mais os agentes de pastoral que se integrem a esta missão, levando em consideração as categorias profissionais”<sup>211</sup>.

A vida missionária deve ter uma consciência aberta para a questão da dimensão da solidariedade que se faz urgente em nossa sociedade. Muitas são as pessoas que se encontram desprovidas de bens materiais, vivendo em uma situação de grande penúria. Assim, os missionários devem ter uma opção de evangelização preferencial pelos pobres e excluídos da sociedade, lembrando-os que Deus não se esqueceu de seus filhos, mas está sempre presente mediante as dificuldades.

Conscientes de que a missão evangelizadora não pode seguir separada da solidariedade com os pobres e sua promoção integral, e sabendo que existem comunidades eclesiais que carecem dos meios necessários, é imperativo ajudá-las, imitando as primeiras comunidades cristãs, para que, de verdade, se sintam amadas<sup>212</sup>.

Estar ao lado dos pobres é uma das características dos missionários, pois devem ser intrépidos na questão do compromisso com a justiça<sup>213</sup>. Isso se faz urgentemente numa sociedade como a nossa em que a falta de justiça aos mais pobres é visto como algo banal e rotineiro.

Por isso se deve trabalhar para que Jesus seja conhecido e seguido em seu exemplo e em sua justiça. Esse encontro só pode acontecer na medida em que as pessoas se deixem encontrar por ele e o encontrando, se deixem ser preenchidas por ele em sua vida. Assim a missão e o encontro com Jesus ganham sabor e

---

<sup>211</sup> DAp, 518n.

<sup>212</sup> DAp, 545.

<sup>213</sup> Mt 6, 33.

sentido: “comunicar e compartilhar o dom do encontro com Cristo, que tem preenchido nossas vidas de sentido” [...]”<sup>214</sup>.

Por essa razão, a missão evangelizadora deve ter algo que tenha o poder da vibração, que demonstre a vida. Mostrado aos pobres oprimidos que Jesus os ama e que eles são os preferidos no anúncio evangélico que visa libertar as pessoas das cadeias e injustiças sociais as quais se encontram.

[...] uma missão evangelizadora que convoque todas as forças vivas [...] Os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho e um Bispo, modelado segundo a imagem do Bom Pastor, deve estar particularmente atento para oferecer o divino bálsamo da fé, sem descuidar do pão material<sup>215</sup>.

A missão se configura justamente nessa situação: reanimar a fé e a vida das pessoas excluídas, sem perspectivas de vida, dando nova vida e sentido. De que a vida deve ser vivida em prol da luta e da melhoria. A fé nesse caso entra como um elemento central na questão da motivação. Por ela as pessoas podem resistir e ver sentido numa vida sofrida, porém com a presença de Deus. Por essa razão nossas Igrejas e missionários devem se empenhar em denunciar a injustiça social, na qual vive o povo e ao mesmo tempo animar a fé em Deus por meio de seu filho redentor do mundo, Jesus Cristo, o qual por meio de sacrifício na cruz redimiu a todo o gênero humano.

### **3.5. AS SANTAS MISSÕES POPULARES COMO PROPOSTA MISSIONÁRIA**

As Santas Missões Populares são um projeto evangelizador que tem como foco uma proposta de evangelização popular realizado pela Igreja Católica, junto as pessoas que moram afastadas do centro urbano, local onde existe muitas necessidades estruturais e eclesiais.

Mas realmente o que vem a ser as Santas Missões Populares e como elas agem? Para responder a essa pergunta, é preciso que se tenha um conhecimento da gênese dessa proposta evangelizadora, como dos objetivos que ela tem em suas causas. Na opinião de Luís Mosconi, as Santas Missões começaram:

[...] no ano de 1990, entre alguns agentes pastorais e lideranças das CEBs. Foi na casa de um lavrador pobre, um apaixonado pelo

---

<sup>214</sup> DAp, 548.

<sup>215</sup> DAp, 550.

evangelho de Jesus, no sul do Pará, região sofrida e violentada pela ganância de um latifúndio selvagem. Estávamos ali reunidos, conversando sobre coisas da vida, sobre as notícias que iam acontecendo, sobre problemas, dificuldades e desafios que víamos pela frente. Nossos trabalhos pastorais, apesar de tanta dedicação, não conseguiam chegar às massas dos católicos afastados, sobretudo nas periferias das grandes cidades<sup>216</sup>.

As Comunidades Eclesiais de Base tiveram sua origem não dentro da sacristia da Igreja, mas na casa simples de um trabalhador, tendo como fundadores pessoas que estavam pensando na vida e sobre as dificuldades que encontravam com a questão da vivência eclesial nas comunidades que ficavam desassistidas.

Pensava-se, também, nas motivações para poder continuar a caminhada. Assim, se pode dizer que elas nascem do anseio de pessoas que desejam levar o evangelho para outras pessoas que se encontram fora da geografia da cidade urbana, buscando conferir uma assistência pastoral a estas pessoas.

As Santas Missões Populares, para serem realizadas dentro de uma ótica pastoral, necessitam de esclarecimento com relação a sua identidade e sua práxis. Diante disso, Mosconi coloca algumas definições do que não são as Santas Missões Populares, onde elenca 15 itens, buscando evitar alguns mal-entendidos com relação ao que seja as Santas Missões Populares<sup>217</sup>.

Pode-se destacar pelo menos três pontos dos quais se observa que são interessantes do ponto de vista da ação das Santas Missões Populares: “[...] não são em primeiro lugar, uma nova técnica pastoral para atrair massas”<sup>218</sup>. Essa colocação alude que as Santas Missões não têm por objetivo a questão do proselitismo, ou seja, buscar angariar pessoas por meio de propagandas. Esse tipo de objetivo não está dentro do cerne, nem da práxis das Santas Missões Populares.

Outro aspecto que não pode ser identificado com as Santas Missões Populares é que "não são um movimento à parte, em conflito com a caminhada da Igreja local ou ignorando as outras pastorais"<sup>219</sup>. Essa é outra situação em que as Santas Missões não podem ser confundidas. Elas existem para dar uma ajuda a Instituição eclesial local e não para fazer concorrência com esta. Deste modo, as Santas Missões podem trabalhar de maneira orgânica junto com as pastorais da Igreja.

---

<sup>216</sup> MOSCONI, 2005, p. 17-18.

<sup>217</sup> MOSCONI, 2005, p. 22 - 23.

<sup>218</sup> MOSCONI, 2005, p.22.

<sup>219</sup> MOSCONI, 2005, p.23.

Uma terceira análise que deve ser feita do que não vem a ser as Santas Missões é de elas “[...] não são a solução mágica de todos os problemas pastorais e sociais do lugar onde elas acontecem”.<sup>220</sup> As Santas Missões são uma forma de reerguer o ânimo da comunidade onde elas acontecem. Os problemas da comunidade devem ser levantados refletidos e resolvidos não só pela comunidade em missão, mas todas as esferas da sociedade civil organizada. As Santas Missões servem como um fator animador e despertador para esses problemas e a busca de resolução destes.

As Santas Missões, nesse sentido, devem evitar que esses equívocos sejam cometidos com relação a sua aplicação, em que os missionários devem estar atentos ao que é realmente essencial dentro da proposta missionária que o movimento defende. Então para se realizar as Santas Missões de modo correto se faz necessário saber o que realmente vem a ser as Santas Missões Populares.

Para se entender melhor o que vem a ser Santas Missões Populares, o missionário deve conhecer o que elas são realmente. Conhecendo o que realmente são as Santas Missões pode-se fazer um programa de como agir em sua causa e realização.

Mais uma vez se tem a opinião de Luís Mosconi sobre o que vem a ser as Santas Missões Populares e como devem ser realizadas<sup>221</sup>. É importante saber neste ponto o que são as Santas Missões para poder organizar as ações que devem ser feitas, a fim de que se possa desenvolver um trabalho missionário conhecendo bem a sua linha de ação e desenvolvimento.

Novamente se aprofundará três pontos essenciais do que venham a ser as Santas Missões Populares, no âmbito da sua atividade. As Santas Missões são: “um tempo especial de evangelização intensiva e extensiva com iniciativas e prazos marcados [...]”<sup>222</sup>. Essa afirmação mostra que as Santas Missões se configuram num projeto que deve ter seu tempo de nucleação, formação e ação e posteriormente a avaliação do que foi vivido desse período.

Outra forma com que se pode afirmar o que são realmente as Santas Missões Populares é que “são uma experiência profunda, existencial, envolvente,

---

<sup>220</sup> MOSCONI, 2005, p. 23.

<sup>221</sup> MOSCONI, 2005, p. 25 - 26.

<sup>222</sup> MOSCONI, 2005, p.25.

com o Deus da vida e da liberdade [...]”<sup>223</sup>. Essa condição de viver a dimensão existencial da vida humana se configura num dos grandes desafios para as Santas Missões Populares e para Igreja, principalmente numa sociedade em que a vivência da amizade, da afetividade e do senso de liberdade não raro é deturpada. As Santas Missões, assim, devem ser instrumento de resgate dos valores humanos e da ligação com a fé no Deus da vida que nos amou mais de tal maneira que enviou o seu filho para nos salvar<sup>224</sup>.

O terceiro ponto que se destaca do que vem a ser as Santas Missões Populares é que elas “são um tempo especial de profecia e abraços [...]”<sup>225</sup>. As Santas Missões assim devem ser entendidas não somente como tempos de festas, mas, principalmente, como um período propício para se fazer a profecia como uma identidade cristã viva, forte e atuante. A sociedade nos dias atuais anda bastante acomodada e conivente com os vários escândalos que vêm acontecendo, principalmente com relação à vivência política.

Assim é preciso que as Santas Missões Populares sejam um despertar da fé e do seu compromisso com a vida e das necessidades da comunidade Tendo por objetivo buscar o Reino de Deus anunciado por Jesus Cristo e o cumprimento de sua justiça. Essas três características soam como um indicativo do que vem a ser as Santas Missões Populares e sua ação no centro da comunidade.

O compromisso com a vida perpassa o processo de defesa da dignidade humana, “a missão cristã objetiva, [...], fermentar o processo de humanização da história com a significação da Boa-Notícia anunciada por Jesus Cristo”<sup>226</sup>. A colocação tem validade. A ação humanizada torna-se crucial.

Outro aspecto que não pode deixar de ser mencionado aqui é a dimensão da espiritualidade que permeia aos missionários que se encontram realizando as Santas Missões Populares. Sabe-se que a espiritualidade é uma condição de todo o cristão, pois o próprio mestre de Nazaré sempre manteve uma espiritualidade orante em momentos decisivos de sua missão<sup>227</sup>. Assim, deve-se entender que todo o missionário deve fazer sua missão dentro de uma ótica mística, estando em comunhão com o Senhor e com a comunidade.

---

<sup>223</sup> MOSCONI, 2005, p. 25.

<sup>224</sup> cf. Jo 3, 16.

<sup>225</sup> MOSCONI, 2005, p. 25

<sup>226</sup> DE LIMA, 2005, p. 142.

<sup>227</sup> cf. Lc 3, 21 - 22.

Dentre das diversas posições apresentadas três são essenciais para o caminhar da mística do missionário cristão, em que se pode destacar que deve ser “Uma pessoa a caminho. O místico faz da vida uma caminhada. Não se acha perfeito, está a caminho da perfeição”<sup>228</sup>.

A mística do cristão deve ser uma mística da simplicidade. Onde se encontra a simplicidade não pode haver espaço para arrogância, assim o missionário deve ter em mente que ele não é perfeito, que pode e deve melhorar a cada dia sua condição de pessoa humana em vários aspectos. Tendo essa consciência pode perceber também a fragilidade presente no outro e assim ter em mente que também dar o melhor de si para poder no dia a dia ser uma pessoa sempre em estado de busca de seu caminho.

Uma segunda situação que deve estar presente na vida mística do missionário é “ser uma pessoa com consciência crítica militante. Não fica em cima do muro por medo ou covardia”<sup>229</sup>. Missionário cristão deve ser uma pessoa autêntica, que conhece o seu perfil e o mundo que a rodeia. Deste modo, teve ter uma visão ampla e analítica do que acontece na sociedade como um todo. Não procura ser massa de manobra, mas vê a situação com os olhos da crítica e da fé, tendo como base Jesus que também viveu e questionou alguns costumes da sociedade de seu tempo<sup>230</sup>.

Jesus em sua vida sempre encontrou pessoas que estavam sob o jugo da Lei, pessoas que muitas vezes eram discriminadas e excluídas da convivência social devido às suas enfermidades<sup>231</sup>, pela sua naturalidade<sup>232</sup> e, por seu ponto de vista da fé e da compreensão da religião<sup>233</sup>. Jesus teve que ter uma visão crítica sobre a Lei e a convivência com os homens e mulheres de seu tempo e perceber que as relações com as pessoas as quais se encontrava tinha de ser motivo de comunhão, não de separação.

Por último, a característica mística do missionário deve ser uma postura que “sabe combinar ternura, indignação, ética e solidariedade; e sabe unir sua indignação aos outros para deslanchar práticas libertadoras”<sup>234</sup>. Em outras palavras,

---

<sup>228</sup> MOSCONI, 2005, p.237.

<sup>229</sup> MOSCONI, 2005, p.237.

<sup>230</sup>cf. Lc 14,2-6.

<sup>231</sup>cf. Lv 13,1 - 7.

<sup>232</sup>cf. Mc 7, 24 - 30.

<sup>233</sup>cf. Jo 4, 5-10.

<sup>234</sup> MOSCONI, 2012. p. 239.

o missionário deve ser uma pessoa apática, antes deve ter um espírito que busque promover a solidariedade e o inconformismo com certas práticas da sociedade, em especial as que dizem respeito as esferas da política e da justiça, as quais nos dias atuais estão se desviando do zelo de suas atribuições, cooperando direta e indiretamente com a prática da injustiça.

O missionário cristão, assim, deve ter uma postura de ser uma pessoa comprometida com a causa e a libertação dos pobres e dos oprimidos<sup>235</sup>, sendo um verdadeiro instrumento que lute pela causa da justiça, não estando conformado com os vários tipos de violência a qual a população está sendo atingida, que vão desde a violência física até a violência do descaso.

A exemplo de Jesus, os missionários devem trabalhar numa perspectiva de missão que esteja além de ações convencionais. Devem ser criativos, ousados, entusiasmados, devem ter força e vontade de ver o Reino de Deus ser proclamado. Esse entusiasmo, claro, deve seguir todos os passos da formação e da mística para que sejam, de fato, aplicados no cotidiano da missão, que é vivido no dia a dia no encontro e na vivência com as variadas pessoas que se pode encontrar no caminho. Agindo assim com certeza vai se estar dando o máximo de si para que a ação missionária deixe frutos positivos e que possam render até cem por um<sup>236</sup>.

### **3. 6. A EXPERIÊNCIA MISSIONÁRIA NA DIOCESE DE MOSSORÓ 2005 – 2008**

As Santas Missões Populares se constituíram num movimento de reanimação na pastoral da diocese de Mossoró-RN, em que na pessoa de seu Bispo Diocesano Dom Mariano Manzana acolheu com bons olhos esse projeto, que foi vivido e aplicado especialmente durante um período de quadriênio (2005 – 2008), em que as pastorais, os movimentos e todas as células da Diocese colocaram-se a serviço, planejamento, vivência e execução das Santas Missões Populares.

“A Igreja existe pela inserção na história com essa fé orientada pelo Espírito Santo. [...] compreendemos que uma criteriológica missiológica se compõe formalmente de cinco elementos: critérios relativos aos fundamentos da missão, ao conteúdo da missão, aos objetivos da missão e, [...], ao método adotado na concretização da missão”<sup>237</sup>.

<sup>235</sup> Lc 4,18.

<sup>236</sup> cf. Mc 4, 20.

<sup>237</sup> DE LIMA, 2005, p. 109.

Para que esse objetivo fosse alcançado foi preciso que no decorrer dos planos de ação pastorais fossem organizados de modo a facilitar a articulação e de melhorar as propostas de evangelização, dentro de uma óptica prática, exercendo bem a dimensão da execução e avaliação do período missionário.

### **3.6.1. AS SANTAS MISSÕES POPULARES EM MOSSORÓ**

A Diocese de Santa Luzia de Mossoró acolheu nova proposta das Santas Missões Populares apresentada pelo Pe. Luís Mosconi. O primeiro contato foi em vista de conhecer melhor o vasto território, o grande número populacional, a quantidade e distância das paróquias e das diversas comunidades foram um grande desafio para se estruturar a ação missionária integral.

Um dos meios encontrados foi realizar retiro diocesano com representantes de todas as paróquias e comunidades. Assim aconteceu no ano de 2015 o primeiro grande Retiro Diocesano das SMP. Reuniu aproximadamente mil participantes entre leigos (as), religiosos (as), padres e bispo. Após esta realização cada paróquia teve um intervalo de quatro meses para concretizar o Retiro Paroquial das SMP. E de maneira continuada foram se realizando os retiros diocesanos seguidos das paróquias.

Com este método de ação missionária, pode-se afirmar que o processo de missão pode ser bem aplicado quando se tem a luz do que fez Jesus enquanto caminhou e evangelizou, como um foco do qual não se pode deixar de se inspirar para agir em prol do evangelho. Ele é e sempre será o motivo central da missão do que os anunciam.

A missão principal da formação é ajudar os membros da Igreja a se encontrar sempre com Cristo, e assim reconhecer, acolher, interiorizar e desenvolver a experiência e os valores que constituem a própria identidade e missão cristã no mundo. Por isso, a formação obedece a um processo integral, ou seja, que compreende várias dimensões, todas harmonizadas entre si em unidade vital. Na base destas dimensões está a força do anúncio kerygmático<sup>238</sup>.

---

<sup>238</sup> DAp, 279.



A identidade do missionário deve ser a mesma que Jesus demonstrou em sua vida. Sempre buscou as ovelhas perdidas da casa de Israel<sup>239</sup>. Deve reconhecer que ação missionária não pode ser feita sem que se tenha um mínimo de formação para poder ser efetivada na prática. E, além disso, deve entender todas as circunstâncias da vida das pessoas para poder ter sempre uma palavra de motivação, uma palavra amiga, que venha a consolar as dores das pessoas.

A cada retiro trabalham-se temáticas pertinentes a missão. Trabalharam-se as Santas Missões Populares, as suas proposições e orientações práticas para a realização das semanas missionárias. Quase um ano e meio depois teve início as semanas missionárias. Uma em cada paróquia de modo que no intervalo de aproximadamente três anos todas as paróquias e comunidades estivessem vivenciado a sua semana missionária.

Uma das coisas que sempre motivou a caminhada evangelizadora de Jesus foi a oração. A sua mística, com certeza, ajudou de fato na vida missionária, principalmente nos momentos da missão em que muitos até chegaram a deixar de segui-lo<sup>240</sup>. Contudo, isso não desanimou e ele continuou sua missão com os que abraçaram a fé em sua pessoa e em seu seguimento. Seguir Jesus com certeza é uma das melhores escolhas que o ser humano pode fazer em sua vida.

Entretanto, pode-se perguntar: o que é mística? Como se pode viver a mística no âmbito da missão? Ela realmente é necessária para o caminho e o desenvolvimento da missão? Responder a essas indagações se configura num ponto crucial para que se tenha realmente uma visão correta de como a mística pode ajudar no processo de desenvolvimento da missão.

Mística vem de mistério, significa algo escondido que não aparece, mas é real e existente. “Mistério” surgiu no ambiente militar da antiguidade. Indicava um plano de batalha, guardado em segredo, acessível somente a alguns chefes militares, para torná-lo visível e o operativo na hora marcada [...]. pouco a pouco, a palavra mistério foi entrando em outros aspectos da vida, inclusive no mundo religioso<sup>241</sup>.

A mística em sua essência vem do plano de ação que deveria ser feito de forma sigilosa, com o objetivo de ser melhor aplicado na hora certa. Com o passar do tempo essa ideia de segredo que envolvia a palavra começou a ser aplicada no

---

<sup>239</sup> cf. Mt 10, 6.

<sup>240</sup> cf. Jo 6, 66.

<sup>241</sup> MOSCONI, 2012, p. 212.

ambiente religioso, dando um ar de espiritualidade dentro do contexto contemplativo para se ver com os olhos da fé.

Essa palavra mística não rara foi usada por Jesus, o qual dava-lhe os seguintes adjetivos de Reino de Deus, Plano de Deus, tendo como sempre uma função dupla: tanto revelar como testemunha esse mistério que agia em sua vida e na vida das pessoas com quem ele se encontrava<sup>242</sup>. Esse encontro fazia com que as pessoas o vissem de forma diferente, mudando a vida e percepções de muitas coisas do que pensavam sobre a vida.

O apóstolo Paulo é outro exemplo de pessoa que na Bíblia tem um encantamento pela palavra mística, o qual entendia como mistério de Deus. E usa esse termo durante suas palavras contidas nas encíclicas que enviava para as comunidades nas quais realizava sua missão.

O ponto central do mistério no seu entendimento era Jesus Cristo como sendo o ponto de reconciliação entre Deus e toda a humanidade<sup>243</sup>. A mística não pode estar dissociada da vida e da ação missionária do cristão. Antes, ela deve um componente de seu ser, sendo mantida e vivenciada no cotidiano, principalmente nos momentos mais fortes da luta e da caminhada.

A comunidade cristã e cada cristão são guiados pelo Espírito para que procurem e entrem em diálogo com os homens, as mulheres, as famílias, a fim de continuar a obra que ele realiza [...].  
O modo de ser e de agir da comunidade cristã e do cristão deve, por isso, modelar-se segundo as exigências e o estilo do diálogo e do anúncio que exigem: conversão e adesão ao Evangelho [...]<sup>244</sup>.

A mística não deve ser uma fuga do mundo real ou da missão que deve ser realizada. Antes ela deve fazer nutrir o estímulo e fé do missionário, fazendo perceber a presença de Deus<sup>245</sup>. Assim, pode-se afirmar que ela é algo bastante necessário para o caminhar da missão e da mística do cristão.

Diante das condições percebidas com relação à mística da missão nas pessoas de Jesus Cristo e de Paulo apóstolo, a pergunta que se faz nesse momento é: como deve ser a mística do cristão nos dias de hoje? O Pe. Luís Mosconi

---

<sup>242</sup> cf. MOSCONI, 2012, p. 212.

<sup>243</sup> cf. MOSCONI, 2012, p. 213.

<sup>244</sup> CPMGJ, p. 41.

<sup>245</sup> cf. 1Rs 19, 4 - 8; 9 - 13.

responde a essa questão em que ele nos dá vinte aspectos sobre a mística do discípulo, missionário de Jesus Cristo<sup>246</sup>.

As semanas missionárias desenvolveram uma rede de ação em todas as paróquias e comunidades. O foco principal foi visitar todas as casas e celebrar em todas as comunidades sempre no início da manhã e a noite, seja na igreja, nas ruas ou nas casas. As diversas instituições foram visitas: escolas, os diversos prédios públicos como sedes do Poder Executivo (Prefeituras), do Poder Legislativo (Câmara dos Vereadores) e do Judiciário (Tribunais, delegacias e prisões).

Os encontros específicos com os jovens, as crianças e os idosos aconteciam sempre no sábado da missão. Percebeu-se que no quesito da fé religiosa acreditamos ter que ir mais além. O diálogo constante da fé antropológica e da fé religiosa deve existir. Ajuda evitar uma prática desencarnada. Previne uma fé alienada e alienante. Acua o falso moralismo. O povo no geral tem uma abertura ao transcendente. A consciência, o compromisso e a sequência como ato de fé, a ação fica muito aquém. O ideal é superar uma igreja de extensão e aderir a uma igreja de interação. A fé propositiva.

[...] entender a Igreja como sacramento da salvação, para Segundo, implica a descoberta de um dinamismo misterioso no interior da história humana que somente se torna visível e plausível aos olhos da fé. [...] Ser sacramento da salvação designa o elemento ativo (não ativista) do ser da Igreja no mundo. Fundamenta a missão porque indica movimento, ação, presença<sup>247</sup>.

Dentro do aspecto avaliativo das Santas Missões Populares da Assembleia Diocesana de 2008, realizada no período de 14 - 16 de novembro do referido ano, chamam a atenção a dimensão avaliativa sobre alguns pontos das Santas Missões Populares.

A pergunta que norteou a avaliação das Santas Missões foi a seguinte: “As SMP contribuíram ou dificultaram a evangelização em nossa paróquia?”. As repostas foram:

O entendimento da liturgia como fonte cume da espiritualidade da vida da Igreja;  
Formação dos Agentes Pastorais;  
Setorização das comunidades;  
Resgate histórico da comunidade;

<sup>246</sup> MOSCONI, 2012. p. 237 - 241.

<sup>247</sup> DE LIMA, 2005, p. 126.

Despertar das pastorais, movimentos e serviços (verdadeira “sacudida”);  
 Celebrações nas casas bem como visitas;  
 União entre as pastorais, movimentos e comunidades;  
 Presença de missionários externos;  
 Retiros paroquiais- fortalecimento da fé;  
 Resgate de pessoas afastadas da Igreja;  
 Surgimento de novos grupos de orações<sup>248</sup>.

Os participantes reunidos na Assembleia demonstram nos seus apontamentos, contribuições que as Santas Missões puderam proporcionar dentro de seu desenvolvimento. Aqui se destaca dois pontos importantes: 1- formação de agentes de pastorais; 2- Retiros paroquiais. A escolha desses dois temas se dá pelo fato de se entender que eles são diferentes, porém complementares.

A formação é necessária para que os leigos tenham a possibilidade de conhecer melhor a sua fé no que creem e possam também comunicar melhor essa eminência do Reino de Deus as pessoas que se encontram afastadas do convívio eclesial. Assim, estarão, de fato, tendo uma postura de maturidade no caminhar da fé<sup>249</sup> e assim dar testemunho de Jesus Cristo, o qual é base e centro da fé.

O outro ponto são os retiros espirituais, os quais proporcionam um momento de intimidade da fé com o encontro pessoal com Jesus Cristo, os missionários presentes nos retiros tiveram a oportunidade de contemplar Jesus e ouvir sua Palavra<sup>250</sup>, presente na sagrada escritura e na eucaristia. A partir desse encontro ter forças para poder anunciar Jesus alegremente<sup>251</sup> em sua vida.

A cada dia da semana missionária o envolvimento das pessoas crescia, independente de terem participado dos retiros e daí denominados missionários (as). Até as pessoas que não vivenciaram nenhum retiro passaram a acompanhar os missionários na visitação e encontros.

Dentro do que foi debatido, houve um levantamento dos principais problemas que afetavam as paróquias nos dias atuais (na época), em que as opiniões avaliaram desde a questão da falta de testemunho dos fiéis da Igreja, a falta de formação de modo geral, o pequeno quantitativo dos padres, diversidade religiosa e a falta de recursos financeiros<sup>252</sup>.

---

<sup>248</sup> RELATÓRIO DA 40ª ASSEMBLEIA DIOCESANA DE PASTORAL, 2008, p.3.

<sup>249</sup> cf. AG, 21.

<sup>250</sup> cf. MOSCONI, 2005, p. 216.

<sup>251</sup> cf. FI 4, 4.

<sup>252</sup> cf. RELATÓRIO DA 40ª ASSEMBLÉIA DIOCESANA, 2008, p.4.

Todos esses levantamentos com relação às dificuldades encontradas pelas paróquias foram motivo de análise no âmbito da Assembleia Diocesana, servindo como um pano de fundo para que as ações pastorais estivessem dentro de um planejamento que viesse a contemplar essa realidade, como de propor ações que visassem melhorar a conjuntura apresentada. Pois “os leigos colaboram na obra de evangelização da Igreja e participam da sua missão salvífica ao mesmo tempo como testemunhas e como instrumentos vivos sobretudo se [...] chamados por Deus<sup>253</sup>.

Destaca-se o protagonismo dos (as) leigos (as), em que se percebe uma doação maior de pessoas envolvidas com a causa evangelizadora e missionária, no âmbito das atribuições paroquiais. Esse sentido de ser agente de promoção da ação evangelizadora é um motivo a mais para que os homens e mulheres da Igreja possam ser esse reflexo de Jesus Cristo para o mundo.

Finalmente, a Hierarquia confia aos leigos certas tarefas mais intimamente ligadas aos deveres de pastores, como na exposição da doutrina cristã, em certos atos litúrgicos e na cura d'almas. Por força desta missão, os leigos no exercício de sua função estão de todos sujeitos à superior orientação eclesial<sup>254</sup>.

Aqui se percebe que os leigos têm uma importância basilar no que diz respeito a participação nos serviços ligados a pastoral da Igreja. Na ausência do sacerdote eles são as pessoas que devem realizar os atos litúrgicos, resultando numa missão confiada. A hierarquia nos dias de hoje não deve somente confiar, mas também estimular a participação dos leigos, buscando uma ação cada vez mais participativa destes na evangelização.

A reunião da Assembleia Diocesana ainda fez outro levantamento da questão da aplicação da missão em que foi feita a seguinte indagação: a partir do Documento de Aparecida e das Diretrizes da CNBB, o que sugerimos para superar esses desafios? A essa indagação as respostas conferidas pelos participantes foram:

Estudos de formação para os agentes de pastorais;  
Formação de conselhos;  
Dar continuação as SMP;  
Divulgação do trabalho pastoral;  
Renovação eclesial;  
Melhor distribuição dos padres;

---

<sup>253</sup> AG, 41.

<sup>254</sup> AA, 24

Partilha de experiências entre pastorais;  
 Círculos bíblicos;  
 Identificar a pastoral social;  
 Valorização dos ministérios leigos;  
 Diálogo e igualdade;  
 Educação para oração pessoal, familiar e comunitária;  
 Combate à corrupção e à impunidade;  
 Apoio e incentivo aos agentes de pastorais;  
 Criar e observar projetos alternativos nas comunidades;  
 Sair do comodismo para ir ao povo;  
 Promover a maior integração entre Diocese e Paróquia;  
 Regatar as CEBs e apoiá-las nas suas lutas;  
 Moralização dos sacerdotes;  
 Formação de uma coordenação diocesana missionária com diferentes linhas pastorais;  
 Fortalecimento das comunidades, tornando-as realmente uma rede de comunidades que formam a paróquia;  
 Que o bispo continue presente nas comunidades;  
 Apoio às pastorais sociais da Igreja, como a da criança e da pessoa idosa;  
 Planejamento integrado<sup>255</sup>.

Os participantes da Assembleia Diocesana entenderam que as propostas feitas à luz do documento de Aparecida e das Diretrizes da CNBB foram bastante categóricas em demonstrar a opinião das paróquias envolvidas no que diz respeito as propostas que foram levantadas.

Chegamos a um divisor de águas importante. A missão como ato apostólico ou simplesmente: o missionário é um evangelizador. Isto conota a Igreja, o “evangelizar é o centro da [sua] missão; ela existe para evangelizar”<sup>256</sup>. A inovação renunciada e acentuada com a “metodologia da formação missionária, contudo, depende muito da consciência e da dinâmica da Igreja particular como sujeito da missão”<sup>257</sup>.

O modo de ser e pensar eclesiológico necessitou passar por transformações, e conseqüentemente o agir missionário. A maneira pedagógica a diferença entre a proposição e a imposição, extensão – inclusão, Cristandade – integral, em vista da dignidade humana, da pessoa em sua totalidade<sup>258</sup>.

A capacidade de se confrontar com a realidade faz crescer. Todo excesso é sintoma que tem algo frágil que esforçam para esconder com receio de arriscar,

<sup>255</sup> RELATÓRIO DA 40ª ASSEMBLEIA DIOCESANA DE PASTORAL, 2008, p. 4 - 5.

<sup>256</sup> COMBLIN, 2010, p. 5.

<sup>257</sup> PINHEIRO, 1999, p. 71.

<sup>258</sup> cf. anexo III

mudar, sofrer, perder o poder. As posturas externam e refletem uma fragilidade das relações humanas.

A experiência religiosa profunda nunca será compreender o outro na sua totalidade, e sim ser com o outro. Tornar-se um outro no mundo para sentir a necessidade do outro, um ser relacional, ser relação. No simples fato de não nos compreendermos plenamente impede de entendermos o outro por completo. É a nossa limitação, mas se torna possível envolver invés de impor. Mudar a postura e manter o fundamental. O reflexo desse pensar e agir são perceptíveis na virada missionária.

Percebe-se a descentralização das atividades fazendo com que vá ao encontro das pessoas nas periferias da cidade, nos locais mais distantes. Outra questão positiva ser destacada aqui é alegria de ser comunidade. Sabe-se que o ser humano é um ser sociável, o qual em sua vida tem a necessidade de se viver entre pessoas, partilhando os momentos de convivência. Assim ter essa identidade de ser comunidade reflete justamente na questão da convivência a qual o ser humano tem uma vocação bem particular.

Como participantes do múnus de Cristo sacerdote, profeta e rei, os leigos participam ativamente na vida e ação da Igreja. No interior das comunidades da Igreja sua ação é tão necessária que, sem ela, o próprio apostolado dos pastores não poderia muitas vezes alcançar o seu pleno efeito. [...] Pois eles, nutridos pela participação ativa na vida litúrgica de sua comunidade, tomam parte de maneira solícita nas suas obras apostólicas [...]<sup>259</sup>.

Os leigos missionários (as) fazem pontes que interligam todos (as) nas mais diversas realidades, mesmo se encontrando nos diferentes centros urbanos ou rurais. Neste sentido, eles (as) se configuram como um suporte viável para o caminhar eclesial e comunitário, por meio da comunhão, vivência e atuação.

Atuando dessa forma, juntamente com os grupos paroquiais, associações e movimentos eclesiais, podem contribuir para revitalizar as paróquias, fazendo delas uma comunidade de comunidades. Em seu esforço de corresponder aos desafios dos tempos atuais, as comunidades eclesiais de base terão o cuidado de

---

<sup>259</sup> AA, 10.

não alterar o tesouro precioso da Tradição e do Magistério da Igreja<sup>260</sup>.

No âmbito paroquial, na rede de comunidades, sejam periféricas ou centrais, necessita-se de um apoio pastoral e missionário mais pragmático, que, de fato, possam fazer a diferença no que diz respeito a um processo evangelizador pastoral.

Percebe-se que, de fato, a missão pode ser um fator de impulso dentro da vida da comunidade paroquial, de modo que em sua ação saibam ter o correto equilíbrio entre o campo religioso e a dimensão social, pois entende-se que um não pode viver isolado do outro, mas devem antes serem vistos como elo de complemento, dentro de uma ótica libertadora e promotora do ser humano.

Assim, ao pregar a libertação e ao associar-se àqueles que operam e sofrem com o sentido de a favorecer, a Igreja não admite circunscrever a sua missão apenas ao campo religioso, como se se desinteressasse dos problemas temporais do homem; mas reafirmando sempre o primado da sua vocação espiritual, ela recusa-se a substituir o anúncio do reino pela proclamação das libertações puramente humanas e afirma que a sua contribuição para a libertação ficaria incompleta se ela negligenciasse anunciar a salvação em Jesus Cristo<sup>261</sup>.

A Igreja na condição de ser sacramental (sinal) de Jesus Cristo não pode ficar alheia ao contexto de sua comunidade, ao povo de seu rebanho. Inspirada na ação do divino Mestre deve estar atenta ao sofrimento de seu povo e compadecer-se, assim como fez o divino mestre<sup>262</sup>. A função dos missionários paroquiais e diocesanos é buscar e promover essa assistência e acompanhamento espiritual e social ao povo que se encontra desamparado. O missionário torna-se protagonista em um,

[...] processo co-participado de aproximação da verdade revelada. A missão evangelizadora, [...], é um processo educativo, cujo fim, [...], uma ação de circuito, pela qual quem ensina aprende na ação de ensinar e quem aprende ensina na ação de aprender<sup>263</sup>.

Sabemos a dificuldade de formar agentes transformadores. Aliado a isso o distanciamento bíblico e a recepção consciente da fé junto às massas. A sua ação é a própria força do Espírito ao ponto que:

---

<sup>260</sup> DAp, 179.

<sup>261</sup> EN, 34.

<sup>262</sup> cf. Mc 6, 34.

<sup>263</sup> DE LIMA, 2005, p. 149.



Ele exulta e ora no Espírito Santo, até o fim da sua vida, até o último grito e até a última entrega do seu Espírito nas mãos do Pai. Ele, como uma sarça ardente, se ofereceu em sacrifício em virtude de um Espírito eterno (cf. Hb 9, 14). E foi ressuscitado e constituído Filho de Deus com poder, segundo o Espírito (cf. Rm 1, 4). O Senhor é o Espírito. Ele é o Espírito vivificador (cf. sCor 3, 17; 1 Cor 15, 45)<sup>264</sup>.

O agir do missionário e da missionária é segundo o Espírito de Jesus que vem, também, do Pai. A formação continuada, os diversos momentos de oração sejam individuais e em especial comunitários através de manhãs de espiritualidade, retiros, desertos, entre outros, animam a missão e a jornada de quem a assume com convicção.

### **3.6.2. ALGUNS PROGRESSOS E REGRESSOS NO PROCESSO DAS SMP**

O aspecto avaliativo torna-se crucial em qualquer projeto adotado. No processo das Santas Missões Populares de maneira natural buscou-se avaliar os passos dados na caminhada dos anos de 2005 – 2008. Em uma das Trimestrais de 2009, vários pontos ligados à missão foram abordados. Aqui destacamos algumas características presentes nas comunidades que foram tidas como consequências positivas das SMP. O relatório da reunião aponta:

- Solidariedade entre as comunidades;
- Momentos celebrativos (mês mariano, CF, Natal em família), devoções populares;
- Imaturidade na fé;
- Estudo e celebração da Palavra (reuniões);
- Assembleias paroquiais;
- Iniciativa e protagonismo dos leigos e leigas;
- Dificuldade de assumir compromisso social;
- Falta de consciência da função/papel da comunidade;
- Centralização das lideranças/donos da comunidade ao invés de líderes;
- Valorização da quantidade e não da qualidade;
- Presença em algumas comunidades de líderes que assumam compromissos sociais;
- Dificuldade de convivência com novas comunidades. Isolamento e fechamento para o novo;
- Tendência maior ao diálogo entre comunidades diversas;
- Alegria de ser comunidade;
- Construção de todos (história e organização);
- Descentralização (ir à periferia);
- Trabalho articulado entre vários grupos;

---

<sup>264</sup> CPMGJ, 1997, p. 20.

Desarticulação das forças locais;  
Indiferentismo social;  
Muita oração e bastante escuta da palavra, mas pouca ação prática –  
vivência<sup>265</sup>.

A preparação conota intimidade com o conteúdo, o Evangelho (a pessoa de Jesus Cristo) a ser transmitido. Infelizmente, “muitos [...] permanecem na fase da improvisação, pensando que a espontaneidade pode substituir a ciência ou que a teologia, [...], pode gerar todas as respostas [...]”<sup>266</sup>. O conhecer dar-se-á através de um processo, consistência existente na “inter-relação permanente entre evangelização e realização; a cada passo de evangelização corresponde um passo de realização, e este exerce uma nova evangelização”<sup>267</sup>. Em constante continuação,

[...] Medellín afirma que a Igreja deve ser missionária [...]. Trata-se de uma Igreja voltada para fora de si mesma ao serviço do mundo, [...]. Este sopro missionário está muito bem expresso em *Ad Gentes*, [...]. Nele a missão é apresentada [...], como um traço central do conjunto da comunidade cristã.  
Puebla reitera a urgência missionária [...] e fala de “uma Igreja missionária que anuncia alegremente ao homem de hoje [...]”<sup>268</sup>.

A primeira Trimestral de Pastoral aconteceu no Centro de Treinamento Libânia Lopes Pessoa, na cidade de Mossoró, durante os dias 13 e 14 de março do ano de 2015. Os 114 participantes colaboraram com bastante entusiasmo na retomada do processo missionário diocesano. A assessoria do Pe. Luís Mosconi retomou a experiência missionária dos anos anteriores, memorou, refletiu em vista de uma avaliação de continuidade com os pontos:

- Missão não se repete, cria-se;
- Missão está andando pelo Brasil e fora do Brasil, caminhando, fazendo coisas boas;
- Que título podemos dar ao dia de [ontem], hoje e amanhã?  
Parada à beira da estrada da vida;  
Memória do caminho realizado até agora;  
Lembrar as coisas boas da época de missão na Diocese no período de 2005 – 2008.
- Esse negócio de missão é só para doido ou para todo mundo?
- Esse negócio de missão é luxo ou é necessidade?
- O que é que tem missão com a vida?
- O que é que a vida tem a ver com missão?

<sup>265</sup> RELATÓRIO DA II REUNIÃO TRIMESTRAL DE PASTORAL, 2009, p.6

<sup>266</sup> COMBLIN, 2002, p. 13.

<sup>267</sup> COMBLIN, 2002, p. 60.

<sup>268</sup> GUTIÉRREZ *in*: BEOZZO, 1985, p. 42.

- Por que missão? Por que missionário?

O aprofundamento das colocações externou aspectos interessantes e almeçados para uma opção missionária:

- A reforma das estruturas paroquiais;
- Conversão missionária;
- Anúncio concreto do Evangelho. O projeto de Deus...
  - não à uma economia [excludente];
  - não à cultura do descartável;
  - não à idolatria do dinheiro;
  - não à especulação financeira;
  - não à desigualdade que gera violência;
  - não à fuga dos compromissos;
  - não ao pessimismo estéril;
  - não à guerra entre nós;
  - sim às relações novas geradas para Jesus Cristo;
  - a intimidade da Igreja com Jesus Cristo é uma intimidade itinerante;
  - não quero uma Igreja preocupada em ser o centro;
  - não quero uma Igreja tranquila, quero uma igreja missionária;
  - quero uma Igreja pobre a serviço dos mais pobres;
  - eu sou uma missão nesta terra e para isto estou nesse mundo<sup>269</sup>.

A missão deve estar aberta a essa possibilidade de novos meios e caminhos, sem perder o rumo da estrada principal: Jesus Cristo. Neste sentido, devem ser consideradas as possibilidades novas, tendo como objetivo sempre as pessoas sedentas da Palavra de Deus<sup>270</sup>. Os missionários devem conter e oferecer Jesus, como a água que mata a sede de se conhecer os caminhos da salvação<sup>271</sup>.

Não basta mais oferecer paliativos, palavras de consolo, fazer de conta, [...]. Deve estar junto: agir junto, aprender junto, produzir junto, sofrer junto, conquistar junto, se elevar junto, fazer o caminho junto...<sup>272</sup>

Na missão o importante é transmitir com autenticidade o que foi recebido, “o ato de evangelizar [...] constitui por si própria o novo modo de ser”<sup>273</sup>. A mensagem e a experiência são únicas. Enriquece o portador e o receptor da mensagem transmitida. O testemunho é uma forma de anúncio da missão. A prática é a mais segura maneira de testemunhar o amor que recebemos.

A pessoa autônoma rege a própria vida. A tecnologia, as redes sociais e a valorização do individual ganham mais espaço, atenção, frente ao comunitário. O

<sup>269</sup> RELATÓRIO DA I REUNIÃO TRIMESTRAL DE PASTORAL, 2017, p. 3.

<sup>270</sup> cf. Sl 63, 2.

<sup>271</sup> Jo 4,13 - 14.

<sup>272</sup> COMBLIN, 2011, p. 6.

<sup>273</sup> COMBLIN, 2011, p. 37.

egoísmo e egocentrismo, o niilismo, as drogas (sejam lícitas ou ilícitas), a prostituição, o aumento dos crimes são sinais demonstrativos de que o ser humano tem a sua dignidade diminuída.

O ser humano perdeu o ponto de referência existencial; não possui mais relação com o Deus soberano que está acima do mundo. [...] O ser humano não pode, todavia, eliminar o dado objetivo no qual fundamenta o seu ser, ou seja, a relação pessoal com Deus. Assim [...], oscila constantemente entre o ser absorvido no mundo e o sentido de autonomia que se rebela contra o ser do mundo<sup>274</sup>.

Faz-se necessário ir ao encontro de todas as pessoas. A Igreja dá testemunho de que “todos os homens são chamados a [...] união com Cristo, que é luz do mundo”<sup>275</sup>. A missão tem a função de despertar a pessoa que se encontra na situação de inércia e de comodismo. A Igreja deve motivar para que possa sair do ostracismo, assim, com o exercício da fé na prática poderá reverter o quadro de dificuldade pessoal, comunitária ou social.

Podemos analisar alguns aspectos como a autonomia da pessoa. A massificação coloca em crise a identidade, “a nova cultura leva as pessoas a procurar, a cada momento, a religião que lhes convém”<sup>276</sup>, forja um novo jeito de pensar, agir e comportar-se. Incide uma individualização profunda; “crescem na lógica do individualismo pragmático e narcisista que desperta nelas mundos imaginários especiais de liberdade e igualdade”<sup>277</sup>. Ocorre a transferência do lugar social para a função social.

A visitação constante “[...] tratando da transformação missionária da Igreja, [...] fala da necessidade de uma renovação eclesial inadiável, que implica reforma de estruturas para favorecer a ação missionária e o diálogo com o mundo”<sup>278</sup>. O que se observou foi o desânimo ou inércia após as semanas missionárias. Uma diminuição de ritmo nas atividades missionárias na Diocese, na Paróquia e nas suas comunidades.

No cotidiano da vida das pessoas o pensar e agir religiosos estavam no centro. Muito se perdeu no tocante a prática religiosa. Vários locais que serviam ao rito sagrado hoje são pouco frequentados ou à mercê de novas práticas (servem de

---

<sup>274</sup> FORTE, 2006, p. 128.

<sup>275</sup> LG, 3.

<sup>276</sup> COMBLIN, 2002, p. 15.

<sup>277</sup> CNBB, 2007, 19.

<sup>278</sup> CNBB, 2014, Nº 81.

museu, locais turísticos...). A nova postura será “ter uma personalidade religiosa mais forte e somente as religiões personalizadas vencem”<sup>279</sup> o desafio de responder alguns anseios.

As mediações sócioanalíticas corroboram com o aprofundar teológico e a prática missionária, “o discípulo é uma pessoa comprometida, engajada de modo definitivo e radical”<sup>280</sup>. Uma das condições necessárias ao missionário é aprender na escola do Mestre. Perceber que “o Evangelho é um convite para ser aprendiz. [...] no qual] estudam e aprendem a praticar”<sup>281</sup>. A relação com os diversos contextos torna-se imprescindível ao dado de fé. Os bispos lançam um:

[...] olhar sobre a realidade brasileira, como discípulos missionários de Jesus Cristo, se dá em meio a luzes e sombras de nosso tempo. [...] A principal luz a nos iluminar no discernimento dos sinais dos tempos é a do Espírito de Deus. Aproveitamos a contribuição das ciências sociais e humanas na medida em que nos fazem conhecer melhor a realidade em que vivemos e clareiam suas causas<sup>282</sup>.

A iminência de cismas traz o risco do erro de fechar-se em nome de guardar a identidade mais pura da doutrina. Percebe-se que “as novas religiões que triunfam são aquelas introduzidas por pessoas com capacidades, com um dom pessoal, um talento para lidar com religião e relacionar-se com pessoas”<sup>283</sup>. Uma nova postura para reaproximar e religar a religião às pessoas torna-se crucial em um novo limiar civilizatório. Estamos em uma conjuntura delicada onde:

[...] as pessoas vivem angustiadas. As que têm condições econômicas favoráveis sofrem da falta de sentido, de gosto pela vida. [...] buscam então experiências espirituais que as ressuscitem, [...]. os pobres buscam saída para situação material e psíquica difícil<sup>284</sup>.

O impacto social sobre a identidade pessoal do indivíduo religioso é latente. Vale salientar que o ser religioso e antropológico faz-se presente na pessoa. Quase numa eterna dialética entre indivíduo e sociedade. Uma dança entre a subjetividade e a visão de mundo objetivo.

Passa a existir outra dificuldade, o risco de cristalizar o sagrado. Ao refletir e fixar um parâmetro específico para o cosmo sagrado os especialistas que falam em

---

<sup>279</sup> COMBLIN, 2002, p. 21.

<sup>280</sup> COMBLIN, 2010, p. 27.

<sup>281</sup> COMBLIN, 2010, p. 26.

<sup>282</sup> CNBB, 2007, 12.

<sup>283</sup> COMBLIN, 2002, p. 18.

<sup>284</sup> COMBLIN, 2011, p. 6.

nome da Igreja aprisionam o agir religioso. O crescimento da subjetividade causa grande desgaste do modelo oficial e a religiosidade individual.

Outros muitos aspectos estão passíveis de análises. Pensamos que os abordados no desenvolvimento do trabalho corroboram com a temática da missão e a sua recepção na experiência das Santas Missões Populares.

## CONCLUSÃO

O complexo tema missão possibilita diversas análises. Optamos como recorte a Diocese de Mossoró, no Estado do Rio Grande do Norte, Oeste Potiguar, e o recorte temporal de 2005 – 2008 enfocando a perspectiva das Santas Missões Populares iluminada pelos documentos da Igreja.

A missão da Trindade ajuda-nos a fundamentar a teologia da própria Trindade e automaticamente a das três pessoas e o nosso agir missionário. A fonte da missão é o amor frontal da Trindade que abraça o ser humano. E ao vim ao seu encontro eleva a sua dignidade criando uma promoção humana autêntica.

O Deus em sua sabedoria e bondade faz a revelação de si mesmo para o ser humano, dando-se a conhecer os seus desígnios. Neste sentido, revela-se por meio de Jesus Cristo, seu filho, o qual dá a conhecer o Espírito Santo, que ilumina a vida de todos os cristãos, fazendo com que participem da natureza divina. Deus na Pessoa de Jesus, fala ao ser humano, convive com eles e convida-os a estarem em comunhão com ele.

O Senhor em todo seu poder amoroso, não age de forma arrogante e isolada, no tocante a transmissão do conteúdo divino. Neste sentido, revelando-se humanamente em seu filho Jesus Cristo, dá-se a conhecer aos homens. Jesus por sua vez escolhe os colaboradores para realizarem a evangelização dos povos. Os apóstolos são os continuadores da obra missionária de Jesus, os quais, cumprem o processo de anuncia da Boa nova da salvação.

A fundamentação bíblica ajudou-nos a valorizar o sentido profundo da missão aliada as diversas citações do Magistério percebemos a importância da atualização para continuar a missão que Jesus Cristo confiou aos seus seguidores de levar a Boa Nova a todas as nações e povos. Nas primeiras comunidades cristãs estava presente o costume de vivência comunitária, união espiritual e concreta da vida.

Destacamos a importância da espiritualidade na constituição do discípulo missionário. A mística ajuda a aproximar a pessoa do divino e aprofundar o sentido do sim dado em anunciar o Evangelho. Na experiência missionária a face de Deus revela-se em cada momento ou situação. O fato que evidencia a presença trinitária

na ação do discípulo missionário como consequência da presença divina na sua própria vida.

Constatamos que nas paróquias e comunidades da Diocese os retiros paroquiais aconteceram após os retiros diocesanos inspirados nos mesmos. As orientações dadas nos diversos retiros foram colocadas em prática nas diversas semanas missionárias realizadas em cada paróquia na sua rede de comunidades.

Os mais diversos organismos, pastorais, serviços e movimentos envolveram-se neste amplo projeto diocesano. O bom trabalho exercido pelos ministros extraordinários da Sagrada Comunhão na missão de visitar os enfermos e doentes, a participação dos casais do Encontro de Casais com Cristo (ECC), a Legião de Maria, os (as) catequistas, os membros da pastoral litúrgica, os jovens e demais agentes de pastorais foram cruciais para a realização das Santas Missões Populares.

A acelerada mudança de época exige uma aproximação maior da realidade e adaptar a maneira contemporânea do agir missionário. Percebemos a necessidade de trabalhar mais a fundo a dimensão formativa. A união entre vida e fé na nossa prática missionária ao acolher e dá atenção às pessoas reforça uma maior aproximação entre a teoria e prática.

Apontamos alguns pontos. Entre outros pode-se formar escolas bíblicas a nível de Diocese e de paróquia e, se possível, a nível de comunidade. Expandir as celebrações da Palavra, em especial a dominical, nas comunidades, valorizando o leigo no seu múnus sacerdotal. Realizar dias de ação missionária durante o ano por setor missionário. Criar e manter os setores missionários em vista de facilitar os envolvimento das comunidades, dos agentes de pastorais e as pessoas das localidades.

Na dimensão catequética expandir a iniciação cristã a todas as comunidades. Focalizar em especial os jovens e adultos que estão sem nenhum tipo de acompanhamento, melhorando o contato com a Palavra de Deus e a vivência celebrativo. Isto será possível com o estudo permanente nos setores e grupos. A acolhida é muito importante, por isso pode-se criar e/ou valorizar a pastoral da acolhida.

A grande questão posta é a necessidade da Igreja essencialmente missionária. Os momentos altos são oportunos para despertar o ânimo. O perigo



está na acomodação. As comunidades ficarem esperando de tempos em tempos uma realização da semana missionária para desenvolver uma atividade missionária.

O movimento como ato de sair, ir ao encontro do (a) outro (a) ajuda-nos a encontrar Jesus Cristo presente no irmão e na irmã. Rompe as barreiras das periferias físicas (favelas, bairros distantes, etc) e as periferias espirituais que tanto nos tem falado o Papa Francisco. Ocupamos espaços distantes e ao fazer-nos próximos coloca-se em prática o ide e anuncia fruto do vinde e vede presentes nos evangelhos.

O sagrado é uma experiência que o ser humano tem com Deus. A pessoa mística faz experiência com o mistério da vida. Tal vivência inclui a totalidade do indivíduo. Faz missão quem ama verdadeiramente quem se deixa amar. Fica claro que o amor na perspectiva cristã não é somente um sentimento, é um compromisso, uma decisão.

Dessa forma, a atitude religiosa cristã deve viver uma ritualização, um ciclo constante de cair em si, para, tomar a vida nas próprias mãos e fazer história: é preciso dar sentido, e para isto acontecer, deve-se voltar a essência missionária.

As semanas missionárias paroquiais são importantes e precisam continuar a existir. Os retiros em preparação as semanas surgem como pertinentes pelo fato de mobilizar uma quantidade expressiva dos que são envolvidos diretamente nas pastorais, nos serviços e nos movimentos. A preocupação é que esses momentos se tornem eventos ocorridos em temporadas de 5anos, 10 anos ou em um intervalo maior.

A proposta de missão, evangelização, apresentada nos documentos da Igreja é de resgatar o essencial da missão contido na Bíblia e a partir disto criar uma consciência batismal. Isso quer dizer que todos e todas ao receber a fé transmitida no batismo tornam-se sacerdotes, profetas e reis. Segundo estes múnus testemunhas de Jesus Cristo, da sua ação redentora.

Alguns meios podem ajudar o permanente estado de missão. A articulação junto ao Conselho Pastoral Paroquial, as constantes formações diocesanas e paroquias, o aprofundar da responsabilidade comum da missão junto às pastorais, aos serviços e movimentos. As periferias físicas e espirituais necessitam da presença da Igreja. As Semanas Missionárias ajudaram a reacender o ânimo dos missionários e missionárias.

Analisamos e chegamos a conclusão que durante os Retiros Diocesanos, os Retiros Paroquiais, as reuniões específicas, as diversas articulações, as Semanas Missionárias e durante as atividades houve um engajamento importante.

Contudo, após as Semanas Missionárias aconteceu uma diminuição significativa da ação missionária. Voltando as atividades corriqueiras de celebrações pontuais, manutenção das pastorais, dos serviços e dos movimentos como que a motivação missionária estivesse resumida a realização da Semana Missionária.

Ao concluir esta pesquisa ratificamos a hipótese que a Igreja de Mossoró vive uma experiência missionária continuada. Os objetivos de analisar a experiência das Santas Missões Populares na Diocese de Mossoró 2005 – 2008: à luz do Magistério da Igreja foi alcançado apoiada no referencial teórico proposto. Explicitar alguns fundamentos bíblicos e contextualizar a realidade diocesana ajudaram a analisar a sua ação missionária.

As experiências missionárias colaboraram com a valorização e em determinada medida consciência dos missionários e missionárias, mas ainda falta muito para se chegar e manter em um estado permanente de missão.

## ANEXO I

No tocante ao esquema, estrutura e conteúdo os estudiosos diferem. A opção em elaborar este quadro<sup>285</sup> foi um enfoque didático com vista a privilegiar uma visão missiológica.

<b>TÍTULO / CONTEÚDO</b>	<b>TEXTO</b>
<b>Prólogo:</b>	1, 1 – 18
<b>O ministério de Jesus</b>	1, 19 – 12, 50
Preparação	1, 19 – 51
O testemunho de João Batista	1, 19 – 34
Os primeiros discípulos	1, 35 – 41
<b>Início da vida pública</b>	2, 1 – 4, 54
1º sinal – Bodas de Caná	2, 1 – 12
Purificação do Templo e Nicodemos	2, 13 – 3, 21
Último testemunho de João Batista	3, 22 – 36
Jesus na Samaria	4, 1 – 42
2º sinal – cura do filho de um funcionário real	4, 43 – 54
<b>O ministério de Jesus</b>	5, 1 – 10, 39
3º sinal – cura do paralítico e discursos	5, 1 – 47
4º sinal – multiplicação dos pães	6, 1 – 15; 22 – 71
5º sinal – Jesus caminha sobre as águas	6, 16 – 21
Ensino e polêmica em Jerusalém	7, 1 – 52
A mulher adúltera e a Luz do mundo	8, 12 – 59
5º sinal – o cego de nascença	9, 1 – 41
O bom pastor	10, 1 – 21
Festa da dedicação	10, 22 – 39
<b>Conclusão do ministério</b>	10, 40 – 12, 50
6º sinal – ressurreição de Lázaro	10, 40 – 11, 44
Decidem matar Jesus	11, 45 – 55
Unção em Bethânia e entrada em Jerusalém	12, 1 – 50

<sup>285</sup> Ao formular a estrutura baseamo-nos na Bíblia de Jerusalém (ver a introdução ao evangelho de João e as perícopes), e no Dicionário Bíblico (cf. MCKENZIE, 1983, p. 493 – 495).

<b>Paixão e ressurreição</b>	13 – 21
Última ceia	13, 1 – 31
Despedida	14, 1 – 31
A videira verdadeira e o E. S.	15 – 16
Oração final	17, 1 – 26
A paixão	18, 1 – 19, 42
Ressurreição – aparições	20, 1 – 29. 21, 1 – 23
Conclusões	20, 30 – 31. 21, 24 – 25

## ANEXO II

Vamos seguir o modelo bastante didático apresentado pela Bíblia de Jerusalém que divide em Título, Texto I e Texto II. Baseado nessas informações montamos o seguinte quadro do livro do Apocalipse:

<b>TÍTULO</b>	<b>TEXTO I</b>	<b>TEXTO II</b>
O livrinho devorado		10, 1 – 2 <sup>a</sup> . 3 – 4. 8 – 11
Satanás contra a Igreja		12, 7 – 12
A Besta contra a Igreja	12, 1 – 6. 13 – 17	13
Anúncio e preâmbulos do Grande Dia da ira	4 – 9; 10, 1. 2b. 5 – 7; 11, 14 – 18	14 – 16
Apresentação de Babilônia	17, 1 – 9. 15 – 18	17, 10. 12 – 14
Queda da Babilônia	18, 1 – 3	cf. 14, 8
Os eleitos preservados		18, 4 – 8
Lamentação sobre a Babilônia	18, 9 – 13. 15 – 19. 21. 24	18, 14. 22 – 23
Cantos de triunfo	19, 1 – 10	18, 20
O reino messiânico	20, 1 – 6	
O combate escatológico	20, 7 – 10	19, 11 – 21
O julgamento	20, 13 – 15	20, 11 – 12
A Jerusalém futura	21, 9 – 22, 2. 6 – 15	21, 1–4; 22,3–5
As duas testemunhas		11, 1 – 13. 19

## REFERÊNCIAS

### FONTES PRIMÁRIAS

**JORNAL O MOSSOROENSE** – 16/09/1934.

CÂMARA, Dom Jaime de Barros. **Carta Circular Nº 14**. Mossoró: Arquivo da Cúria Diocesana, 20 de maio de 1938.

**DIOCESE DE SANTA LUZIA DE MOSSORÓ: ANUÁRIO**. Mossoró; Arquivo da Cúria Diocesana, 2019.

**RELATÓRIO DA II REUNIÃO TRIMESTRAL DE PASTORAL**. Mossoró: Arquivo da Cúria Diocesana, 2009.

**RELATÓRIO DA 40ª ASSEMBLEIA DIOCESANA DE PASTORAL**. Mossoró: Arquivo da Cúria Diocesana, 2008.

### BIBLIOGRAFIA

ACCIOLI, Roberto B.; TAUNAY, Alfredo D'E. **História geral da civilização brasileira**: das origens à atualidade. 1ª Edição. Petrópolis: Edições Bloch, 1973.

ANDRADE, Aíla L. Pinheiro. **A maneira de Melquisedeque**: O Messias segundo o Judaísmo e os desafios da cristologia no contexto neotestamentário e hoje. Belo Horizonte: FAJE, 2008.

ARCHER, Gleason L.; HARRIS, R. Laird; WALTKE, Bruce K. **Novo Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

**BÍBLIA DE JERUSALÉM**. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 2008.

**BÍBLIA DO PEREGRINO**. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2011.

BROWN, Colin; COENEN, Lothar. **Dicionário de Teologia do Novo Testamento**. 2ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

FORTE, Bruno. **Um apelo pelo outro** – Por uma ética da Transcendência. São Paulo: Paulinas, 2006.

CAVALCANTE, Mons. Francisco de Sales. **Subsídio para a História Religiosa de Mossoró**: em comemoração aos 150 anos da Paróquia de Santa Luzia. 2ª Edição. Mossoró: FUSERN, 1992.

CHAVALAS, Mark; MATTHEWS, Victor; WALTON, John. **Comentário bíblico Atos: Antigo Testamento**. Belo Horizonte: Atos, 2003.

COMISSÃO PASTORAL E MISSIONÁRIA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000. **O Espírito que é Senhor e dá a vida**. São Paulo: Paulinas, 1997.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2008-2010**. Brasília: Edições CNBB, 2007.

\_\_\_\_\_. **A Paróquia no Concílio Vaticano II e no Magistério Pontifício Posterior**. Brasília: Edições CNBB, 2014.

COMBLIN, José. **Desafios aos cristãos do século XXI**. 4ª ed. São Paulo: Paulus, 2011.

\_\_\_\_\_. **Evangelizar**. São Paulo: Paulus, 2010.

\_\_\_\_\_. **Os desafios da cidade no século XXI**. São Paulo: Paulus, 2002.

COSTA, Francisco Rodrigues da. **Folhas de Outono**. Mossoró: Sarau das Letras, 2008.

COX, Leo G.; DEASLEY, A. R. G.; DU BOIS, Lauriston J.; FORD, Jack; LIVINGSTON, George Hebert; KINLAW, Dennis F. **Comentário Bíblico Beacon: Gênesis a Deuteronômio**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2012.

**COMPÊNDIO DO VATICANO II: AD GENTES**. 29ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

**COMPÊNDIO DO VATICANO II: APOSTOLICAM ACTUOSITATEM**. 29ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

**COMPÊNDIO DO VATICANO II: DEI VERBUM**. 29ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

**COMPÊNDIO DO VATICANO II: LUMEN GENTIUM**. 29ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

DE ANDRADE, Claudionor Corrêa. **Dicionário Teológico**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1998.

DE LIMA, Degislano Nóbrega. A criteriologia missiológica subjacente à eclesiologia de Juan Luis Segundo. *IN*: SOARES Afonso Maria Ligorio (org). **Dialogando com Juan Luis Segundo**. São Paulo: Paulinas, 2005.

**DICIONÁRIO AURÉLIO**. São Paulo: Ática, 1998.

**DICIONÁRIO BÍBLICO DE ALMEIDA.** 2ª Ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

**DOCUMENTOS DE PAULO VI: EVANGELII NUNTIANDI.** São Paulo: Paulus, 1997.

**DOCUMENTOS DE JOÃO XXIII: PACEM IN TERRIS.** São Paulo: Paulus, 1998.

**DOCUMENTOS DE JOÃO XXIII: PRINCEPS PASTORUM.** São Paulo: Paulus, 1998.

DONNER, Herbert. **História de Israel e dos povos vizinhos** – da época da divisão do Reino até Alexandre Magno. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1997.

DUQUOC, Christian. **A Teologia no Exílio** – O desafio da sobrevivência da Teologia na cultura contemporânea. Petrópolis: Vozes, 2006.

EUSÉBIO DE CESARÉIA. **História Eclesiástica.** 2ª Ed. São Paulo: Paulus, 2000.

FERGUNSON, Sinclair B.; PACKER, J. I.; WRIGHT, David F. **Novo Dicionário de Teologia.** São Paulo: Hagnos, 2011.

Federação Internacional das Universidades Católicas – FIUC (org.). **50 anos após o Concílio Vaticano II: teólogos do mundo inteiro deliberam.** São Paulo: Paulinas, 2017.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **O Concílio Vaticano II na América Latina.** *in:* BEOZZO, José Orcar (Org.). **O Vaticano II e a Igreja Latino-Americana.** São Paulo: Paulinas.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre História.** 4ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LIBÂNIO, João Batista. **Cenários da Igreja: num mundo plural e fragmentado.** 5ª Ed. São Paulo: Loyola, 2012.

LOPES, Geraldo. **Gaudium et Spes:** texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2011.

KIDNER, Derek. **Gênesis – introdução e comentário.** 8ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 2001.

MENDONÇA, José Tolentino. **A construção de Jesus.** A dinâmica narrativa de Lucas. São Paulo: Paulinas, 2018.

MESTERS, Carlos. **Missão do povo que sofre.** Os Cânticos do Servo de Deus no Livro do Profeta Isaías. Petrópolis: Vozes, 1981.

MCKENZIE, John L. **Dicionário Bíblico.** 5ª Ed. São Paulo: Paulus, 1983.

MOSCONI, Pe Luís. **A vida é uma missão** – para uma missiologia popular. Belém: Marques Editora, 2012.

MOSCONI, Pe Luís. **As Santas Missões Populares** – uma experiência de evangelização voltada para as massas. São Paulo: Paulinas, 2005.

MORE-HATZAMRI, Shoshana; HARTZAMRI, Abraham. **Dicionário: português-Hebraico e Hebraico-Português**. 3ª Ed. São Paulo: Sêfer, 2014.

PACKER, J. I.; TENNEY, Merrill C.; WHITE JR, William. **O mundo do Antigo Testamento**. 8ª Ed. São Paulo: Vida, 2002.

PINHEIRO, José Ernanne. Missão e serviço. In: DONEGANA, Costanzo. (org.). **Terceiro Milênio - o desafio missionário**. São Paulo: Ave Maria, 1999.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 2008.

SENIOR, Donald; STUHLMUELLER, Carroll (Org.). **Os Fundamentos Bíblicos da Missão**. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.

STRONG, James. **DICIONÁRIO BÍBLICO STRONG** – léxico hebraico, aramaico e grego. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

VANGEMEREN, Willem A. **Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento – vol II**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

\_\_\_\_\_. **Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento – vol IV**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

VINE, W. F.; UNGER, Merrill F.; WHITE JR., William. **DICIONÁRIO VINE: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e Novo Testamento**. Rio de Janeiro: Casas Publicadoras das Assembléias de Deus, 2002.

XAVIER, Donizete José; SILVA, Maria Freire da. In: **Pensar a fé teologicamente**. São Paulo: Paulinas, 2007.